



PPGI&A
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS & ARTES

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E ARTES

TAMHARA AGUIAR COSTA

**VARIAÇÕES FONÉTICAS NO FALAR UATUMAENSE: UMA ABORDAGEM
SOCIOLINGÜÍSTICA**



PPGL&A
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS & ARTES

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E ARTES

TAMHARA AGUIAR COSTA

**VARIAÇÕES FONÉTICAS NO FALAR UATUMAENSE: UMA ABORDAGEM
SOCIOLINGÜÍSTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes do Curso de Mestrado Acadêmico em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Letras e Artes. **Área de concentração:** Representação e interpretação artística, literária e linguística.

Linha de Pesquisa: Linguagem, discurso e práticas sociais.

Orientador: Prof. Dr. Valteir Martins

Financiamento: FAPEAM/Bolsa de pesquisa.

Manaus – AM

2019

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

876v Costa, Tamhara Aguiar
Variações fonéticas no falar uatumaense: Uma abordagem sociolinguística. / Tamhara Aguiar Costa.
Manaus : [s.n], 2019.
130 f.: color.; 30 cm.

Dissertação - Programa de pós-graduação em Letras e Artes - PPGLA - Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2019.
Inclui bibliografia
Orientador: Valteir Martins

1. Sociolinguística. 2. Fonologia Lexical. 3. Monotongação. 4. Alçamento. 5. Enfraquecimento. I. Valteir Martins (Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Variações fonéticas no falar uatumaense: Uma abordagem sociolinguística.

Elaborado por Jeane Macelino Galves - CRB-11/463

TAMHARA AGUIAR COSTA

**VARIAÇÕES FONÉTICAS NO FALAR UATUMAENSE: UMA ABORDAGEM
SOCIOLINGUÍSTICA**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Valteir Martins

(Orientador/Presidente)

Universidade do Estado do Amazonas – PPGLA/UEA

Prof^a. Dr^a. Raynice Geraldine Pereira da Silva

(Membro titular externo)

Universidade Federal do Amazonas –UFAM

Prof^a. Dr^a. Silvana Andrade Martins

(Membro titular interno)

Universidade do Estado do Amazonas – PPGLA/UEA

Manaus – AM

2019

DEDICATÓRIA

Dedico este à duas mulheres fortes que sempre me inspiraram: Minha avó **Gertrudes Pereira da Costa** (*in Memoriam*) e minha tia **Dores Day Pereira da Costa** (*in memoriam*). Levo no coração o exemplo de ser humano e de bondade que elas deixaram!

Dedico também ao meu pai **Fernando Washington**, que sempre foi e sempre será para todo sempre o meu exemplo maior a ser seguido. Seus conselhos, sua torcida, seu apoio, até mesmo os ralhos foram essenciais para que eu tivesse a motivação para seguir em frente. Sempre foi por você, meu velho!

À minha mãe **Ieda Aguiar**, a mulher mais guerreira e forte que conheço. Mulher que me criou para ser resistente, sonhadora e destemida. Seu amor me deu norte e me fizeram aguentar firme todas as provações (que não foram poucas!). Não sei se sou o que ela sonhou, mas é para ela que me esforço todos os dias.

Aos meus filhos **Ênio** e **Abner**, dedico cada lágrima caída de saudade deste trabalho. Foram dias e meses de ausência, entre idas e vindas, abraços e promessas de que tudo ficaria bem. Vocês são o meu combustível!

AGRADECIMENTOS

À **Deus**, pela benção da vida e pelos caminhos retos que tento seguir. Somente a fé e a perseverança me fizeram realizar esse trabalho. A tua promessa foi cumprida!

Ao meu orientador, **Prof. Dr. Valteir Martins** agradeço pelos conhecimentos que adquiridos durante a passagem pela graduação, agora também no mestrado e os conhecimentos que levarei para a vida. Agradeço por ter influenciado o meu gosto para os estudos variacionistas e por cultivar em mim sementes prósperas da fonologia.

Aos meus filhos amados **Ênio** e **Abner**, agradeço pelos abraços e cheiros nos dias difíceis, são pois, a minha maior motivação de querer vencer todos os obstáculos da vida. Obrigada por todo amor que transborda em mim!

Aos meus pais **Ieda Aguiar** e **Fernando Washington** por sempre apoiar os meus estudos e cuidar de mim em todos os momentos. Sou grata pelo amor incondicional que recebo de vocês, amor esse que me faz querer ser uma pessoa melhor, que me faz crer e assim nunca desistir. A minha dívida com vocês é maior do que a minha com Bradesco. Obrigada por serem os melhores “pai-trocinadores” que eu poderia ter!

Ao meu tio **Frank Linconl**, por ser meu melhor amigo, por me motivar, por sempre ter acreditado que eu conseguiria realizar meus sonhos. Grata sou pelas palavras molhadas com amor e cerveja que me deram e dão energia pra seguir sempre em frente.

Aos meus irmãos **Talles Lennon**, **Tande Harrison** e **Tamires Aguiar**, pelo apoio, por cuidarem dos meus filhotes na minha ausência, pela tocida organizada que fizeram por mim durante toda minha vida!

À minha amiga **Ana Augusta Simas**, pelo apoio na fase inicial desse trabalho. Pelas orientações e dicas que foram essenciais no processo de seleção. Tens minha sincera gratidão!

À minha amiga **Karina Santos**, agradeço pela amizade, apoio, força, suporte, torcida! Pela lealdade que se construiu e se firmou nos bancos do PPGLA e sei que será para todo sempre. A tua companhia tornou essa caminhada árdua um pouco mais suave e leve.

Aos meus primos **Afrahin Batista** e **Élida Batista**, pela mão amiga nas horas de angústia, pelas palavras de sabedoria que me guiaram para a luz, por estarem perto e cuidando, sendo base e porto seguro. Família é isso.

À Professora **Jocilene Silva** e minha amiga **Nathalie Barros**. Obrigada pelo acolhimento e aconchego. Serei eternamente grata por todo apoio que me deram.

Aos meus amigos que o PPGLA me deu: **Heitor Ruy, Jussara Araújo, Cinthia Sabóya, Flávia Procópio, Rodrigo Araújo, Célia Silva, Tharine Oliveira, Camila Evangelista, Antonina Minenkova e Joyce Martins**. Levarei em meu coração todos os nossos momentos desse nosso sonho.

Aos meus ilustres professores de curso: **Dra. Silvana Andrade, Dra. Claudiana Nair Narzetti, Dra. Luciane Páscoa, Dra. Evany Nascimento, Dr. Carlos Renato**, agradeço por todo conhecimento fornecido para a construção deste trabalho.

Aos **informantes** do município de São Sebastião do Uatumã, em especial aos idosos. Obrigada por serem tão solícitos ao trabalho, por compartilharem seus costumes, seus falares e sua sabedoria popular!

À **PMSSU**, pelo fornecimento de passagens via fluvial e terrestre para que eu pudesse vir a capital estudar as disciplinas e ter as orientações da pesquisa.

À **FAPEAM**, agradeço grandemente pelo suporte financeiro concedido através de bolsa de estudos.

À todos que direta e indiretamente me ajudaram na realização desta conquista! Até mesmo quem torceu contra ou tentou me prejudicar de alguma forma, eu agradeço. Foi nas adversidades que me tornei forte e consegui forças para nunca desistir!

EPÍGRAFE

O tempo altera todas as coisas; não há razão para que a língua escape a esta lei universal”.

(Ferdinand Saussure)

RESUMO

Esta pesquisa se propôs investigar, sob a luz da Sociolinguística, variações fonético-fonológicas, referentes aos fenômenos: da monotongação, do alçamento de vogais posteriores e do enfraquecimento de fricativas [h], [v], [s], [ʃ] e [ʒ], observados na fala dos habitantes de São Sebastião do Uatumã, município do estado Amazonas. O referido estudo foi resguardado teoricamente pelos pressupostos de Labov (2008), Tarallo (2007), Calvet (2002), Hoch (1986), Leben (1973), Lee (2009), Kiparsky (1983, 1999), Câmara Jr. (2011) e Bisol (2001, 2005, 2014). De acordo com os procedimentos propostos pela sociolinguística, constituiu-se um corpus que contou com dados extraídos da fala de 24 informantes, distribuídos em três grupos representativos: faixa etária, grau de escolaridade e gênero. Na análise dos dados procurou-se desvelar os fatores linguísticos e sociais favorecedores da ocorrência dos fenômenos encontrados. Os dados foram coletados a partir de entrevistas em formato *DID* (Documentor- Informante-Documentador) que foram transcritas de acordo com as normas estabelecidas por Marcuschi (2003). Com esses dados, fez-se a rotação no programa computacional *Gold Varb X*, que gerou os dados estatísticos e sociais da pesquisa. A interpretação dos resultados deu-se por meio dos preceitos da Fonologia Lexical e da teoria do Princípio do Contorno Obrigatório –(PCO) que esclareceram os fenômenos que envolvem as variações linguísticas em questão e os processos fonológicos envolvidos na formação dessas variações. As análises apontaram os seguintes resultados: I - A monotongação ocorre nesse falar, abarcando todos os grupos sociais investigados. II - O alçamento é variação característica do falar de 99% de informantes da faixa etária 3, considerando-o uma variação diageracional. III - O enfraquecimento das fricativas apresentou-se na fala dos informantes inclusos no grupo dos não escolarizados, alternando na fala monitorada e na fala não-monitorada.

Palavras-chave: Sociolinguística, Variedades Linguísticas, Fonologia, Alçamento, Monotongação, Enfraquecimento.

ABSTRACT

This research to investigate, in the light of Sociolinguistics, phonetic-phonological variations, referring to the following phenomena: monotonization, raising of posterior vowels and weakening of fricatives [h], [v], [s], [ʃ] and [ʒ], observed in the speech of the inhabitants of São Sebastião do Uatumã, municipality in the state of Amazonas. This study was theoretically guarded by the assumptions of Labov (2008), Tarallo (2007), Calvet (2002), Hoch (1986), Leben (1973), Lee (2009), Kiparsky (1983, 1999), Câmara Jr. (2011) and Bisol (2001, 2005, 2014). In accordance with the procedures proposed by sociolinguistics, a *corpus* was constituted with data extracted from the speech of 24 informants, distributed in three representative groups: age group, educational level and gender. In the analysis of the data, it was sought to reveal the linguistic and social factors that favored the occurrence of the phenomena found. Data were collected from interviews in DID format (Documentor-Informant-Documenter) that were transcribed according to the rules established by Marcuschi (2003). With these data, the computer program *Gold Varb X* was run, which generated the statistical and social data of the research. The results were interpreted through the precepts of Lexical Phonology and the theory of the Mandatory Outline Principle - (PCO) that clarified the phenomena that involve the linguistic variations in question and the phonological processes involved in the formation of these variations. The analyses showed the following results: I - Monotonization occurs in this speech, covering all investigated social groups. II - Raising is a characteristic variation of the speech of 99% of informants aged 3, considering it a diagenational variation. III - The weakening of fricatives was present in the speech of the informants included in the group of non-schoolchildren, alternating between monitored and non-monitored speech.

Keywords: Sociolinguistics, Linguistic Varieties, Phonology, Raising, Monotonization, Weakening.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 01: Microrregião de Parintins.....	17
IMAGEM 02: São Sebastião do Uatumã.....	18
IMAGEM 03: Trajeto Terrestre.....	19
IMAGEM 04: Primeiros Habitantes.....	21
IMAGEM 05: Attalea Maripá.....	24
IMAGEM 06: Material Cerâmico.....	25
IMAGEM 07: Escavação nas Comunidades Rurais.....	26
IMAGEM 08: Igreja Matriz de São Sebastião.....	28
IMAGEM 09: Festa do Tucunaré.....	29
IMAGEM 10: Processos da Fonologia Lexical.....	56
IMAGEM 11: O fenômeno do PCO.....	58
IMAGEM 12: Exemplo do PCO.....	59
IMAGEM 13: Hierarquia do Enfraquecimento.....	60

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01: Principais Festividades.....	28
QUADRO 02: Distribuição dos Informantes nas células sociais.....	34
QUADRO 03: Entrevista Sociolinguística.....	35
QUADRO 04: Modelo de Ficha Social.....	36
QUADRO 05: Normas para Transcrição.....	39
QUADRO 06: Inquéritos.....	40
QUADRO 07: Análise Individual por Inquérito.....	42
QUADRO 08: Exemplos de Monotongaço.....	43
QUADRO 09: Exemplos de Alçamento.....	43
QUADRO 10: Exemplos de Enfraquecimento.....	44
QUADRO 11: Grupos Sociais.....	45
QUADRO 12: Codificação das Variantes linguísticas.....	46
QUADRO 13: Variação Diafásica I.....	53
QUADRO 14: Variação Diafásica II.....	53
QUADRO 15: Ciclos da Fonologia Lexical.....	57
QUADRO 16: Processo de Enfraquecimento.....	61

LISTA DE SIGLAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

RDS – Reserva de Desenvolvimento Sustentável.

PMSSU – Prefeitura Municipal de São Sebastião do Uatumã.

FL – Fonologia Lexical.

PCO – Princípio do Contorno Obrigatório.

NURC – Norma Urbana Oral Culta.

DID – Documentor Informante Documentador.

IPA – *International Phonetic Alphabet* (Alfabeto Fonético Internacional).

EF – Ensino Fundamental.

EM – Ensino Médio.

ES – Ensino Superior.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1: O MUNICÍPIO DE SÃO SEBASTIÃO DO UATUMÃ – AM.	17
1.1 Microrregião de Parintins	17
1.1.1 Aspectos Geográficos.....	178
1.1.2 Aspectos Históricos.....	20
1.1.3 Aspectos Linguísticos	23
1.1.4 Aspectos Arqueológicos.....	25
1.1.5 Aspectos Socioeconômicos	26
1.1.6 Aspectos Culturais.....	27
CAPÍTULO 2: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	30
2.1 Procedimentos Metodológicos.....	30
2.1.1 A Natureza da Pesquisa.....	31
2.1.2 A Seleção dos Informantes.....	32
2.1.3 O Instrumento de Coleta	34
2.1.4 A Coleta de Dados.....	37
2.1.5 Transcrição dos Dados	38
2.2 O Tratamento das Variações.....	41
2.2.1 As variações encontradas	42
2.2.2 Análise Quantitativa.....	44
CAPÍTULO 3: APORTE TEÓRICO	47
3.1 A SOCIOLINGUÍSTICA E SEUS FUNDAMENTOS.....	47
3.1.1 Primeiros Estudos Sociolinguísticos	48
3.1.2 Variações Linguísticas	49
3.1.2.1 Variação Diafásica	51
3.2 A FONOLOGIA DO PORTUGUÊS.....	54
3.2.1 Fonética e Fonologia	55
3.3 TEORIA DA FONOLOGIA LEXICAL.....	56

3.4	TEORIA DO PRINCÍPIO DO CONTORNO OBRIGATÓRIO (PCO)	58
3.5	TEORIA DO ENFRAQUECIMENTO	59
3.3	OS FENÔMENOS EM ESTUDO	61
3.3.1	O Fenômeno da Manotongação.....	61
3.3.1.1	Estudos anteriores referentes à Monotongação.....	63
3.3.2	O Fenômeno do Alçamento.....	67
3.3.2.1	Estudos anteriores referentes ao Alçamento	68
3.3.3	O fenômeno Enfraquecimento das fricativas	70
3.3.3.1	Estudos anteriores referentes ao Enfraquecimento das Fricativas	72
CAPÍTULO 4: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS		75
4.1	MONOTONGAÇÃO.....	75
4.1.1	Monotongação na Morfologia Verbal.....	75
4.1.2	Monotongação da terceira pessoa do singular.....	76
4.1.3	Monotongação da terceira pessoa do plural	77
4.1.4	Monotongação e o Alçamento da vogal dorsal [o]	83
4.1.5	Monotongação Nominal.....	87
4.2	ALÇAMENTO DE VOGAIS POSTERIORES [o] →[u]	89
4.3	ENFRAQUECIMENTO DAS FRICATIVAS	90
4.3.1	Fricativa alveolar surda que vai glotal surda.....	91
4.3.2	Fricativa labiodental surda que vai para glotal surda.....	92
4.3.3	Fricativa pós-alveolar sonora que vai para glotal surda.....	93
4.3.4	Apagamento da fricativa glotal surda [h]→ [ʒ].....	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS		96
REFERÊNCIAS		98

INTRODUÇÃO

Descrever as variações presentes na fala de determinada região é o cerne de estudos sociolinguísticos atuais. A pesquisa denominada “Variações fonéticas no falar uatumaense: uma abordagem sociolinguística” tem como objetivo principal fazer a descrição das variações encontradas na fala dos moradores do referido município através de uma abordagem sociolinguística.

A finalidade deste trabalho é buscar e analisar por meio de dados estatísticos (matemáticos) a ocorrência do uso das variações linguísticas (monotongação, alçamento e enfraquecimento) no falar uatumaense. Também se pretendeu identificar quais são os fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem a utilização dessas variantes. Uma abordagem quantitativa torna a pesquisa fidedigna aos resultados que se buscou alcançar e permite a explanação de uma interpretação ampla e segura.

A natureza variável da língua é pressuposto da sociolinguística, a partir disso qualquer estudo deste ramo visa observação, descrição e interpretação do comportamento linguístico de comunidades sociais. E essas diferenças na linguagem, observáveis no âmbito de qualquer dialeto, sob a ótica dessa teoria, são fatores inerentes ao fenômeno linguístico. Conforme Alkmim (2004, p. 33), “[...] qualquer língua é representada por um conjunto de variedades”.

Assim sendo, a presença da variação é fato constante na linguagem humana. A língua falada no cotidiano, o povo falante e a história da comunidade são pontos-chaves quando se investigar o dialeto de qualquer localidade. Essa harmonia entre falante e língua é indissociável quando se analisa fatos sociolinguísticos.

Para se analisar a linguagem através de um enfoque sociolinguístico neste município, fez-se necessário verificar a diversidade linguística de caráter social e geográfico apresentado deste ambiente. Labov (1972) enfatiza que a variação existe em todas as línguas naturais humanas, é inerente ao sistema linguístico, ocorre na fala de uma comunidade e, inclusive, na fala de uma mesma pessoa. Isto significa que a variação sempre existiu e sempre existirá independente de qualquer ação normativa.

Para o entendimento amplo do tema a ser estudado, foi indispensável uma abordagem dos conceitos universais da Sociolinguística e da fonética e fonologia. A ênfase foi dada às Variedades Linguísticas – sendo elas a base norteadora deste trabalho.

Assim sendo, o corpo teórico desta pesquisa tem como norte os estudos sociolinguísticos de Labov (1972), e os desdobramentos teórico-metodológicos de Mollica & Braga (2004), Mussalim & Bentes (2006), Tarallo (1985). Para o desenvolvimento da análise das variantes encontradas na região, recorreu-se a Bisol (1999) e Câmara Jr. (1976, 1984) e de estudos fonético-fonológicos de pesquisas que tratam da fonologia lexical como, por exemplo, as contribuições de Lee (2009).

A metodologia da pesquisa é de cunho qualiquantitativo. Utilizou-se o método de abordagem descritivo e o procedimento técnico de pesquisa de campo. A coleta de dados se deu a por meio de entrevistas informais gravadas no próprio município. Foram selecionados 24 informantes, sendo 12 homens e 12 mulheres distribuídos em 3 faixas etárias organizadas pela pesquisadora. Depois de gravados os dados, o passo seguinte consistiu na transcrição fonológica e posteriormente a análise fonética para organização e tratamento dos dados através do programa computacional *GoldVarb X* que facilitou a leitura e interpretação dos dados.

Após a seleção dos informantes, foi elaborado o perfil sociolinguístico desses falantes, assim verificaram-se dentro da análise dos dados transcritos as características linguísticas predominantes na fala do habitante local.

No presente estudo evidenciou-se a presença das variantes:

- O alçamento de vogais posteriores [o] → [u];
- A monotongação verbal e nominal;
- O enfraquecimento e/ou apagamento das fricativas [s], [v], [ʒ], [ʃ];

Tais fenômenos encontrados na fala do uatumaense forneceram material linguístico com grande potencial a ser investigado, pois se sabe que nessa região não há estudos científicos voltados para a descrição e análise do dialeto local. A partir dos dados colhidos pode-se realizar este feito.

O trabalho está estruturado em quatro capítulos. O primeiro capítulo apresenta o município investigado, ressaltando os aspectos geográficos, históricos, linguísticos, arqueológicos, socioeconômicos e culturais. O segundo capítulo trata dos procedimentos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa, considerando o processo basilar sociolinguístico.

O aporte teórico concentra-se no capítulo três, apresentando inicialmente a teoria Variacionista fundamentada por Labov, em seguida trouxe considerações acerca da Fonologia Lexical e conceitos do PCO (Princípio do Contorno Obrigatório). Ainda no

capítulo três tem-se a demonstração de estudos anteriores referentes às variações fonéticas estudadas. O capítulo quatro trata dos resultados obtidos nesta pesquisa. Faz-se neste tópico a interpretação dos dados aplicando teorias fonológicas que respaldam esses resultados.

A análise dos dados identificou as particularidades no falar do português no município de São Sebastião do Uatumã, Amazonas. Nesses termos, este estudo abarcou os aspectos sociais que influenciam a evidência de variações linguísticas, considerando os processos fonológicos envolvidos. Em suma, este é um trabalho de descrição e análise do falar amazônico, que possui suas particularidades e que pressupõe um estudo rico e motivador.

CAPÍTULO 1: O MUNICÍPIO DE SÃO SEBASTIÃO DO UATUMÃ – AM.

Nesta seção serão abordados os aspectos fundamentais para a apresentação do município investigado. Tem como objetivo apresentar informações a respeito da história do município no contexto da microrregião a que pertence, ressaltando elementos importantes para a descrição do contexto sociolinguístico da localidade em estudo. Para a apresentação geral serão apresentados os aspectos geográficos, históricos, linguísticos, arqueológicos, socioeconômicos e culturais de São Sebastião do Uatumã. A elaboração deste capítulo possui as seguintes fontes: IBGE (2016, 2018); Simões e Corrêa (1987); Souza (1993); RDS do Uatumã (2012); PMSS (2019), dentre outras.

1.1 Microrregião de Parintins

O Estado do Amazonas divide-se em quatro mesorregiões territoriais: norte, centro, sudoeste e sul. O município de São Sebastião do Uatumã está localizada na mesorregião central amazonense, na microrregião de Parintins. A microrregião de Parintins é composta por 7 (sete) municípios: Barreirinha, Boa Vista do Ramos, Maués, Nhamundá, Parintins, São Sebastião do Uatumã e Urucará.

Imagem 1: Microrregião de Parintins



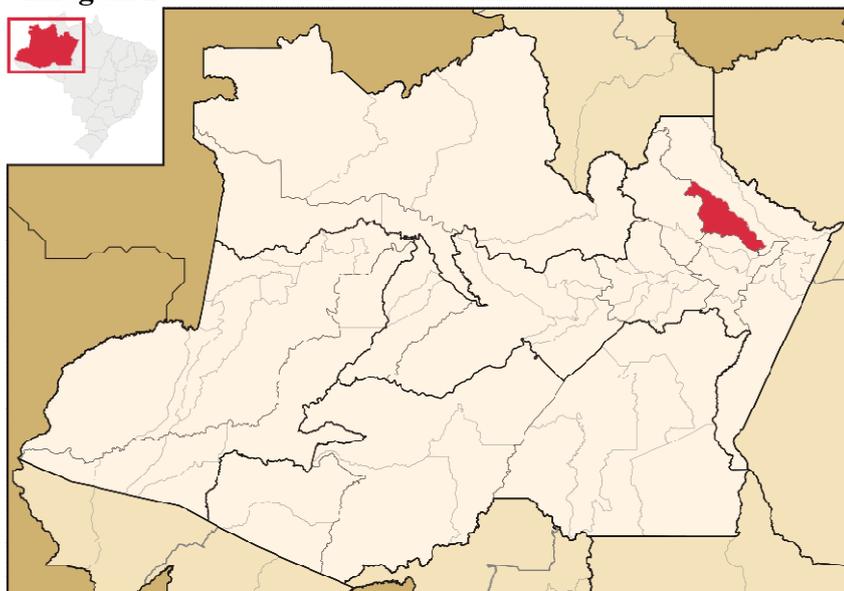
Fonte: www.baixarmapas.com.br

Observa-se que a proximidade a região do estado do Pará é um fator que marca fortemente as características linguísticas e culturais do uatumaense, por conta disso, este estudo considera as influências regionais em suas análises sociolinguísticas.

1.1.1 Aspectos Geográficos

De acordo com o IBGE (2018), a localidade em estudo tem em sua área extensão de 10.647,463 km² e sua população é de 13.685 pessoas. Os nativos do município se chamam uatumaenses e a densidade demográfica é de 1 (um) habitante por km² no território do município.

Imagem 2: São Sebastião do Uatumã.



Fonte: wikipedia.org

Vizinho dos municípios de Urucará, Itapiranga e Urucurituba, o município São Sebastião do Uatumã situa-se a 90 km a Norte-Leste do município de Itacoatiara, a maior cidade nos arredores dessa região. Segundo o IBGE (2018), o município está a 6 metros de altitude apresentando as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 2° 34' 20" Sul, Longitude: 57° 52' 17" Oeste.

A distância da sede municipal para a capital é de 226 km em linha reta no acesso terrestre e 255 km em via fluvial. O principal acesso ao município é o fluvial, pois é possível fazer o trajeto Manaus- São Sebastião do Uatumã por meio de embarcações de médio e grande porte, que ficam à disposição todos os dias no porto de Manaus. A viagem de barco dura em média 18h à 20h, parando nos municípios circunvizinhos, como: Itacoatiara, Itapiranga e Urucurituba.

O acesso terrestre é feito pela AM010 - que liga Manaus aos municípios de Itacoatiara e Itapiranga. Há dois meios de transportes disponíveis para o trajeto: táxi lotação ou ônibus. Diariamente, as empresas de táxis e ônibus dispõem seus serviços na

Rodoviária de Manaus. E o trajeto de táxi-lotação ‘Manaus-Itapiranga’ dura em média 4h (quatro) e, de ônibus, a duração é um pouco maior, em média 6h (seis), devido às paradas para abastecimento em municípios como Rio Preto da Eva, Lindóia e comunidades rurais.

Imagem 3: Trajeto terrestre.



Fonte: www.distanciaentreasidades.com.br

Entre Manaus e Itapiranga a distância é de 337 km. O acesso se dá pela AM-010 (Manaus – Itacoatiara), percorrendo-se 227 km, até o entroncamento com a AM-363 (Estrada da Várzea), por onde se deve seguir por mais 110 km. A viagem possui duração de aproximadamente 4 horas.

Para se chegar até São Sebastião do Uatumã é preciso embarcar em lanchas comerciais que ficam à espera dos táxis e dos ônibus para que o percurso seja cumprido na sua totalidade. O custo das passagens varia conforme o tamanho da embarcação, porém o custo é baixo comparando ao acesso terrestre. No geral, o preço da passagem de táxi lotação custa 100,00 R\$ (cem reais) e a passagem de ônibus custa 60,00R\$ (sessenta reais) ea passagem da lancha comercial (ITAP-SSU) tem preço fixo de 30,00R\$ (trinta reais).

1.1.2 Aspectos Históricos

Buscar os dados históricos de São Sebastião do Uatumã foi desafiador e trabalhoso, pois os arquivos do município além de serem restritos, eram também de pouca consistência histórica. Constatou-se com isso que não há registros consolidados acerca da verdadeira formação do município, o que há de concreto são apenas textos soltos de atas de reuniões comunitárias, livros de terras e relatos de moradores antigos. Com esses poucos dados, juntamente com relatos de informantes antigos, foi feito um breve histórico da localidade que apresento aqui em forma de registro.

É indiscutível o fato de que história de São Sebastião do Uatumã está ligada a fundação de Urucará. Segundo os dados da biblioteca do IBGE (2016):

As origens do município se prendem a Urucará, cuja história remonta à fundação da povoação de Santana da Capela, em 1814, por Crispim Lobo de Macedo. Em 1880 é criada a freguesia, com sede em Santana da Capela que polariza o desenvolvimento dessa região ribeirinha do rio Amazonas. Em 1887 é criado na área da freguesia o município de Urucará, que em 1930 é extinto, com seu território sendo anexado a Itacoatiara, para ser definitivamente restabelecido em 1935. Em fins de 1981, constavam da estrutura administrativa de Urucará os seguintes subdistritos: Urucará, Santa Maria, Capucapu, Alto Uatumã e São Sebastião e territórios adjacentes da margem esquerda do rio Uatumã são desmembrados de Urucará e passam a constituir o município Autônomo de São Sebastião do Uatumã.

Desde sua formação até os dias atuais o município traz consigo essa junção ao município de Urucará. As primeiras famílias dos moradores antigos¹ da localidade fazem alusão à Urucará como se fossem um só local e os moradores atuais conseguem assimilar que os dois municípios possuem a mesma história e a mesma identidade cultural, por haver o reflexo da interligação dos dois municípios.

Outro dado relevante ligado à fundação do município é a presença de famílias advindas do estado do Pará. Esse fato ajuda a compreender a formação histórica e linguística do município. Segundo relatos de moradores mais antigos², a primeira

¹Não há registros escritos que comprovem os fatos relatados pelos informantes, ao se reunir os relatos dos moradores antigos e confrontando-os com as informações básicas que se teve previamente pela pesquisa bibliográfica, foi possível construir um quadro histórico que foi utilizado nesta pesquisa como parâmetro para se descrever a formação da localidade.

família a chegar ao local foi a família Melo, vindos de Cametá-PA. Os membros da família Melo vieram “fugidos” de uma disputa territorial que ocorreu no final do século passado (a data da chegada não foi dita com exatidão), que dizimou muitas famílias. Por conta desta disputa, houve dias de muita miséria e falta de alimentos básicos nessa região. Resolveram arriscar a sorte descendo o rio.

Trazidos numa barca simples de madeira chamada de “*chatinha*”, os primeiros moradores chegaram à região no início do século passado. Vieram em busca de terras para cultivar o plantio de alimentos para a subsistência. Por ser uma região que apresentou uma certa fartura de peixe e um solo de terra preta muito fértil para a plantação de maniva, logo fincaram tendas na entrada do rio Uatumã. Nessas tendas passaram semanas, até construírem alguns barracos fixos onde ficaram e constituíram suas famílias. “Após a chegada dessa barca de paraenses, vieram muitas outras barcas e logo todo esse barranco já era só uma vila”, conta dona Ana Melo, 71 anos, moradora de São Sebastião do Uatumã.

Imagem 4: Primeiros habitantes



Fonte: Arquivo Pessoal da Família Melo

Na **imagem 04** (com data não precisa), podemos observar os membros da família Melo, intitulados os fundadores do município. Esses arquivos pessoais investigados mostram que no começo do século XX a região do Uatumã já era habitada e constituía-se de famílias numerosas como a família Melo.

Tomou-se para esse tópico os relatos de Dona Ana Melo que é descendente de Vitória de Melo, a matriarcadessa numerosa família. Ela descreveu que “dona Vitória era uma mulher de personalidade forte e de muita religiosidade”. Logo em sua chegada, mandou construir uma pequena capela em homenagem a São Sebastião, santo trazido

em meio aos seus pertences e que era de sua devoção. Por conta disso o nome do santo seria dado ao recém fundado município.

Apesar de não haver nenhum vestígio concreto (foto ou documento) da existência de dona Vitória Melo, a história de sua chegada permanece clara na memória dos mais antigos. O que é concreto e plausível de se considerar é o fato de que a família Melo se instalou, prosperou e hoje é uma das mais tradicionais e numerosas no município. Seus membros recontam essa história aos seus descendentes mantendo assim o seu nome e tradição familiar.

Outra linhagem tradicional do local é a família Monteiro. Relatos de moradores antigos afirmam que “Os Monteiros” de fato fundaram o município através do Sr. José Paciente Monteiro, mais conhecido pela alcunha de Coronel Paciente. Foi ele quem estruturou e organizou o município nos seus primórdios, quando a região era apenas um pequeno vilarejo adjacente à Urucará. Nesse tempo remoto e sem precisão cronológica, Coronel Paciente Monteiro constituiu família numerosa, cuidava da remota vila como se fosse propriedade particular e era considerado o “homem da lei” pelos seus conterrâneos.

Há muitas histórias vinculadas a esse personagem histórico local, a mais contada pelos moradores de São Sebastião do Uatumã é que ele era de estatura pequena, porém muito valente, “andava sempre com um ‘rifle’ pra todo lado” e todos os outros moradores o respeitavam. Há relatos de que ele não permitia a pesca ilegal na região do rio Uatumã. José Carlos Monteiro, 52 anos, bisneto do Coronel Paciente, conta que diversas vezes “ele colocava pra correr aqueles que tentavam entrar no lago para pescar sem a sua permissão, ele já preservava”.

Tanto a família Melo, quanto a família Monteiro contestam para si o feito da fundação do município. Essa divergência enriquece ainda mais o acervo de histórias vinculadas à formação da região e divide opiniões entre os moradores locais.

É importante ratificar que os dados históricos dessa pesquisa se baseiam no relato dos moradores antigos entrevistados no processo de coleta de dados. Assim, pode-se entender que as datas de formação do município não são precisas, assim como os nomes dos primeiros moradores e de qual família é o título de fundação. Porém, a identidade desse povo vive dos relatos e das lembranças de quem ouviu ou viveu a história.

1.1.3 Aspectos Linguísticos

Os moradores mais antigos da localidade relataram que o município fora anteriormente habitado por indígenas da etnia *waymiri-atroari*, inclusive os vestígios indígenas são facilmente encontrados na região. De fato, os Waimiri-Atroari, etnia da família linguística Karib, habitavam entre a calha do Uatumã e Urubu (SOUZA, 1993). A autora afirma em seus estudos:

A família linguística Karib era utilizada pelas populações indígenas principalmente no norte do rio Amazonas (na América até a região Caribenha), mas também, ao longo do médio e baixo rio Xingu e o tronco linguístico Tupi era praticado do sul do rio Amazonas, nas zonas interfluviais, no estado de Rondônia, mas, também, no alto Xingu, nos Rios Tapajós e Madeira. A família Tupi-Guarani ocupou toda a costa leste do Brasil, e é, também, representada em outros países da América do Sul, como Guiana Francesa, Venezuela, Colômbia, Peru, Bolívia, Paraguai e Argentina. SOUZA (1993, p. 45).

Na região do rio Uatumã há um rio chamado Caribi, esse fato induz haver uma identificação da população que habitava a região ou talvez no rio Uatumã ao montante do Rio Caribi. Outro fato a ser considerado refere-se à palavra Uatumã, que segundo Sr. José Porfírio Fontenele de Carvalho³, provavelmente é uma corruptela da palavra ‘*Uakunã*’ que, ainda segundo Carvalho, é o nome indígena da palmeira *Syagrus campestris*⁴, espécie da família Arecaceae. Essa palavra é oriunda do grupo indígena Waimiri, que foram os ocupantes da bacia do Rio Uatumã juntamente com os Waiwai, que ocupavam a parte média-alta do Rio Jatapu, ambos da família linguística Karib (SOUZA, 1993).

Conforme foi investigado, a espécie dessa palmeira não foi diagnosticada nos arredores do rio Uatumã, pelos nomes populares “*licuri*” e “*acumã*” junto aos comunitários. Porém na foz do Uatumã possui grande ocorrência da espécie inajá

³ Indigenista coordenador técnico do Programa Waimiri Atroari.

⁴ As Referências indicam que a espécie citada pelo indigenista possui larga ocorrência no Brasil, sendo o gênero *Syagrus* um dos três mais frequentes em número de espécies de palmeiras no Brasil (HENDERSON et al., 1995). As palmeiras são de ocorrência predominantemente tropical (HENDERSON et al., 1995), têm a capacidade de se estabelecer em diversos tipos de hábitat, como mata de terra-firme, matas periodicamente inundadas, cerrado e em ambientes degradados.

(*Attalea maripá*), de aparência semelhante à *Syagrus campestris*. Por isso, acredita-se que a semelhança com outra espécie, a “*attalea maripá*” popularmente conhecida como “inajá” seja a explicação cabível que influenciou o nome do referido rio.

Imagem 5: Attalea Maripá



Fonte: Arria Belli (2006).

Dados da RDS⁵ confirmam que:

Assim, pela ampla ocorrência da espécie que pode ter dado origem ao nome do rio (norte e nordeste do Brasil), por haver espécies semelhantes existentes na região do Uatumã que poderiam estar ligadas ao nome da Reserva, pelo enlace linguístico Karib e Tupi na região, talvez a ligação entre a espécie e origem linguística indígena da palavra Uatumã não seja uma relação tão direta e mereça um estudo aprofundado dentro do Programa de Conhecimento da UC que ofereça elucidações sobre o nome e sobre o histórico de ocupação da RDS, ampliando o conhecimento antropológico da região, que possa vir a auxiliar a arqueologia, a educação ambiental e o turismo histórico e científico. RDS(2009).

De qualquer forma, sabe-se que o município em estudo recebeu o nome Uatumã pelo rio que o cruza. Apesar desta afirmação, a pesquisa sobre o significado da palavra Uatumã ou ‘Uakunã’, leva-nos a diversos e interessantes encaminhamentos não conclusivos, mas de destaque para futuras pesquisas sobre o tema.

⁵ Reserva de Desenvolvimento Sustentável (2009)

1.1.4 Aspectos Arqueológicos

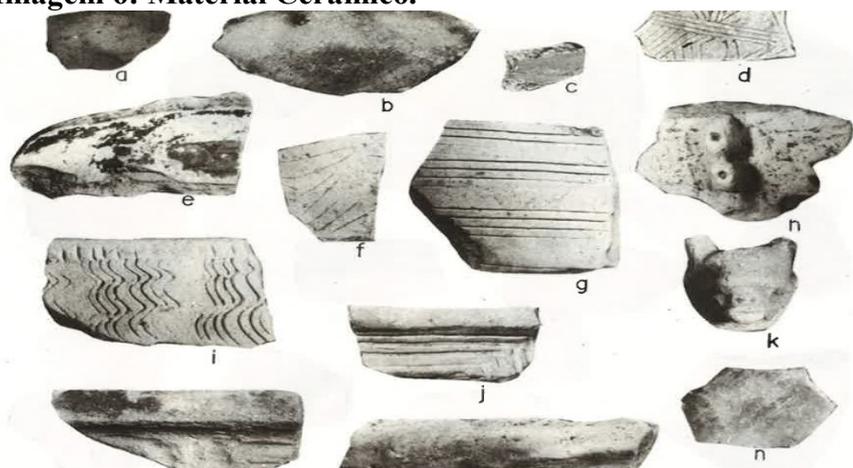
Sabe-se que há na Amazônia muitos patrimônios arqueológicos ricos e diversificados, porém os estudos do passado pré-civilizatório ainda são escassos, seja por fatores que vão das dificuldades logísticas de número insuficiente de pesquisadores e até mesmo pela vastidão da floresta amazônica.

Por apresentar no passado um histórico de concentração de populações humanas, que por longos períodos habitaram o local e ainda tendo vestígios arqueológicos na região ligadas à essa realidade, a região do Rio Uatumã fora estudada em pesquisas anteriores, como os estudos de Simões & Corrêa (1987).

Desse estudo, pode-se constatar a presença de 21 sítios arqueológicos, distribuídos ao longo do Uatumã, baixo Maripá e baixo Jatapu, todos no Estado do Amazonas. A análise desse material coletado resultou no reconhecimento de três fases arqueológicas distintas: Urucará, Jatapu e Uatumã.

Como se vê na imagem abaixo, as coletas superficiais e dos cortes estratigráficos forneceram considerável quantidade de fragmentos de cerâmica, inclusive algumas urnas fragmentadas, numerosos fragmentos líticos e amostras de solo e de carvão para fins de datação.

Imagem 6: Material Cerâmico.



Fonte: Simões&Corrêa (1987)

A **imagem 06** apresenta registros de material cerâmico deixado por antepassados indígenas e que são facilmente encontrados na região do Rio Uatumã. Sabe-se que os sítios arqueológicos pesquisados pertencem a duas tradições ceramistas da Amazônia: a primeira, a Tradição Incisa Ponteadada, de ampla distribuição geográfica desde o baixo

Amazonas é representada na área pelas fases Urucará e Jatapu; a segunda, a Tradição regional Saracá, recém-identificada no lago de Silves (SIMÕES & MACHADO, 1984) faz-se ali presente com a fase Uatumã.

Segundo os autores, a fase Uatumã, do baixo Uatumã e Maripá, pelos tipos decorados exibidos e formas variadas, entre os quais predominam alguns da sub-tradição Guarita, apresenta outros tipos de decoração estranhos a essa sub-tradição como as variedades de ponteados: ponteados estampados, ponteados arrastados e ponteados repuxados, anteriormente encontradas nas fases Saracá e Iraci do lago de Silves.

Imagem 7: Escavação nas comunidades rurais



Fonte: Simões&Correa(1984)

A imagem anterior mostra a escavação no meio de uma comunidade rural pertencente ao município de São Sebastião do Uatumã, onde se vê os moradores locais presenciando um achado arqueológico. A partir disso, tem-se a perspectiva de que a região estudada foi habitada por outros povos, em épocas longínquas, que a própria história do Amazonas não possui grande fonte de estudos e conhecimento.

1.1.5 Aspectos Socioeconômicos

No município de São Sebastião do Uatumã, o funcionalismo público é predominante como fonte empregatícia. Porém, há uma pequena produção que se estende a outros setores. Na produção agropecuária, tem-se o cultivo da mandioca, milho e abacaxi. A pecuária também é bem representativa, principalmente por bovinos com a produção de carne e leite destinado ao consumo local. A atividade pesqueira é

destinada somente para consumo local. A extração vegetal é voltada para exploração do óleo de copaíba, cumaru e essência de pau-rosa.

De acordo com IBGE (2018), a produção extrativista do município de São Sebastião do Uatumã concentrou-se na castanha do Brasil (1 tonelada) e madeira para lenha (11.818 metros cúbicos). Na pecuária os rebanhos bovinos (2.254 cabeças), galináceos (3.423) e suínos (1.222) são a maioria. Das lavouras anuais destacam-se as produções da mandioca (420 ha), arroz, feijão, milho, melancia e abacaxi. Entre as culturas perenes, merece atenção a produção de banana, guaraná e laranja.

Dados do IBGE (2018) apontam que

o salário médio mensal é de 1.7 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 2.4%. Na comparação com os outros municípios do estado, ocupava as posições 16 de 62 e 53 de 62, respectivamente. Já na comparação com cidades do país todo, ficava na posição 3453 de 5570 e 5533 de 5570, respectivamente. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 49.8% da população nessas condições, o que o colocava na posição 38 de 62 dentre as cidades do estado e na posição 1447 de 5570 dentre as cidades do Brasil.

Outra fonte de renda e consumo próprio é a cultura da farinha. Na fabricação artesanal da farinha de mandioca, que é feita através de laços familiares e de afinidade, onde se realizam “*puxiruns*”⁶ para a execução dessas atividades. Mães, pais, idosos, crianças e amigos participam das etapas de preparo desta que é a manifestação cultural mais popular do Brasil e em especial da Região Norte do país. Do preparo da farinha ainda se obtém a goma, o tucupi e a farinha de tapioca.

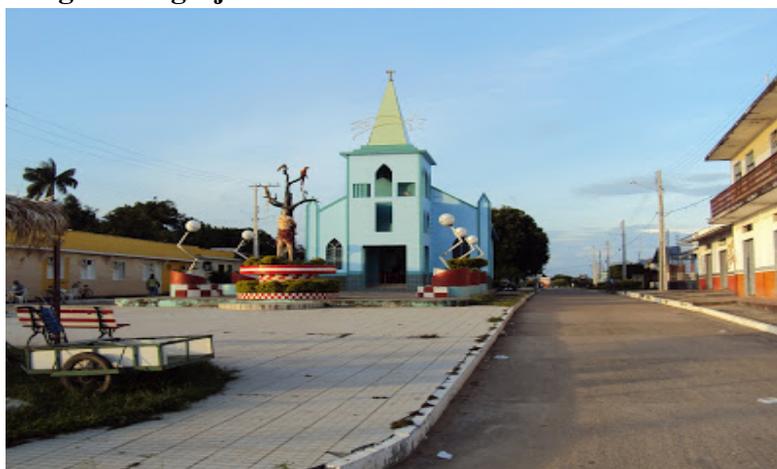
1.1.6 Aspectos culturais

As manifestações culturais do município de São Sebastião do Uatumã são expressas no dia a dia da vida comunitária e também são visíveis em festividades ligadas à religião, à pesca e à festividades folclóricas. As tradições de cunho religioso são representativas no município. As festas de comunidades católicas fazem parte da cultura local, apesar do grande crescimento de igrejas evangélicas na região.

⁶ Reunião de familiares e amigos para realizarem trabalhos em conjunto.

A tradicional festa do padroeiro, chamada pelos moradores locais de “festa de janeiro”, mobiliza todos os municípios vizinhos que vão prestigiar os 10 dias de comemorações, que incluem nesse período: missas, novenas, arraial, bingos, leilões e apresentações artísticas no palco da festa. Com objetivo de arrecadar donativos para a missão da catequese, as comunidades se reúnem e organizam as “noitadas” nesse período de festejos. Festas de santos como: Santo Antônio, São Francisco e Santa Maria, também fazem parte do calendário festivo-religioso.

Imagem 8: Igreja Matriz de São Sebastião



Fonte: Arquivo Pessoal da pesquisadora.

Conforme se vê nas datas festivas e culturais do município organizado pela PMSSU- Prefeitura Municipal de São Sebastião do Uatumã, as manifestações culturais sempre estão presentes na vida do uatumaense, seja ela de cunho religioso ou não.

Quadro 01: Principais festividades

Festejos	Data
Festa do Padroeiro	10 a 20 de janeiro
Festa do índio	19 de abril
Festa de Nossa Sra. de Fátima	Maio
Festival de Quadrilhas	Agosto (data indefinida)
Festa do Tucunaré	Outubro (data indefinida)
Aniversário da Cidade	10 de dezembro

Fonte: PMSS-2019.

Outro evento cultural que envolve a cultura e a economia uatumaense é a Festa do Tucunaré. São Sebastião do Uatumã ficou conhecido por ser a terra do tucunaré,

peixe que é facilmente encontrado na região nos tempos da seca (julho a outubro). Por conta disso, a Prefeitura (PMSSU) organiza anualmente no mês de outubro a “Festa do Tucunaré”, que tem como objetivo principal alavancar o turismo local por meio da promoção da pesca esportiva, da comercialização de comidas regionais em barracas, da venda de artesanatos de artistas locais.

Imagem 09: Festa do Tucunaré



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

A festa atrai turistas de todos os cantos do estado, que ficam encantados com as belezas naturais do município. Ao visitar a região, o visitante depara-se com as belas praias de areia branca e um rio de água escura, com a fartura de peixes grandes, sem contar no calor receptivo de seu povo, que é sem dúvida, o maior potencial turístico do local.

Assim sendo, este capítulo expôs as características geográficas, históricas, linguísticas, arqueológicas, socioeconômicas e culturais do município de São Sebastião do Uatumã, com o intuito de caracterizar as peculiaridades do falar do uatumanese e correlacionar aos aspectos sociolinguísticos e fonológicos relacionados nesse estudo. A seguir os procedimentos metodológicos serão expostos abrangendo os aspectos de construção desta pesquisa.

CAPÍTULO 2: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo será descrita a metodologia utilizada neste estudo com a apresentação do local, os informantes e os procedimentos adotados na coleta de dados e a transcrição usada na constituição de todo aparato de análise. A partir disso, serão expostos os métodos e procedimentos que serão explicados nos itens abaixo: a natureza da pesquisa, seleção dos informantes, instrumento de coleta, coleta de dados e transcrição de dados.

Este se fundamenta com modelos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, conhecida também como Sociolinguística Laboviana, que se encarrega de identificar os contextos linguísticos e sociais que justificam os usos em relação ao objeto de estudo. Em concordância a esse processo, a Fonologia Lexical deu respaldo às interpretações das variações linguísticas estudadas. Com base nisso, foram fornecidos argumentos a favor de uma proposta de léxico segmentado em níveis, por meio dos quais é possível articular uma interação entre fonologia e a morfologia, que explicará os resultados dos fenômenos desse estudo.

2.1 Procedimentos Metodológicos

Os processos realizados neste trabalho se iniciam com a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, que são processos de fundamental relevância para o embasamento de estudos deste tipo.

Na pesquisa bibliográfica, segundo explica Lakatos e Marconi que

Abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos, etc. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo que for escrito. (2001, p. 183).

Assim, obteve-se a fundamentação teórica, que deu suporte indispensável para se alcançar com êxito a realização da investigação e auxiliou na aplicação das teorias nos fenômenos encontrados nessa pesquisa.

A pesquisa de campo propiciou o contato direto com o informante deste trabalho. Gonsalves (2001, p.67) confirma que a pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Esse contato

propiciou um direcionamento muito positivo ao trabalho, pois se construiu estreita relação entre “informante e pesquisador”.

2.1.1 A Natureza da Pesquisa

Quanto à natureza da pesquisa, optou-se por uma abordagem qualiquantitativa, pois o intuito deste trabalho é realizar a análise das variações linguísticas sob a perspectiva da Sociolinguística variacionista, interpretando os resultados obtidos através do programa computacional *GoldVarb X*. Cano (2012, p.110), expressa que “com efeito, diversas pesquisas bem sucedidas utilizam técnicas eminentemente qualitativas em conjunto com outras quantitativas”.

A proposta deste estudo é realizar uma abordagem Sociolinguística no falar uatumaense, ao propor isso, a pesquisa visou à observação, interpretação de dados e a frequência em que ocorrem os fenômenos linguísticos da monotongação, alçamento e enfraquecimento nesse dialeto. Para isso, o enfoque qualiquantitativo possibilitou a realização deste feito.

Ao que se refere à pesquisa quantitativa, ela torna possível a exatidão das análises dos resultados, verificando detalhadamente a ocorrência dos fenômenos investigados e a apresentação concreta dos resultados obtidos. Fonseca ressalta:

Diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. (FONSECA, 2002, p.10).

Empregou-se o método qualitativo com o objetivo de analisar e interpretar os fenômenos diretamente do contexto que é produzido. Na abordagem qualitativa faz-se necessário que o pesquisador se aprofunde na compreensão dos fenômenos que estuda, ou seja, observe as ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou

contexto social, buscando interpretar segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação.

Acerca deste tipo de pesquisa, Minayo reforça

A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2001, p. 21).

Guerra (2014, p.15) expõe que a pesquisa qualitativa pressupõe que o pesquisador fará uma abordagem empírica de seu objeto. Assim, o pesquisador parte de um marco teórico-metodológico preestabelecido, só posteriormente irá preparar seus instrumentos de coleta de dados, que se bem elaborados e bem aplicados fornecerão uma riqueza ímpar ao pesquisador. Com isso, ao possuir os dados da pesquisa, o próximo passo será a análise e todo procedimento até a obtenção dos resultados.

Desse modo, a seleção de todo instrumental metodológico está diretamente relacionada à natureza do objeto de estudo, aos objetivos, aos recursos financeiros e aos humanos disponíveis. (LAKATOS, MARCONI, 2010).

Seguindo esta metodologia de pesquisa, buscou-se cumprir os seguintes passos: Pesquisa bibliográfica, que consistiu no levantamento de uma literatura atual e vigente para que este estudo obtivesse uma base teórica consistente. Após a seleção das leituras, foi-se a campo para coletar os dados desta pesquisa, por isso a viagem a São Sebastião do Uatumã foi essencial para o contato direto com os informantes deste estudo. Com os dados coletados, fez-se transcrição grafemática, que consiste na descrição da fala tal como ela é. Posteriormente a isso, realizou-se o tratamento e análise dos dados coletados com a aplicação do programa computacional *Goldvarb X*, onde se codificou os dados e obteve-se os resultados estatísticos que serviram de aporte para a aplicação das teorias fonológicas e interpretação dos fenômenos encontrados.

2.1.2 A Seleção dos Informantes

Para esta etapa da pesquisa procurou-se organizar critérios para a escolha dos informantes. Antes da entrevista propriamente dita, foi preciso constituir uma conversa

informal para que se pudesse conhecer os informantes e avaliar se eles se encaixavam nos critérios estabelecidos neste estudo, que levou em conta a escolaridade, faixa etária, gênero e profissão.

Sendo a pesquisadora moradora do município há muitos anos, foi fácil selecionar os informantes para as entrevistas. Esse conhecimento prévio dos participantes facilitou na seleção, aceitação e a própria participação na pesquisa. Obteve-se com isso certa familiaridade nas entrevistas que se refletiu no falar do informante, pois ao se tratar de alguém conhecido a conversa teve um tom mais informal.

Para compor o corpus desta pesquisa foram entrevistados 24 moradores do município de São Sebastião do Uatumã, sendo doze homens e doze mulheres, o nível de escolaridade, a faixa etária, a naturalidade dos pais e do cônjuge, com o objetivo primordial de identificar fatores de origem social que possam influenciar nos aspectos linguísticos que foram analisados.

Quanto à naturalidade do informante, elegeu-se moradores naturais de São Sebastião do Uatumã e/ou residentes nesta localidade há mais de 1/3 de sua vida. Preferiu-se informantes que possuíssem pais naturais da localidade pesquisada e também cônjuge com a mesma naturalidade. Dessa forma, todos os informantes desta pesquisa se encaixam nesses critérios;

Quanto ao gênero, como critério da pesquisa sociolinguística, foram selecionados 12 informantes do sexo masculino e 12 informantes do sexo feminino, com o intuito de averiguar algumas motivações da escolha de uma forma linguística a outra.

Quanto ao nível de escolaridade, foram distribuídos da seguinte maneira: 12 informantes do Nível 1 - (até o 9º ano de Ensino Fundamental); 9 informantes do Nível 2 – (com o Ensino Médio Completo); 3 informantes no Nível 3 – (Informantes com Nível superior). Por não haver informantes em quantidade disponível para uma categorização uniforme, não houve linearidade quanto aos números de distribuição destes informantes nas camadas estratificadas, esses números não interferiram nos resultados obtidos, uma vez que a linguagem prestigiada ou estigmatizada são fatores que aparecem naturalmente em qualquer fala.

Quanto à faixa etária, foi organizada em três categorias, que são respectivamente: 08 informantes entre 18 a 35 anos; 08 informantes entre 36 a 55 anos e 08 informantes com 56 anos em diante. Assim, foi possível realizar as variantes

linguísticas sob à perspectiva da variação diageracional, levando em consideração o uso de determinada variante por determinado grupo etário.

A seguir serão expostas informações relacionadas aos dados das fichas dos informantes. Para preservar a identidade dos participantes desta pesquisa, eles foram identificados por códigos que devem ser lidos conforme a seguinte orientação: faixa etária, sexo e nível de escolaridade (ex: **1MEF**). Após a classificação desses informantes por grupos sociais, tem-se a formulação dos inquéritos, por exemplo: **1MEF** significa dizer que: o informante pertence à primeira faixa etária **1** (18 a 35 anos), é do sexo masculino (**M**) e possui até o Ensino Fundamental (**EF**).

Quadro 02: Distribuição dos Informantes nas Células Sociais

Idade	18 – 35		36 – 55		56 ou +		Totais
	H	M	H	M	H	M	
Ensino Fundamental– EF	2	1	2	2	3	2	12
Ensino Médio– EM	2	2	1	2	1	1	9
Ensino Superior– ES	Ø	1	1	Ø	Ø	1	3
Número total de informantes							24

Fonte: da própria autora (2019).

Com esses informantes selecionados em conformidade aos estratos sociais acima, foi possível construir um corpus consistente e com grande número de dados para investigação das hipóteses levantadas por esta pesquisa. Considerou-se importante essa estratificação por grupos, pois este trabalho tem enfoque sociolinguístico.

2.1.3 O Instrumento de Coleta

Sabe-se que toda pesquisa de campo requer a preferência de uma técnica adequada, para que se recolha de maneira eficaz os dados pertinentes à investigação proposta. É tarefa árdua encontrar meios que possibilitem a coleta, pois ao se tratar de um contato direto com informantes, têm-se fatores que, em alguns casos, podem dificultar a realização do que se propõe. Labov (2008, p. 18) afirma que “a entrevista sociolinguística se configura como um protocolo que visa fazer emergir o vernáculo de um falante representativo de uma dada comunidade de fala”. Portanto, o instrumento que se adapta para esse tipo de estudo é a entrevista.

Quadro 03: Entrevista sociolinguística.

(3MNM) - AGRICULTOR – NÍVEL MÉDIO.

Mãe: agricultora - nível fundamental incompleto.

Pai: agricultor - nível fundamental incompleto.

Documentadora: me conte aí como é que foi?

Informante: meu nome é *, nasci e me criei aqui em São *Sebartião*, é...é... nasci em quarenta em oito... passa, passa, passa! ((expulsa o cachorro)) ((risos)) em quarenta e oito e:: *cumeçei* istudá masomenos cuns: uito anos, o abc chamado, né? A iscola era aqui... onde era a igreja batista,

Documentadora: aham...

Informante: do lado da iscola

Documentadora: uhum, lá que era o..

Informante: lá que era o *colejo*, né? Uma escola simples mas tinha umas professora boa também/primero foi *professô* Custódio de Souza num cheguei a *cunhecê* ele mais, *cunheci* a dona Aurea, né? Aurea num me lembro o subrinome dela, Aurea ela foi uma pessoa muito especial e dipôs foi a... a:: puxa vida! ((espanto)) uma de Urucará, que veio assim num *far* muito tempo, (num lembro) isqueci ((risos))(...) Intão, era simples a escola, mar tinha regras, né? Naquele tempo era a sabatina, quem num acertasse a tabuada ia *pegá* bolo do ôtro *parcêro*, né? *Culega* e: no final *ficarra* tudo bem, eu sempre era mais sussegado, fui até ajuelhado em cima do ((risos)) do milho ((risos))

Documentadora: à toa...

Informante: à toa, à toa que eu digo! ((gargalhada))... eu achu que...eu fiquei de *cartigo*, lá, rasguei o “abêcê” né, de lá eu pulei/fugi me lembro que... de lá eu fiquei lá, fiquei lá até *unze* horas, até depôs do almoço, aí que me *soltáro* eu pulei a janela, aí foi quando eu voltei ((fala incompreenssível)) foi de repente também, no deu prá firí nada, mas eu sentia que eu foi o cupado também, mas a regra era assim, era assim---- e aí São *Sebartião*, só tinha essa frente aí,né?

Documentadora: Então foi quando o senhor era criança já tinha essa frente?

Informante: é... pois é.. aí tu podes fazer as pergunta também ((risos))

Fonte: da própria autora (2019).

Entende-se que a entrevista é tida no sentido amplo de comunicação verbal, e no sentido restrito de coleta de informações sobre determinado tema científico, “é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo” (MINAYO, 2008). Também é uma oportunidade de conversa face a face, utilizada para “mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes”, ou seja, ela fornece dados básicos para “uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações” em relação aos atores sociais e contextos sociais específicos. (MINAYO, 2008; CERVO; BERVIAN, 2007).

Segundo Lakatos e Marconi (2010), com o uso da entrevista o pesquisador consegue:

1. Averiguar fatos ocorridos;

2. Conhecer a opinião das pessoas sobre os fatos;
3. Conhecer o sentimento da pessoa sobre o fato ou seu significado para ela;
4. Descobrir quais foram, são ou seriam as condutas das pessoas, sejam elas passadas, presentes ou planejadas (futuras);
5. Descobrir fatores que influenciam os pensamentos, sentimentos ou ações das pessoas.

Neste estudo optou-se pela entrevista aberta, onde o entrevistado é convidado a falar livremente sobre um tema e o entrevistador pode fazer perguntas para alcançar a maior profundidade possível nas respostas.

Outro instrumento de coleta de dados para pesquisa foi a ficha social do informante. Nessa ficha, as primeiras perguntas serviram para selecionar o informante adequado. Foi estabelecido um roteiro após a coleta de informações da ficha social do informante, com a intenção de se direcionar adequadamente a entrevista, juntamente com os temas escolhidos para serem tratados na conversa gravada.

Quadro 04: Modelo de Ficha Social

FICHA SOCIAL			
Nome:		Idade:	
Naturalidade:		Sexo:	
Mãe:		Natur.:	
Pai:		Natur.:	
Escolaridade:		Profissão:	
Renda familiar:			
Estado civil:			
Naturalidade do cônjuge			
Acesso a meios de comunicação:			

Fonte: da própria autora (2019).

Com o auxílio de um aparelho celular *Samsung Galaxy Gran Prime*, através do recurso de gravador de voz, foram realizadas as 24 entrevistas com os informantes pré-selecionados na ficha social. Cada entrevista possui em média 15 a 25 minutos cada, com as quais posteriormente foram feitas as transcrições grafemáticas para proceder às análises do corpus coletado.

2.1.4 A Coleta de Dados

A coleta de dados ocorreu no período de 15 de julho a 15 de agosto de 2017, na zona urbana do município de São Sebastião do Uatumã, Amazonas. Para a execução dessa tarefa, buscou-se realizar previamente a seleção dos informantes moradores nascidos no município através da ficha social, anteriormente preenchida.

Para que se pudesse obter um produto linguístico satisfatório, buscou-se coletar os dados de forma bastante espontânea, por meio de uma conversa informal, com uso de uma linguagem simples e bem clara, deixando o informante à vontade para falar diante do gravador de voz. Inicialmente, foi dito aos informantes que a pesquisa se tratava de um levantamento histórico e cultural do município, no qual era preciso coletar informações acerca dos costumes e dos fatos históricos do local.

Com isso tirou-se o foco da linguagem, pois como Tarallo (2007) sugere, inicialmente, que jamais se deixe claro que o objetivo da pesquisa será uma análise da língua, pois isso inibirá o informante de usar a variante mais espontânea. Assim sendo, tirou-se do foco a pesquisa referente à língua e buscou-se interação com fatos passados, com temas de opinião e de crítica, com o objetivo de resgatar uma linguagem informal, solta e desprendida de monitoração.

Teve-se o cuidado de escolher temáticas conforme cada faixa etária, pois a narrativa de cada informante varia diante de cada assunto abordado. Assim, a temática escolhida para ser abordada em cada grupo ficou elaborada da seguinte forma:

Para os jovens do **Grupo 1** (18 a 35 anos) o tema escolhido foi: “Descrição da rotina do jovem em São Sebastião do Uatumã- Am”. O intuito inicial foi extrair da fala do informante jovem alguns dados sobre seu cotidiano, sobre a escola, seus anseios, seus medos, seu modo de olhar a sociedade na qual participa. Com isso, pretendeu-se estimular a forma mais natural possível da linguagem, por meio de uma conversa informal, para que o mesmo se sentisse à vontade diante das perguntas.

No entanto, percebeu-se que os jovens têm maior dificuldade de se expressar quando estão sendo monitorados, ou seja, quando estão diante do gravador de voz do aparelho celular. Por conta disso, algumas entrevistas dessa faixa etária têm apenas cinco minutos de duração, o que demonstrou timidez e insegurança do informante ao descrever sua rotina de maneira mais elaborada, isso implicou na inconsistência de algumas das gravações.

Para os adultos inseridos no **Grupo 2** (36 a 55 anos) escolheu-se duas temáticas distintas entre homens e mulheres. Dessa forma, para as mulheres optou-se pela temática: *“Papel da mulher na sociedade”* e para os homens: *“Emprego e renda no município de São Sebastião do Uatumã”*.

Na entrevista com as mulheres, pode-se observar que a temática abordada estimulou o desenvolvimento da expressão na fala das informantes. Por ser um tema atual e de bastante relevância na sociedade, obteve-se com facilidade os elementos linguísticos necessários para pesquisa. Da mesma forma, entre os informantes do sexo masculino, a temática *“Emprego e renda no município de São Sebastião do Uatumã”* suscitou a fala do informante como cidadão com capacidade de criticar e opinar acerca de sua comunidade.

Para os informantes da **faixa 3** (mais de 56 anos), a temática *“São Sebastião do Uatumã da sua infância e juventude”* inspirou uma importante descrição da história do município. Através desses relatos pode-se constituir dados que favoreceram a construção dos aspectos históricos de São Sebastião do Uatumã nesta pesquisa. Observou-se também que os informantes da faixa etária 3 estabeleceram uma narrativa rica de detalhes e de precisão de datas sobre suas vidas pessoais, sobre a comunidade em geral, sobre todas as mudanças ocorridas na localidade.

2.1.5 Transcrição dos Dados

Este tópico tratará acerca da realização da transcrição de dados elaborada nesta pesquisa. O objetivo principal da transcrição, como se sabe, é o de transferir para o papel o discurso falado, obedecendo a critérios que facilitem a análise e que transmitam de forma fidedigna o que relatou. Por isso, cabe ao pesquisador definir o modelo mais adequado para que a transposição dos registros obedeça à demanda do estudo.

Marcuschi afirma que:

Não existe a melhor transcrição. Todas são mais ou menos boas. O essencial é o que o analista saiba quais são os seus objetivos e não deixe de assinalar o que lhe convém. De um modo geral, a transcrição deve ser limpa e legível, sem a sobrecarga de símbolos complicados. (2003, p.8)

Com base na utilização de um conjunto de notações e sugestões de fala propostos no livro *“O discurso oral culto”* (PRETTI, 1999) e do segundo capítulo do

livro *Análise da Conversação* de Marcuschi (2003, p.8-13) realizou-se a transcrição. A partir desses modelos foram elencadas as categorias mais gerais a respeito da escrita das palavras, de alguns itens prosódicos, de elementos interacionais e de normas para os comentários do transcritor. A seguir tem-se o quadro de elementos gráficos (sinais) utilizados na transcrição grafemática das entrevistas.

Quadro 05: Normas para Transcrição

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	o barracão da Santa Maria, lá eu ainda dancei ixiiii! sapatiava, aí a casa do seu Maurilo era de (varsadu) ⁷
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	eli <i>andarra</i> preparadu andarra cum a ártia (haste) deli, só qui eli num saia, num <i>tirarra</i> u dia prá ir atrás nãum! ⁸
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	ah, mana na minha época <i>cando</i> eu mora/quando eu era <i>nuva</i> ⁹
Entonação enfática	Maiúscula	<i>inti</i> perguntava qual é a mú::sica? aí o cara respondia “BALACEA A ROSERA”, já sabia do ritmo e o cara só ia nu ritmo ¹⁰ .
Prolongamento da vogal ou consoante (como s, r)	:::::podendo aumentar para mais	A época que eu me lembre, São <i>Sebartião</i> acho que eu <i>tarra</i> cum sese::::is anus prá frente eu mi lembru **
Silabação	-	Faz cu-mi-da! ¹¹
Interrogação	?	Naquela época era <i>difiçu</i> muito <i>difiçu</i> num era cumu a época atual de hoje, que é mais fácil, né? **
Qualquer pausa depôs de casada que eu num contava. **
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	dá pra mim <i>falá</i> daqui aqui? dá, dá pra eu engatar aqui ((ajeitando o fone da gravação)) **
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático.	----	O papai mandô me <i>buscá</i> -- a Brasil que foi -- A Brasil era horrível ela me dava, me batia me batia **
Superposição, simultaneidade de vozes	[ligando as linhas	eu num gostava deli [como assim? [Assim::: purquê eu também era meio safadinha ((risos)) **
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) é mana, num foi fácil não minha vida assim, sinceramente... **
Citações literais ou leituras de textos, durante as gravações.	“ ”	“ <i>ele tem ôtras mas sou eu sua mulhér, antes que você sofra demais prucuri ôtru e deixe meu marido em paz...</i> ”((cantarolando)) ela botô essa ((gargalhando)) **

Fonte: da própria autora (2019), adaptado de Pretti (1999) & Marcuschi (2003).

⁷ Inquérito 12 - 3FNM

⁸ Inquérito 21 - 3MNF

⁹ Inquérito 11 - 3FNF

¹⁰ Inquérito 18 - 2MNF

¹¹ Inquérito 10 - 3FNS - **

Após a coleta das entrevistas, realizou-se a transcrição propriamente dita seguindo o modelo representado no **quadro 05**. De início, foi feita uma transcrição grafemática completa das entrevistas. Para esta etapa, seguiram-se as regras de transcrições do projeto NURC¹², apontadas no livro *Análise de Textos Orais*, de Dino Pretti (1999). Em seguida, para o tratamento das variações linguísticas utilizou-se a transcrição fonética das variações encontradas na fala dos uatumaenses. Para esse segundo momento recorreu-se ao IPA.¹³

A partir das transcrições grafemáticas foi possível verificar e identificar as variantes em estudo. Também foi realizado a categorização das entrevistas em inquéritos, cada uma recebeu a especificação de acordo com a ordem de em que foram transcritas. Por escolha da pesquisadora, fez-se a transcrição das falas das 12 informantes do sexo feminino, posteriormente das falas dos 12 informantes do sexo masculino.

A seguir, será exposto o quadro elaborado para a organização desses inquéritos.

Quadro 06: Inquéritos.

Inquérito 1 1FNM – (19 anos)	Inquérito 2 1FNF – (18 anos)	Inquérito 3 1FNM – (20 anos)
Inquérito 4 1FNS – (34 anos)	Inquérito 5 2FNM – (42 anos)	Inquérito 6 2FNF - (42 anos)
Inquérito 7 2FNM - (55 anos)	Inquérito 8 2FNF - (52 anos)	Inquérito 9 3FNF - (60 anos)
Inquérito 10 3FNS - (61 anos)	Inquérito 11 3FNF - (62 anos)	Inquérito 12 3FNM - (71 anos)
Inquérito 13 1MNM – (18 anos)	Inquérito 14 1MNM – (19 anos)	Inquérito 15 1MNF – (21 anos)
Inquérito 16 1MNF – (32 anos)	Inquérito 17 2MNF – (53 anos)	Inquérito 18 2MNF – (50 anos)
Inquérito 19 2MNM – (52 anos)	Inquérito 20 2MNS – (55 anos)	Inquérito 21 3MNF – (60 anos)
Inquérito 22 3MNF – (68 anos)	Inquérito 23 3MNM – (79 anos)	Inquérito 24 3MNF – (78 anos)

Fonte: da própria autora (2019).

Com essa organização dos inquéritos, foi possível analisar os dados considerando as variáveis sociais selecionadas para a análise.

¹² Projeto Norma Urbana Culta

¹³ Alfabeto Fonético Internacional.

2.2 O Tratamento das Variações

As variantes analisadas na pesquisa são observadas em dois eixos: diatópico e diastrático. Segundo Preti (2003, p.24) subdividem-se em dois grandes campos: a variação geográfica - ou diatópica - e a variação sociocultural - diastrática. O primeiro grande campo, que abrange o segundo, corresponde às variedades “[...] que ocorrem num plano horizontal da língua, na concorrência das comunidades linguísticas, sendo responsáveis pelos regionalismos, provenientes de dialetos ou de falares locais”.

Como se sabe, a variação diastrática leva em consideração as condições sociais do falante e do contexto de fala, ou aspecto situacional. Diferentemente da variação diatópica, ela acontece no plano da verticalidade, levando em conta a linguagem de uma comunidade específica.

Essa pesquisa é de cunho Sociolinguístico, portanto sua metodologia é concernente aos princípios dos estudos de Labov, ou seja, seu objetivo principal é a variação linguística e os fatores sociais que a influenciaram. A teoria variacionista pressupõe que as variações linguísticas não são aleatórias, mas seguem padrões regulares, motivados pelo próprio sistema linguístico e que também refletem aspectos sociais. Assim, segundo Tarallo (2007), as ‘variantes linguísticas’ são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um contexto. Neste trabalho, as variantes linguísticas que norteiam a pesquisa são: a monotongação, o alçamento de vogais posteriores e o enfraquecimento das fricativas.

Para o tratamentos dessas variantes, foram elaborados grupos de análises com o intuito de estabelecer uma teoria que pudesse averiguar os aspectos linguísticos envolvidos nesse processo. Para isso, utilizou-se a teoria da Fonologia Lexical, embasada Kiparsky (1985) e Lee (1995), como ferramenta de análise desses dados, pois toda variação precisa ser explicada diante de amostras respaldadas por processos fonológicos que apontam resultados concretos.

No **capítulo 4** deste estudo é feita uma apresentação mais completa das variações que correspondem ao corpus deste estudo. Por isso, somente para questão de amostra metodológica será apresentado a seguir o quadro das pré-análises das variações linguísticas:

Quadro 07: Análise individual por inquérito.

2FNM - 42 ANOS – DONA DE CASA – NÍVEL MÉDIO – Mãe: tec. de enfermagem aposentada – Nível Médio Completo. Pai: pescador – Nível Fundamental Incompleto.			
MONOTANGAÇÃO	ALÇAMENTO	ENFRAQUECIMENTO/APAGAMENTO	
Conto	Sumu	mermo	ente
molhô	cuntú	rá	matá
falô	fumu	tarra	juntá
misturô	cumu	contarra	trabalhá
ficô	gubernu	darra	custá
estudô		mertiço	custurá
pôquinho		derde	nadá
difiço		cartigo	boiá
negóço		sebartião	prestá
jóve		virtidinho	
quére		estudarra	
têre		ixirtiu	
fôro			
nascero			
éro			

Fonte: De autoria própria (2019).

Pode-se observar no **quadro 7**, que ao organizar as variações por categorias, obteve-se ampla facilidade para verificar qual variedade é mais comum a esse informante. Antes disso, observa-se também o perfil sociolinguístico já no inquérito de análise. Assim, fica claro se o contexto social irá influenciar ou não na sua forma de falar. Após isso, são trabalhadas as variações de modo individual aplicando a teoria fonológica que a explique adequadamente.

2.2.1 As variações encontradas

Nas transcrições foram encontradas diversas variações fonológicas que poderiam ser tratadas neste estudo, porém buscou-se canalizar para este trabalho somente apenas os 3 fenômenos mais recorrentes no município, os quais são: monotongação, alçamento de vogais posteriores e enfraquecimento das fricativas.

- a) **Monotongação** – Sabe-se que é um fenômeno linguístico por meio do qual os ditongos sofrem um processo de apagamento da semivogal, isto é, reduzem-se a simples vogais. Câmara Jr. conceitua esse fenômeno como sendo mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo a uma vogal simples. Foi a variação que ocorreu com mais frequência na fala do informante uatumaense, como mostra o capítulo 5.

Quadro 08: Exemplos de Monotongação

[ow]	estudô jurô levô mandô melhorô
[ey]	pexada peixe pexero pexinhu primera
[yo]	benefiçu difiçu negóçu
[am]	andávo bricávo chegáro juntáro mudáro
[em]	dare estare quere valorizare subire
[ay]	caxa baxa faxa

Fonte: da própria autora (2019).

- b) **Alçamento** – Num sentido mais tradicional, o alçamento é um fenômeno caracterizado pela elevação da altura da língua na articulação das vogais médias [ɛ] ~ [e] e [ɔ] ~ [o], em posição pretônica e postônica, que passam a ocorrer como [i] e [u] respectivamente (CARMO, 2009, p. 11).

Quadro 09: Exemplos de Alçamento em vogais posteriores

3ª pessoa do pretérito perfeito [ow]	cumeçu dexu furnu prucuru trabalhu
1ª pessoa do pretérito imperfeito	butarra gustarra murava

Fonte: da própria autora (2019).

- c) **Enfraquecimento** –Hoch (1986) conceitua esta variação com o termo “leniçãõ”, ou seja, “o fenômeno da língua preguiçosa” – que pode assumir

formas diferentes de mudança até ao mais radical que é a perda total de articulação. “A perda é o derradeiro e último resultado do enfraquecimento” (HOCH, p. 85). Nesses termos, observou-se esse fenômeno na fala do uatumaense nas seguintes situações:

Quadro 10: Exemplos de Enfraquecimento nas Fricativas [v], [h], [s], [ʒ]

[v]	brigarra– brigava acordarra - acordava darra - dava pagarra - pagava tarra – estava –tava
[h]	amigá– amigar boiá - boiar fazê - fazer pescadô - pescador agricutô– agricultor
[s]	carra - casa carra - causa corra –coisa
[ʃ]	derde– desde cartigo - castigo Sebartião - Sebastião
[ʒ]	<u>rente - gente</u>
[Ø]	ente– gente

Fonte: da própria autora (2019).

Vale ressaltar que, a princípio, a única fricativa que não ‘enfraqueceu’ nessa região foi [f], pois não houve nenhum registro de variação encontrada no corpus do dialeto do uatumaense.

2.2.2 Análise Quantitativa

Em toda pesquisa Sociolinguística faz-se necessária a utilização de programas computacionais que ofereçam resultados estatísticos precisos, pois a sua abordagem é naturalmente quantitativa. Com o objetivo de facilitar a quantificação dos dados, para este estudo recorreu-se ao programa computacional *GoldVarb X*. Este recurso permitiu a manipulação de um número maior de dados com precisão e rapidez, tornando o trabalho do pesquisador prático e com resultados satisfatórios.

Ao se usar o referido programa, os dados devem passar pelo processo de codificação. Barros (2019, p. 120) explica que “cada variável dependente e cada grupo de fator é representado por letras, números ou símbolos dos caracteres do computador,

mas obrigatoriamente distintos um do outro, a fim de serem inseridos no *token* do programa”.

O quadro abaixo aponta a classificação dos informantes e das variantes extralinguísticas abordadas nesse trabalho.

Quadro 11: Grupos Sociais.

F. etária	Escolaridade	Gênero	Ocupação	Código
2	E. Médio (D)	Feminino (L)	Agricultor (G)	(2DLG)
2	E.F. incompleto (I)	Feminino (L)	Agricultor (G)	(2ILG)
2	E.F. incompleto (I)	Feminino (L)	Agricultor (G)	(2ILG)
3	E.F. incompleto (I)	Feminino (L)	Agricultor (G)	(3ILG)
3	E.F. incompleto (I)	Feminino (L)	Agricultor (G)	(3ILG)
3	E.F. incompleto (I)	Masculino (H)	Agricultor (G)	(3IHG)
3	E.F. incompleto (I)	Masculino (H)	Agricultor (G)	(3IHG)
2	E.F. incompleto (I)	Feminino (L)	Autônomo (T)	(2ILT)
1	E. fundamental (F)	Masculino (H)	Autônomo (T)	(1FHT)
1	E.F. incompleto (I)	Masculino (H)	Autônomo (T)	(1IHT)
2	E.F. incompleto (I)	Masculino (H)	Autônomo (T)	(2IHT)
2	E. fundamental (F)	Masculino (H)	Autônomo (T)	(2FHT)
3	E.F. incompleto (I)	Masculino (H)	Autônomo (T)	(3IHT)
2	E. fundamental (F)	Masculino (H)	Autônomo (T)	(2FHT)
1	E. Médio (D)	Feminino (L)	Estudante (E)	(1DLE)
1	E.F. incompleto (I)	Feminino (L)	Estudante (E)	(1ILE)
1	E. Médio (D)	Feminino (L)	Estudante (E)	(1DLE)
1	E. Médio (D)	Masculino (H)	Estudante (E)	(1DHE)
1	E. Médio (D)	Masculino (H)	Estudante (E)	(1DHE)
1	E. superior (S)	Feminino (L)	Func. Púb. (P)	(1SLP)
3	E. superior (S)	Feminino (L)	Func. Púb. (P)	(3SLP)
3	E. fundamental (F)	Feminino (L)	Func. Púb. (P)	(3FLP)
2	E. superior (S)	Masculino (H)	Func. Púb. (P)	(2SHP)
3	E.F. incompleto (I)	Masculino (H)	Func. Púb. (P)	(3IHP)
1	I	H	P	
2	F	L	T	
3	D		E	
	S		G	

Fonte: da própria autora (2019).

Após a escolha dos símbolos para cada grupo social na amostra dos dados, foram conferidos códigos correspondentes ocorrência contextual das variações linguísticas ao grupo de análise. O quadro a seguir demonstra a codificação dessas variantes:

Quadro 12: Codificação das Variantes Linguísticas.

Variável Dependente	Código
Monotongação +nasalização	(N)
Norma-Culta	(C)
Monotongação-nasalização	(M)
Falta de marca morfológica	(NP)
Monotongação Nominal	(S)
Alçamento	(A)
Enfraquecimento	(Z)
Apagamento	(Y)

Fonte: da própria autora (2019).

Após a rodagem dos dados codificados, obtiveram-se os resultados de cálculos fornecidos pelo sistema do programa correlacionando a quantificação dos dados dos pesos relativos aos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos. Tendo como objetivo verificar as hipóteses levantadas nesta pesquisa. Com esses resultados, fez-se todo o processo de interpretação e análise que será apresentado no capítulo 4.

A seguir, no **capítulo 3**, será exposta a fundamentação teórica, na qual serão apresentadas as teorias referentes aos estudos sociolinguísticos e fonológicos que baseiam este estudo.

CAPÍTULO 3: APORTE TEÓRICO

Nesta seção, serão apresentados os embasamentos teóricos que fundamentam este estudo e a abordagem dos fenômenos encontrados na fala do uatumaense. Para esse feito, serão tratados a seguir os pressupostos da Teoria Sociolinguística, os fundamentos da Teoria da Fonologia Lexical e da Teoria do Princípio do Contorno Obrigatório (PCO). Serão apresentados também os fenômenos tratados nessa pesquisa com um breve levantamento dos estudos anteriores referentes.

Para a construção deste capítulo recorreu-se às fontes a seguir: Labov (2008), Weinreich, Labov e Herzog (2006), Hoch (1986), Leben (1973), Calvet (2002), Chomsky (1978), Mollica e Braga (2003), Bagno (2007, 2012 e 2017), Tarallo (1986, 2007), Lee (2009), Kiparsky (1983, 1999), Câmara Jr. (2011), Bisol (2001, 2005, 2014), Cagliari (2007) e Silva (2011).

3.1 A SOCIOLINGUÍSTICA E SEUS FUNDAMENTOS

A Linguística tem como subárea a Sociolinguística, que por sua vez, tem como objetivo principal a averiguação da língua (linguagem) e trata da interrelação com a sociedade onde seus falantes estão inseridos. Seu foco é a língua falada em suas condições reais de uso, ou seja, “a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social” conforme Labov (2008, p.13). Com isso, ela “se dedica primordialmente ao conhecimento da língua, à descrição da língua, recorrendo a fatores sociais somente na medida em que eles auxiliam esta descrição” (BAGNO, 2012, p. 62).

Essa teoria linguística propiciou um novo olhar ao que se refere à língua, tratando-a fundamentalmente como fato social, pois ela está centrada teoricamente aos aspectos sociais, considerando o contexto, analisando as diferentes formas de utilização da linguagem nos diversos contextos, ambientes e situações sociais do falante. Mollica e Braga (2003, p. 47) ressaltam que “À sociolinguística interessa a importância social da linguagem, desde pequenos grupos socioculturais e grandes comunidades”.

Ao envolver o contexto social, esta área da linguística concentrou-se nos resultados das diversas interações que envolvem a linguagem, embora o termo sociolinguística possa parecer redundante em alguns casos, pois “não existe linguagem sem sociedade” (LABOV, 2011).

Como se sabe, as sociedades em geral apresentam-se subdivididas em: regiões, classes, gênero, idade, escolarização e condições socioeconômicas, dentre outros fatores, gerando assim o que conhecemos diversidade linguística. Diante disso, tornou-se oportuno verificar as diferentes produções, relações e implicações ocorridas na articulação da língua e do seu contexto social.

Labov (2018) parte do princípio de que a língua é uma instituição social que não deve ser estudada separadamente de seus aspectos sociais e, além disso, varia, podendo chegar à mudança ou não. Seu objetivo é entender quais são os principais fatores que motivam essa variação, procurando verificar o nível de ocorrência de um fenômeno, se ele está em seu início ou se já completou um trajeto que o indicará para uma mudança. Labov ilustra essa ideia afirmando que

a maioria dessas variações ocorre apenas uma vez e se extinguem tão rapidamente quanto surgem, algumas são recorrentes e, numa segunda etapa, podem ser imitadas mais ou menos extensamente, e podem difundir a ponto de formas novas entrarem em contraste com as formas mais antigas num amplo espectro de usos. Por fim, numa etapa posterior, uma ou outra das duas formas geralmente triunfa, e a regularidade é alcançada. (2008, p. 20)

Assim, ao se estudar a variação linguística entende-se que há todo um processo regular que a coordena, que há etapas que se sobressaem uma sobre as outras. Com isso, Labov ressalta ainda que a mudança linguística acontece quando a variação é constatada na língua e esta alcança sua regularidade, ou seja, quando esta forma linguística é eleita preferencialmente pelos falantes.

3.1.1 Primeiros Estudos Sociolinguísticos

A Sociolinguística foi consagrada pelo americano William Labov em meados dos anos 60. Ela abordou com intensidade as variações linguísticas, que ocorrem quando “duas formas diferentes permitem dizer a mesma coisa” (CALVET, 2009), estabelecendo relação direta com os aspectos socioculturais.

Labov realizou seus primeiros estudos na conhecida Ilha de Martha's, em Vineyard, localizada nos Estados Unidos, no Estado de Massachusetts. A localidade em questão era distante e remota, mas com o passar do tempo passou a receber turistas no verão e isso conseqüentemente resultou em mudanças sociais e linguísticas.

Esse fato gerou mudanças na fala de seus habitantes que falavam a língua inglesa com um sotaque caracterizado pela acentuada centralização das vogais nucleares nos ditongos decrescentes, [aj] e [aw]; [ej] e [ew]. Essa característica era marcante no inglês utilizado no Canadá, mas não no inglês do Sudoeste dos Estados Unidos cuja forma padrão era [aj] e [aw]. Com isso, Labov notou que cada falante apresentava uma grande quantidade de pronúncias diferentes. Em alguns momentos, registrava-se poucas centralizações dos ditongos, em outros, muita centralização das articulações e ainda em outras ocasiões, não havia centralização nenhuma. (LABOV, 2008, p. 27).

Ficou evidente para o autor que as mudanças no contexto social propiciaram mudanças linguísticas, uma vez que os residentes mais velhos dessa localidade continuaram a utilizar a variante local, estigmatizada e não padronizada de uma forma mais marcante, diferente da variante utilizada pelos turistas, considerada mais prestigiada pelos mais jovens. A partir disso, Labov postulou que seria impossível compreender a variação e mudança fora de um contexto social, pois há uma correlação entre padrões linguísticos variáveis e influências sociais do meio em que estão inseridos os falantes.

Com o desenvolvimento desse estudo, o autor constata que há ainda uma forte relação entre a estratificação social dos usuários da língua e seus usos linguísticos diferenciados, corroborando, portanto, a ideia de que língua e sociedade estão diretamente ligadas.

Portanto, por haver a correlação entre realizações linguísticas e atitudes quanto aos usos da língua, o autor cria um método para interpretar e compreender os fenômenos da língua, empregando o método quantitativo nesse estudo, por meio de cálculos numéricos e dados estatísticos. Esse modelo criado por Labov foi denominado de Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação ou, ainda, Sociolinguística Laboviana.

3.1.2 Variações Linguísticas

O objeto de estudo da Sociolinguística é a variação. Tarallo (1990, p. 8) afirma que qualquer comunidade que possui falantes e formas linguísticas em variação, ou seja, existem “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”. Contudo é um fato natural que se percebe explicitamente, que

os falantes de uma língua podem fazer escolhas entre formas variantes dentro de uma mesma língua.

A Sociolinguística, portanto, busca determinar os limites entre os mais diversos falares de uma língua. Com isso, é do interesse do pesquisador averiguar se os falantes de uma mesma língua diferenciam-se no modo de falar, considerando-se os vários aspectos envolvidos, como: o lugar, o grau de formalidade, a classe social do falante, dentre outros.

De acordo com Mussalin & Bentes (2006, p. 34) “de uma perspectiva geral, podemos descrever as variedades linguísticas a partir de dois parâmetros básicos: a variação geográfica (ou diatópica) e a variação social (ou diastrática)”. A esse se acrescenta a variação diafásica.

Tarallo conceitua os termos variantes e variável:

Em toda comunidade de fala são freqüentes as formas linguísticas em variação. A essas formas em variação dá-se o nome de variantes. Variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística. (TARALLO, 2007, p.8).

Com base nas orientações das autoras supracitadas, apresentam-se as variações linguísticas da seguinte forma:

- A **Variação Diatópica** está relacionada às diferenças entre regiões (geográficas). São denominadas como dialetos e são ocasionadas por influência da cultura local. Consequentemente, nesse caso, as escolhas linguísticas acontecem a partir da cultura que cada falante adquire durante sua permanência em determinada região.
- A **Variação Diafásica** se demonstra dentro do contexto comunicativo, ou seja, é a ocasião que irá motivar o uso de um modo de falar distinto. Neste caso, o grau de formalidade e monitoramento serão determinantes no ato da fala. Essa variação será abordada detalhadamente no tópico 3.1.2.1.
- A **Variação Diastrática** é aquela advinda da convivência entre grupos sociais. Trata-se de variação social, e fatores como faixa etária, escolaridade, classe social, etc. são preponderantes para a criação de um vocabulário próprio.

Para uma análise mais profunda das variações realizadas neste estudo, serão tratados no tópico a seguir os desdobramentos da *variação diafásica*, tais como: a fala monitorada, não monitorada e a hipercorreção.

3.1.2.1 Variação Diafásica

A variação linguística de cunho estilístico, chamada também de variação diafásica, caracteriza-se como sendo aquela que diz respeito ao indivíduo, enquanto que a variação diastrática (sociodemográfica) refere-se ao grupo social a que ele pertence, Bagno (2017). O autor ressalta ainda que:

A variação diafásica se reporta à dimensão do estilo (ou registro), ou seja, o uso pelo falante de determinada variante em lugar de outra obedece a condicionamentos motivados pelo contexto situacional em que ocorre o ato da fala, além de condicionamentos sociais como classe social, status, idade, sexo, redes sociais etc., que configuram a variação diastrática. BAGNO (2017, p.83).

São fatores externos e de contexto que consolidam o uso de determinado estilo eleito por um falante. Concernente a isso, sabe-se que a língua varia não só conforme as características sociais do falante, mas também segundo o contexto social e interacional em que ele se encontra. De acordo com Bagno (2017), o mesmo falante pode valer de diferentes variedades linguísticas em diferentes situações e com objetivos diferentes.

Nesse sentido, é importante salientar que, na maioria dos casos, o falante percebe a sua linguagem, principalmente na interação e no comportamento social com outros indivíduos do mesmo convívio. Destarte, ele saberá usar instintivamente as formas linguísticas de acordo com a situação da fala. A respeito disso,

Na sociolinguística o que importa é o comportamento social que essa norma pode provocar de fato, ela pode desenvolver dois tipos de consequência sobre os comportamentos linguísticos: uns se referem ao modo como os falantes encaram sua própria fala, outros se referem às reações dos falantes ao falar dos outros. Em um caso, se valorizará sua prática linguística ou tentará, ao invés, modificá-la para conformá-la a um modelo prestigioso; no outro, as pessoas serão julgadas segundo seu modo de falar. Calvet (2002, p.60).

Esse comportamento social é constante em todos os ambientes e em todas as situações de fala. Com isso, pode-se incluir, nessa perspectiva, o nível de

monitoramento do falante, se o mesmo tende a hipercorreção, e se opta por qual norma linguística. Entende-se por hipercorreção como sendo o movimento tendencial para a norma culta e que pode gerar uma restituição exagerada das formas de prestígio.

Calvet (2002, p.70) afirma que a hipercorreção é testemunha de insegurança linguística. Em outras palavras, o falante demonstra não apreciar a fala dita informal por acreditar que ela não é a mais correta e opta pela formal que, em muitos casos, nem ele mesmo a domina. O domínio linguístico é fundamental nesse processo, pois

as circunstâncias da aquisição dessa ou daquela forma linguística, do controle dessa ou daquela pronúncia só aparentemente são linguísticas. A competência que se encontra por trás desse domínio linguístico é uma competência social, assim como são sociais os benefícios que se pode extrair dela. CALVET (2002, p. 71).

Para essa diversificada gama de estilos a que o falante tem acesso, é importante fazer uso de suas características sociais, principalmente de seu grau de instrução formal e de letramento, ou seja, quanto mais letrado for um indivíduo, mais amplo será o repertório de estilo à sua disposição no momento de interagir verbalmente, por meio da fala ou da escrita, ressalta Bagno (2017).

Nesse contexto, pode-se fazer uma divisão categórica entre nível formal e informal da fala. Para isso, Coelho (2015), ressalta que a variação padrão tende a ser prestigiada e conservadora, ao passo que a variante não padrão tende a ser estigmatizada e inovadora. Ainda observa que

Certamente, em situações formais usamos uma linguagem mais monitorada, ou seja, prestamos mais atenção à forma como falamos, enquanto que, em situações mais informais, usamos uma fala mais coloquial. São chamados respectivamente de registro formal e registro informal. Coelho (2015, p.46)

Apesar de a classificação entre registro formal e informal, é importante lembrar que a fala não apresenta somente esses dois extremos. É perceptível que isso depende de diversos fatores, como ambiente familiar ou com amigos, que nesses casos facilitam a interação. Coelho (2015) propõe que ‘é mais apropriado pensarmos que existe um *continuum* que perpassa situações de maior ou menor formalidade, correspondendo a registros mais ou menos formais, entre esses dois polos’.

Com isso, entra em questão o nível de monitoramento da falante e a norma escolhida. Quanto mais intimidado o falante se sentir, mais cautela ele terá ao se

expressar; por outro lado, quanto mais íntimo ao ambiente e grupo social, mais ele ficará à vontade ao se falar. Em alguns casos, na fala mais monitorada o falante opta pela linguagem de prestígio. Nesses termos,

Diz-se que uma fala é mais monitorada quando o indivíduo que a produz presta muita atenção ao modo como está falando, submetendo-o a um alto grau de policiamento no uso de pronúncias, palavras, construções gramaticais etc., esse monitoramento da fala também é conhecido como grau de formalidade de uma produção verbal (oral ou escrita). Bagno (2017, p. 477)

Dessa forma, o grau de formalidade está intimamente ligado ao nível monitoramento da fala, das condições do contexto e do grau de intimidade entre os falantes. Para uma demonstração prévia da variação diafásica, os quadros a seguir apresentam trechos retirados das transcrições grafemáticas:

Quadro 13: Variação Diafásica I.

Fala monitorada	“eles me <i>deixaro</i> já com a minha tia, cum’ tia Dudu, morei cum a tia Dudu, aí eu <i>estudava</i> , ela que me <i>dava</i> as coisa assim”. (3FNS)
Fala não monitorada	“mana eu nem esperei, mana, ele só <i>darra</i> na minha cara, u u sangue veio pelo meu nariz qui <i>dêxo rôxu</i> , nesse dia eu disse que eu ea me separá deli”. (3FNS)
Hipercorreção	“aí a <i>rente</i> , a <i>gente</i> , lá a família Montero era, tinha um pedaço u u u tio Sabá, um pedaço o papai, um pedaço num sei de quem mais, e assim ia né.” (3FNS)

Fonte: da própria autora (2019).

Quadro 14: Variação Diafásica II.

Fala monitorada	“nossos caderno, eram daqueles papel grosso que tinha que <i>imbrulhava</i> açúcar nós <i>comprava</i> , nosso pai <i>comprava</i> , aí nossa mãe cortava tudinho e <i>custurava</i> prá fazê o cadernu nossu caderno”. (3FNF)
Fala não monitorada	“Mas quandu <i>inti comprarra!</i> <i>candu</i> o pai da genti <i>comprarra</i> vinha aqueles paninho finiiinhu <i>compraru</i> prá gente, fazia aqueles <i>virtidihu</i> tudo de: franzido, tinha era franzido de manguinha, ficava nada já alegre!”. (3FNF)
Hipercorreção	“as <i>carra</i> , as <i>casa</i> era tudu di barru, cubertu di palha, só tinha um grupo, grupo velho que chamarrum, né?”. (3FNF)

Fonte: da própria autora (2019).

Nesses registros, observa-se variações de pronúncias referentes às palavras “*dava*” – [darra] e “*comprava*”– [comprarra], que ora são pronunciadas em conformidade com a ortografia dicionarizada, ora com variação.

Quanto à hipercorreção, alia-se a ela o nível de monitoramento do falante, assim, no primeiro exemplo, ao falar as palavras “*casa*” – [carra] e “*gente*” - [rente], as informantes que se encontravam monitoradas pelo contexto da entrevista percebem que haviam usado uma palavra tida como desprestigiada, usaram em seguida a palavra “*casa*” e “*gente*”.

Nos registros de fala coletados das informantes **3FNF** e **3FNS**, há dois momentos distintos de comportamentos:

No primeiro, a fala encontra-se altamente monitorada, pode-se afirmar que os fatores externos como: a presença do gravador de voz e até mesmo pela tensão em responder adequadamente as perguntas iniciais, foram determinantes para esse contexto monitorado.

No segundo momento, depois de alguns minutos de gravação da entrevista, em que já havia se firmado confiança entre ambos se percebeu que houve um relaxamento na fala dos informantes. É como se fosse firmada uma intimidade na conversação, facilitando um diálogo mais solto e menos polido. Pode-se considerar também que ao se tratar de assuntos pessoais não houve tanto monitoramento no ato da fala, mas sim uma preocupação aos detalhes de sua reflexão, na alegria ou tristeza de seu relato.

Foi notória a presença constante nesse estudo da hipercorreção. O falante nesse caso tem consciência se usa a variante prestigiada ou desprestigiada e ao perceber que empregou uma variante que parece julgar inadequada para aquele contexto formal, faz automaticamente a correção por outra, evidenciando que ao eleger uma palavra a outra, tem a noção clara de formalidade e informalidade da língua.

3.2 A FONOLOGIA DO PORTUGUÊS

Neste tópico, a fonologia servirá de amparo teórico para a compreensão e análise dos fenômenos linguísticos encontrados no município investigado. Primeiramente serão abordados e explicitados os conceitos de fonética e fonologia, posteriormente será realizada uma abordagem acerca da fonologia Lexical e do Princípio do Contorno Obrigatório (PCO). E por último serão apresentados os fenômenos em estudo, abarcando seus conceitos e sua estrutura de formação.

3.2.1 Fonética e Fonologia

Em seu *Curso de Linguística Geral*, Saussure (1975) faz a distinção entre fonética e fonologia. Segundo o autor, “a fonética é uma ciência histórica, analisa acontecimentos, transformações e se move no tempo. A fonologia se coloca fora do tempo, já que o mecanismo da articulação permanece sempre igual a si mesmo.” (SAUSSURE, 1975, p. 43).

Num sentido mais simplório, a Fonética realiza a descrição do som real pronunciado pelo falante (som da fala), considerando todas as particularidades referentes à pronúncia. Enquanto que a Fonologia vai interpretar os resultados apresentados pela transcrição Fonética, ocupando-se do som ideal, abstrato, acima das diferenças individuais de pronúncia.

Nesses termos, foi o linguísta russo Nikolai Trubetzkoy (1949) quem propôs a inauguração de duas ciências dos sons da linguagem: uma voltada ao ato de fala (Fonética) e outra, voltada à língua (Fonologia), ambas com diferentes modos de abordagem. A respeito disso, Cardoso (2009, p.20) diz que “a fonética estuda a substância, a materialidade dos sons vocais. Já a fonologia estuda a estruturação dos sons em um sistema de relações opositivos e combinatórios para a constituição dos signos de uma língua”.

Destarte, Fonética e Fonologia correspondem à dicotomia fala e língua. Nos termos de Hjelmslev (1975, apud. Silva 2011, p.73), “Fonética equivaleria à substância do plano de expressão; Fonologia, à forma do plano de expressão”. Martinet (1974, p.36) faz a distinção entre fonética e fonologia ressaltando que “Se uma distinção deve ser mantida entre as duas disciplinas, dir-se-á que a fonética estuda os sons da linguagem sem preocupar-se com a língua à qual pertencem, enquanto que a fonologia os considera em função dessa língua.

Ao se tratar da Fonologia, Borba (1970, p.186) observa que “compete à fonologia identificar os fonemas, determinar os traços pertinentes, as oposições e correlações e seus tipos.” Como os fonemas são entidades abstratas e funcionais, é a partir das realizações concretas da fala que se chega ao sistema fonológico da língua, é por esse motivo que se diz que a fonética é base fundamental para se estudar a fonologia.

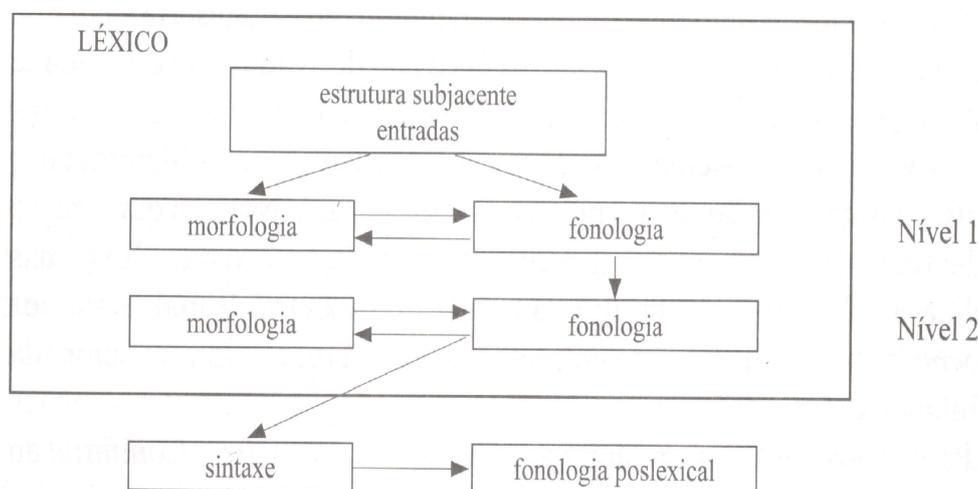
3.3 TEORIA DA FONOLOGIA LEXICAL

O modelo teórico da Fonologia Lexical (doravante FL) trata da interação entre a fonologia e a morfologia. Ela herdou pressupostos teóricos da Fonologia Gerativa, tais como estrutura subjacente, estrutura de superfície e suas abstrações.

A FL está organizada em dois componentes: o lexical e o pós-lexical. As regras do componente Lexical interagem com a morfologia e são cíclicas, já na pós-lexical não há ciclicidade e a interação ocorre com a sintaxe.

Bisol (2014) apresenta o modelo organizacional abaixo:

Imagem 10: Processos da Fonologia Lexical



Fonte: Bisol (2014, p. 92)

Como se vê no quadro, os ciclos estão na interação entre a morfologia e a fonologia, a interação com a sintaxe se dá fora do domínio dos ciclos, ocorrendo somente uma vez.

Lee (1995, p. 06-07), em sua tese sobre “Morfologia e Fonologia Lexical do Português do Brasil”, faz um resumo das propostas da FL apresentadas por Kiparsky (1983), estabelecendo as regras lexicais e pós-lexicais:

- i) As regras lexicais podem referir-se à estrutura interna das palavras e as regras pós-lexicais não podem;
- ii) As regras lexicais são cíclicas e as regras pós-lexicais não são.
- iii) As regras lexicais submetem-se ao princípio da Preservação da Estrutura e as regras pós-lexicais não se submetem.

- iv) As regras lexicais devem preceder todas as aplicações de regras pós-lexicais,
- v) As regras lexicais podem ter exceções e as regras pós-lexicais não podem.
- vi) As regras lexicais sujeitam-se à ordem disjuntiva e as regras pós-lexicais sujeitam-se à ordem conjuntiva.

Bisol (2017) apresenta o uso dos ciclos da FL para explicar os a formação das palavras *rosa*, *roseira* e *roseiral*, conforme se apresenta no quadro a seguir:

Quadro 15: Ciclos da Fonologia Lexical

Estr. subjacente	/rɔz-a/	/roza-eira/	/rozeira-al/	
/rɔz-a/ _N			Morf.(ident.)	1º ciclo
Silabificação	rɔ.za		Fonologia	
Acento	'rɔ.za			
Adjunção		rɔza.eira	Morfologia	2º ciclo
Apg. de VT		rɔzØ.eira	Fonologia	
Silabificação		rɔ.zej.ra		
Acento		rɔ.'zej.ra		
Neutralização		ro.'zej.ra		
Adjunção			ro.zej.ra.al	3º ciclo
Silabificação			ro.zej.ra.al	
Fusão			ro.zej.ral	
Acento			ro.zej.'ral	
Estr. de superf..	['rɔ.za]	[ro.'zej.ra]	[ro.zej.'ral]	

Fonte: Bisol (2017, p. 89).

Bisol (2017) explica que há três ciclos: i) forma de palavra simples (*rosa*); ii) formação de um derivado imediato (*roseira*) e iii) formação de um derivado de outro derivado (*roseiral*). Nesses três níveis somente o acento é cíclico, pois o acento é apagado para atribuir acento na nova palavra.

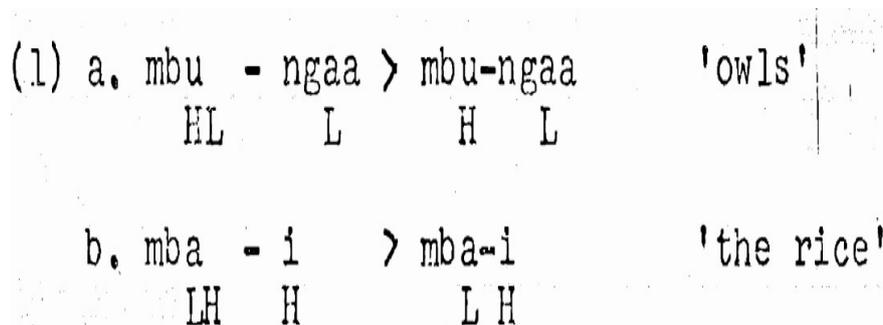
A teoria de Fonologia Lexical nos ajudará explicar os processos linguísticos envolvidos nos fenômenos da monotongação, alçamento e enfraquecimento o que explicará a variação dialetal de São Sebastião do Uatumã.

3.4 TEORIA DO PRINCÍPIO DO CONTORNO OBRIGATÓRIO (PCO)

William Ronald Leben, em sua tese “suprasegmental Phonology”, defendida no MIT, em 1973, apresenta situações de ocorrências tonais em línguas africanas em que dois tons idênticos não podiam ocorrer em ambientes adjacentes. Goldsmith (1979) em sua obra “Autosegmental Phonology” cunhou esse fenômeno de “Princípio do Contorno Obrigatório” (PCO). A regra desse princípio é: “Elementos adjacentes idênticos são proibidos” Bisol (2014, p.66).

Leben (1973) apresentou, em Mende, (uma língua de Serra Leoa) que dois tons idênticos não podem ocorrer adjacientemente. Para ilustrar o fenômeno do PCO, ele apresenta duas palavras com seus tons “mbu” <coruja> (com tons HL, isto é, tom alto “H” e tom baixoL) e “mba” <arroz> (com tons LH). Para a afixação morfológica ele apresenta dois sufixos um com tom baixo L “ngaa” <marcador de plural> e outro com tom alto H “i” <marcador definitivo>, conforme apresentados em (1a) e (1b) abaixo:

Imagem 11: O fenômeno do PCO.



Fonte: Leben (1973, p. 51)

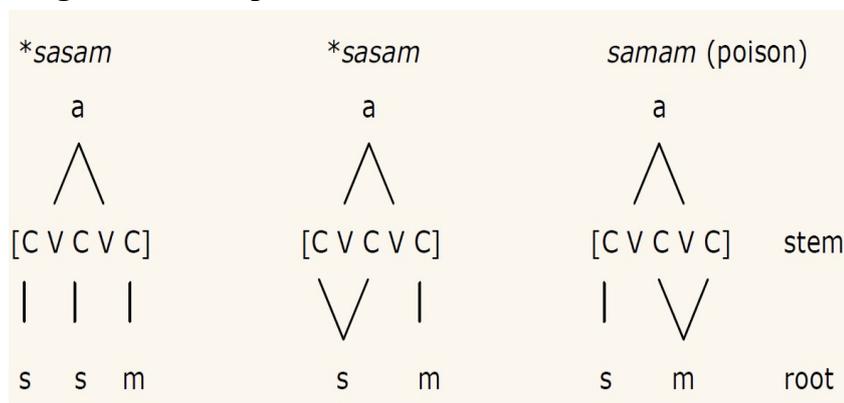
O fenômeno apresenta o apagamento do tom baixo da palavra “mbu” porque o marcador de plural tem tom baixo também, conforme (1a) e em (1b) o tom alto de “mba” é apagado porque o marcador definitivo também um tem um tom alto H. Portanto, não podem ocorrer dois tons semelhantes adjacentes.

Após essa constatação de restrições tonais, nos aspectos suprasegmentais, outros linguistas levaram também esse princípio para outros fatos linguísticos, como sílaba e segmentos McCarthy (1986) e outros apontaram traços Facó & Damulakis (2007).

McCarthy (1986) apresenta que a raiz árabe se submete ao PCO, para isto, apresenta três palavras com três consoantes cada uma, sendo que somente a palavra “samam” seria uma palavra árabe, porque os dois “m” não estão em sílabas adjacentes e

sim estão na mesma sílaba ao passo que as outras palavras com “s” estariam todas em sílabas adjacentes, a imagem abaixo apresenta isso:

Imagem 12: Exemplo de PCO.



Fonte: McCarthy (1986, p. 209)

Damulakis (2005) demonstra que a monotongação no português, no caso de $ej \rightarrow e$ é resultado do PCO, pois o ditongo [ej] se monotonga diante das consoantes [ʃ,ʒ,h], obedecendo o PCO com a regra: “PCO [coronal] e [aberto]: dois segmentos coronais com idêntico grau de abertura estão proibidos”. Como o “j” e qualquer um dos [ʃ,ʒ,h] tem o mesmo grau de abertura (-abertura 1 e -abertura 2) como também todos são coronais, isto faz com que o “j” caia, para não ferir o PCO.

Portanto, os processos de enfraquecimento e apagamento encontrados em alguns registros em São Sebastião do Uatumã, serão explicados através do Princípio do Contorno Obrigatório.

3.5 TEORIA DO ENFRAQUECIMENTO

Para esta análise seguiu-se os conceitos da Teoria do enfraquecimento abordado por Hoch (1986), que no final do século passado, julgava que as mudanças sonoras que são encontradas no mundo todo passam pelo processo de “enfraquecimento” ou “lenição”. É apropriado explicitar antes o conceito de “lenição”, que para o autor, é a “redução do esforço despendido na articulação de um segmento fonético que pode ser suprimido”. Ou seja, o som sai de uma categoria mais forte, para uma adjacente, inferior, até encontrar o apagamento total do som.

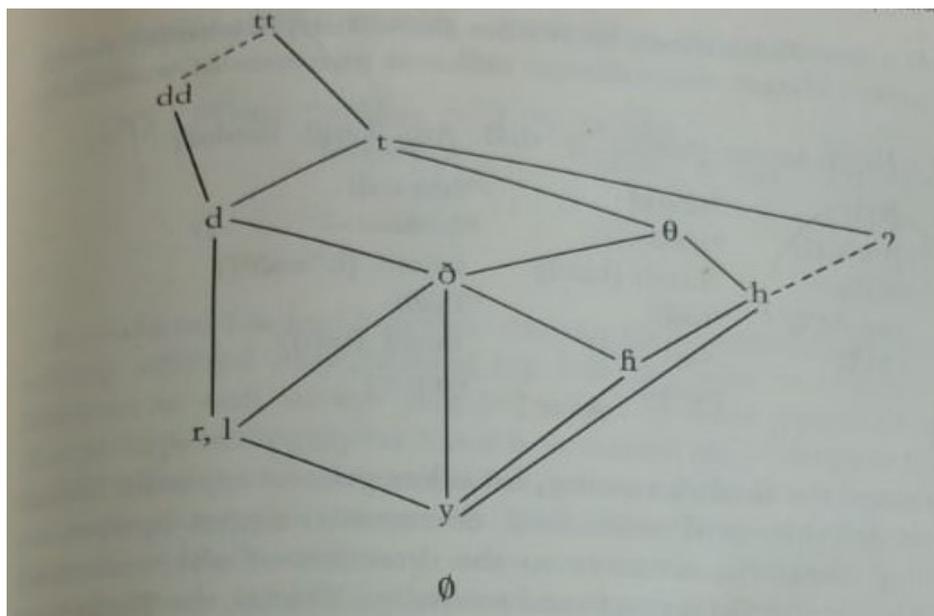
Esse “enfraquecimento” do esforço da articulação do som foi considerado “fenômeno da língua preguiçosa” – que pode assumir formas diferentes de mudança até ao mais radical que é a perda total de articulação. “A perda é o derradeiro e último resultado do enfraquecimento” conforme Hoch (1986, p. 85).

É comum entender que a perda total de um som aconteça com frequência em ambiente final de palavras, por ser considerado um ambiente propício a essas mudanças, porém o autor contra-argumenta:

- i) A perda não é restrita aos ambientes médios e finais típicos de enfraquecimento, há outras posições também.
- ii) E a perda afeta para que não haja nenhum desenvolvimento enfraquecedor, mas nenhum argumento é conclusivo.

A seguir o modelo de esquema proposto por Hoch (1986) demonstra todo o processo de enfraquecimento até a perda total do som.

Imagem 13: Hierarquia de Enfraquecimento



Fonte: Hoch (1986, p. 84)

Diante do exposto, conclui-se que:

- 1) Essas mudanças têm uma forte tendência a ocorrer em apenas dois ambientes: posição intervocálica medial (ou inter-soante) e ambiente final de palavra ou sílaba;
- 2) Podem ocorrer em outros lugares, mas é menos comum;
- 3) Aplicam-se de maneira paralela, dentro de uma mesma linguagem intimamente relacionada, para mesma classe ou segmento ou para conexões estreitamente relacionadas.

Como se vê, o processo de enfraquecimento segue uma linearidade, ou seja, uma regra que determina todo o processo de sua realização. O quadro a seguir demonstra essa linearidade:

Quadro 16: Processo de Enfraquecimento

Fricativas Bucais	Fricativas Glotais	Apagamento
[f] [v] [s] [z] [ʃ] [ʒ]	[h]	[Ø]

Fonte: da própria autora (2019).

O quadro apresenta uma demonstração prática desse processo fonológico ao se organizar as fricativas em: bucais (articulação da boca) e glotais. Observa-se que a

tendência é que as fricativas bucais se tornem fricativas glotais e num determinado momento, possam até perder a sua identidade fonética, apagando-se totalmente.

3.3 OS FENÔMENOS EM ESTUDO

Neste tópico serão abordados os fenômenos encontrados na fala do uatumaense e os processos fonológicos envolvidos em sua ocorrência. Para este feito, serão apresentados o fenômeno da monotongação, alçamento e enfraquecimento em outros cantos do Brasil e os estudos referentes a essas variedades linguísticas.

Os estudos realizados em outras regiões do país concernentes aos fenômenos tratados nesse estudo, que buscou a colaboração para construir um parâmetro teórico para as análises e resultados que se utilizou nesta pesquisa.

3.3.1 O Fenômeno da Monotongação

Inicialmente, pode-se pensar que a monotongação seja uma variação diatópica, marcando as regiões a que pertencem essas capitais. Ao se verificar trabalhos anteriores realizados em outras regiões do país, consta a ocorrência dos mesmos fenômenos nessas regiões, descartando-se assim a hipótese de variante regional.

Sabe-se que a monotongação é um fenômeno linguístico por meio do qual os ditongos sofrem um processo de apagamento da semivogal, isto é, reduzem-se a simples vogais. Um processo fonológico, que se desfazem os ditongos na língua portuguesa; ao passo que a ditongação ocorre um processo inverso à monotongação, pois cria ditongos, preservando o padrão vocálico: vogal e semivogal. Para tal questão, não só há uma explicação linguística, como também uma fundamentação histórica, isto é, uma explicação que marca os processos evolutivos do fenômeno, desde a passagem do latim ao português.

O termo monotongação é utilizado quando se explica o processo de redução do ditongo que perde sua semivogal e passa a ser pronunciado somente a vogal. Em outros termos, a monotongação é vista como a redução do ditongo à vogal simples ou pura, por um processo de assimilação completa. Pode ser tratada como variação fonética, para facilitar a articulação, em outros casos, é tido como variação sociolinguística e dialetal.

Para Câmara Jr.(1979), a monotongação tem seu caráter genuinamente fonético ao mostrar que apesar de o ditongo ser monotongado na fala, na grafia formal, ele é apresentado. Para o autor, a monotongação é:

Mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo a uma vogal simples. Para pôr em relevo o fenômeno da monotongação chama-se, muitas vezes, monotongo, à vogal simples resultante, principalmente quando a grafia continua a indicar o ditongo e ele ainda se realiza numa linguagem mais cuidadosa. Entre nós há, nesse sentido o monotongo ou /ô/, em qualquer caso, e ai /a/, ei /ê/ diante de uma consoante chiante (p)ouca, (b)oca, (c)caixa, como acha, (d)deixa, como fecha. Câmara Jr.(1979, p.170).

Bisol (2005) afirma que monotongação é um processo fonológico no qual um ditongo converte-se em monotongo. Para a autora, o processo de monotongação é o fenômeno fonológico em que um ditongo passa a ser produzido como uma única vogal, ou seja, quando ocorre a supressão da semivogal de ditongos como [ay], [ey], [ow], [ãw], e eles se realizam, respectivamente, como vogais simples [a], [e], [o] e [u]. É o que ocorre, por exemplo, quando “c[ay]xa” é produzida como “c[a]xa”, “d[ey]xo” como “d[e]xo”, “c[ow]ve” como “c[o]ve” e fal[ãw] como fal[u].

De acordo com Hora (2007), o fenômeno da monotongação ocorre de maneira condicionada, sobretudo depende do contexto fonológico seguinte, com isso, os ditongos [ay] e [ey] monotongam mais frequentemente diante de fricativas alveolopalatais [ʃ], [ʒ] e tepe [r] (LOPES, 2002; PEREIRA, 2004; BAGNO, 2012).

Em consonância a isso, Bisol (1994) descreve que, nos contextos /ʃ, ʒ /, os ditongos [ay] e [ey] possuem apenas uma vogal na forma subjacente, portanto a presença ou a ausência do glide em [veyʃami] e [ˈkaʃa], por exemplo, deve-se à presença da consoante palatal. Esse fato decorre de um processo assimilatório que ocorre no tier melódico, em que o traço alto da consoante / ʃ / é compartilhado por dois segmentos vizinhos.

O ditongo [ow] pode sofrer monotongação em qualquer contexto fonético (LOPES, 2002; COSTA, 2004; BAGNO, 2012). Os estudos de Paiva (1996) evidenciam que o apagamento de [w] ocorre independentemente de qualquer restrição, tendo por motivação somente a estrutura interna do ditongo. Para a autora, a natureza fonética da vogal-base é o único fator que atua positivamente na supressão de ambas as semivogais (op. cit., 234).

Os estudos de Silva (2004) e Hora (2007) apontam que:

- 1) O ditongo [ay] é o mais resistente à monotongação;

- 2) O ditongo [ey] é menos restritivo que [ay], porém, menos monotongado que [ow].
- 3) A monotongação de [ow], uma vez que ocorre em qualquer contexto, independentemente das variáveis linguísticas e/ou sociais, pode ser considerada um estado de mudança praticamente consumada.

3.3.1.1 Estudos anteriores referentes à Monotongação

Por ser um traço comum no Português Brasileiro, a monotongação é atestada em inúmeros trabalhos sociolinguísticos espalhados por todo o Brasil. Este fenômeno pode ser considerado, linguisticamente, uma mudança em curso, pois ora o ditongo é mantido, ora a semivogal é apagada. Seus contextos fonológicos também influenciam a ocorrência desse processo motivando a aparição da variação linguística. De modo geral, é uma variação ocorrente na fala uatumaense, por isso a importância de sua análise.

Para a apresentação do fenômeno da monotongação neste estudo, buscou-se os trabalhos de: Cabreira (1986); Battisti (2000) e (2002); Amaral (2005); Silva (2005), Cristofolini (2011) e Freitas (2017).

- **Cabreira (1996)**

O estudo de Cabreira (1986) descreve o fenômeno da monotongação de ditongos decrescentes nas três capitais da Região Sul, Porto Alegre (RS), Curitiba (PR) e Florianópolis (SC). Utilizando-se do banco de dados VARSUL, sua amostra é composta de 36 informantes, estratificados em variáveis sociais. O autor elabora um estudo preliminar para testar as variáveis estabelecidas em busca de um instrumento de análise condizente com a realidade do fenômeno variável em estudo. Essas variáveis eram as seguintes: contexto fonético precedente, seguinte, natureza morfológica e tonicidade. Contexto fonético precedente, natureza morfológica e tonicidade apresentaram resultados inexpressivos e não foram submetidos a uma redefinição; apenas o contexto fonético seguinte apresentou resultados relevantes que determinaram a sua redefinição. Para redefinir a variável independente do contexto fonético seguinte para os ditongos [ej] e [aj], Cabreira separou os segmentos tepe, fricativa palatal desvozeada e fricativa palatal vozeada, criou o fator oclusivas velares para [k] e [g], amalgamou as vogais em único fator e também reuniu o restante dos contextos seguintes em um só fator. O grupo

de fatores contexto seguinte passou a conter os seguintes fatores: (a) fricativa palatal desvozeada (b) fricativa palatal vozeada (c) tepe (d) oclusivas velares (e) vogais (f) outros O ditongo [ow] apresentou 96% de casos de monotongação (1168/1215), e em todos os contextos a redução ultrapassa os 90% de aplicação. Estes resultados levaram o autor a redefinir a análise levando em conta os contextos fonéticos que influenciam a regra de apagamento do glide nos ditongos [ej] e [aj], fricativas palato-alveolares, separando-os de [ej] seguido de tepe e do ditongo [ow], que também formaram análises distintas. Para a análise dos ditongos [ey] e [ay], Cabreira agrupa os ditongos [ej] e [aj] em uma mesma análise, impede-nos de verificarmos se a seleção de variáveis nas duas análises é realmente diferente, já que tratam de ditongos e contextos diferentes. Com isso, para os dois tipos de ditongos analisados, em termos de influência de aspectos sociais no fenômeno estudado, a variável escolaridade primária (atual nível fundamental) e o sexo feminino foram significativos para a regra de monotongação.

- **Os estudos de Battisti (2000) e (2002)**

Battisti (2000) e (2002) consolida-se seus estudos a partir de dados do Projeto Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil – VARSUL – investigou a redução dos ditongos nasais átonos no português das capitais da região sul. A amostra analisada foi constituída de 90 entrevistas, sendo 30 do Rio Grande do Sul (RS), 30 de Santa Catarina (SC) e 30 do Paraná (PR). Os resultados apontaram que: após rodar as 5.649 ocorrências no VARBRUL que, no nível extralinguístico, a menor escolarização, o sexo masculino, e o estado de Santa Catarina são condicionadores positivos para a aplicação da regra de redução dos ditongos nasais. Em relação às variáveis linguísticas, as classes de palavras (advérbio, nome em -gem e substantivo) e o contexto fonológico seguinte (palavra seguinte iniciada de vogal) favorecem a aplicação da regra de redução do ditongo nasal. A autora ainda levantou a hipótese de que o contexto seguinte átono é mais favorecedor à redução do ditongo nasal do que o contexto tônico.

- **O Estudo de Amaral (2005)**

Amaral (2005) faz a descrição da variação do ditongo [ey] nas comunidades de fala de São Borja, Panambi e Flores da Cunha. Sua amostra constituiu-se de 42 informantes, estratificados segundo os fatores sociais de gênero, faixa etária, escolaridade, classe social. Dentre as variáveis sociais apenas idade (fator 25 a 50 anos)

foi selecionada como relevante para aplicação da regra de redução de ditongos. Nesse estudo os mais jovens aplicam a regra de forma mais significativa em relação aos mais velhos. Quanto às variáveis linguísticas, contexto fonológico seguinte (fatores fricativa palato-alveolar e tepe), tonicidade (sílabas átonas) e classe de palavra (formas não-verbais) se apresentam como fatores favorecedores à aplicação da regra variável em estudo. Observou-se nesse estudo que os contextos fonológicos mais significativos para o apagamento do glide palatal corroboram a descrição de Bisol (1989) dos ditongos leves (ou falsos), ambiente fonológico favorecedor para a variação.

- **O Estudo de Silva (2005)**

O autor analisou a redução da nasalidade em ditongos de sílaba final átona em Porto Alegre e em Panambi. A amostra foi constituída de 24 entrevistas, sendo 12 informantes monolíngues de Porto Alegre e 12 bilíngues de Panambi, comunidade bilíngue português-alemão. Foram analisados 1.728 dados, dos quais 31% correspondem aos dados de aplicação e 69% aos dados de não-aplicação da regra. Os resultados apontaram como fatores condicionadores da regra de redução dos ditongos nasais, em ordem de relevância, a) falante monolíngue; b) contexto seguinte ao ditongo; c) posição do onset, da sílaba que contém o ditongo, ocupado por consoante nasal; d) falante com menor número de anos de escolaridade; e) vocábulos terminados em sufixo -gem; f) falante mais jovem; e g) contexto seguinte formado por sílaba átona.

- **Estudo de Cristofolini (2011)**

Cristofolini (2011) também segue a orientação laboviana ao analisar o fenômeno da monotongação do ditongo decrescente oral [ow], na comunidade de Ratonés, município de Florianópolis. Este estudo analisa a monotongação do ditongo oral decrescente [ow], no falar florianopolitano, avaliando os dados sob a ótica da sociolinguística e da fonética acústica. Sociolinguisticamente, os resultados convergem para a literatura da área; acusticamente, foram observadas variantes que vão da monotongação completa a formas intermediárias, com características ora próximas da vogal simples, ora do ditongo. Consonante com as hipóteses sociolinguísticas iniciais e com a literatura da área, ditongo [ow] mostrou uma monotongação aparentemente categórica, com 93% dos dados que sofreram monotongação. Em relação às variáveis linguísticas e extra-linguísticas, o ditongo foi sensível somente à tonicidade da sílaba do

ditongo. No estudo acústico, foram confirmadas a presença das duas variantes do ditongo [ow]: a retenção da semivogal, ou seja, a manutenção do ditongo e seu apagamento total, a monotongação. Entretanto, quando ocorre a monotongação, foram visualizadas duas situações diversas: uma com o apagamento total da semivogal e outra que mantém características acústicas intermediárias entre o ditongo conservado e a vogal simples, resultando em uma forma intermediária (gradiente) entre a retenção e o apagamento total da semivogal. Mesmo havendo essa variação, em ambos os casos, quando ocorre a monotongação, a vogal [o] apresenta sua duração aumentada de forma a ocupar a região temporal que seria destinada ao ditongo, o que levaria a duas hipóteses: o apagamento da semivogal alonga a duração da vogal ou a semivogal seria apenas reduzida, mostrando indícios de sua presença na coarticulação da vogal para o segmento seguinte. Assim, baseados nos dados relativos à duração, à configuração e frequência dos formantes e, embora minimamente, também à curva de intensidade, chegou-se a conclusão que há uma terceira variante, além do ditongo conservado e do monotongo. Há uma forma intermediária, que mantém a duração do ditongo, mas que mescla características *formânticas* do ditongo com aquelas da vogal simples, evidenciando que existem formas gradientes nesse fenômeno.

- **Estudo de Freitas (2017)**

O estudo de Freitas (2017) buscou identificar os contextos linguísticos e extralinguísticos que propiciam a ocorrência da monotongação dos ditongos orais decrescentes na fala de moradores da cidade de Uberaba- MG. O *corpus* desta pesquisa foi organizado através da língua falada, representativa da comunidade urbana de Uberaba – MG, através de entrevistas que seguiram o modelo laboviano de pesquisa variacionista. O autor entrevistou 24 informantes selecionados de acordo com fatores sociais de escolaridade, idade e gênero. Depois disso, realizou-se a transcrição fonológica observando as ocorrências de palavras com ditongo decrescente e com a monotongação do ditongo decrescente, que posteriormente foram transcritas foneticamente. Com o uso do programa estatístico *Goldvarb X* obteve-se os dados quantitativos, segundo fatores linguísticos e extralinguísticos, considerando-se a variável dependente: monotongação ou não dos ditongos decrescentes. Os resultados obtidos neste estudo apontaram que, na fala do uberabense, há a preferência pela forma monotongada dos ditongos /aj/, /ej/ e /ow/ e que essa preferência é condicionada por fatores linguísticos, tais como o contexto fonológico seguinte, a extensão da palavra e a

tonicidade. No que se refere aos fatores considerados extralinguísticos (sexo, idade e escolaridade) esses fatores pouco influem, ou até mesmo nada influem sobre sua realização deste fenômeno.

3.3.2 O Fenômeno do Alçamento

Como se sabe as vogais posteriores ocorrem de maneira vertical, ou seja, tendem a se fechar em alguns contextos fonológicos, caracterizando assim, o fenômeno do alçamento. Bisol (2005) por sua vez, explica que a aplicação da regra do alçamento é abordada com base na ocorrência do processo, denominado harmonização vocálica.

Para que isso ocorra, as vogais médias [e] e [o] desencadeiam um mecanismo de assimilação do traço pela altura das vogais altas [i] e [u], respectivamente, a fim de que se estabeleça uma “harmonia” entre os traços das vogais. Sendo a harmonização um processo que não faz saltos, a autora fortalece a hipótese de que a vogal assimiladora é a vogal alta da sílaba imediatamente seguinte, independente de ser tônica ou não. Deste modo, a contiguidade, para a autora é uma condição obrigatória para a aplicação da regra.

Abaurre-Gnerre (1981, p. 37) relaciona a ocorrência do alçamento da vogal a um fenômeno de redução vocálica, ou seja, a um “processo de teleologia eminentemente articulatória: torna os segmentos articulatoriamente mais semelhantes entre si pela diminuição da diferença articulatória das vogais com relação aos segmentos consonantais adjacentes”. Esse processo, geralmente, leva ao desaparecimento das vogais em questão nas pronúncias mais rápidas.

Em consonância com Abaurre-Gnerre (op. cit.), Viegas (1987) discorda de que o alçamento das vogais seja uma consequência da harmonia vocálica; para esta autora o alçamento da vogal posterior trata-se de um processo de redução, o qual é influenciado pelas consoantes adjacentes; nas palavras p/e/queno e p/i/queno, t/o/mate e t/u/mate, b/o/neca e b/u/neca é perceptível elevação, não há harmonia entre as sílabas tônica epretônica, pois é muito mais nítida a diferença entre as vogais tônicas e pretônicas, perante a classificação articulatória.

Contudo, Campos (2009), acredita que o fenômeno do alçamento pode ocorrer em função da proximidade articulatória que os fonemas, como as vogais posteriores, assumem no ato da fonação, apresentando assim igualdade em traços como: arredondamento, altura e articulação.

3.3.2.1 Estudos anteriores referentes ao Alçamento

Ao se buscar outros estudos relacionados ao Alçamento (alteamento), observa-se que há uma parca literatura a respeito desse fenômeno no âmbito nacional. Para demonstração deste fenômeno, recorreu-se aos estudos de: Viegas (1987); Bortoni-Ricardo (1992); Rodrigues (2005) e Campos (2009).

- **Estudos de Viegas (1987)**

Viegas analisou, em sua pesquisa, o alçamento pretônico metropolitano de Belo Horizonte (BH), em classes de palavras diferentes (p. e., nomes, verbos, adjetivos, conectivos, pronomes, numerais, advérbios e outros). Assim como Bisol (1981), Viegas descreveu aspectos estruturais (segmento sonoro precedente, ponto de articulação do segmento precedente, distância da variável do início da palavra, distância da variável da sílaba tônica, classe gramatical e outros) e não estruturais (faixa etária, sexo, grupo social, estilo e gênero) favorecedores ao alçamento pretônico. Segundo essa pesquisadora, os aspectos estruturais favorecedores e desfavorecedores são os mesmos, tanto, /o/ quanto para /ε/. Ela propôs para existência de 1) itens lexicais com ambiente favorável ao alçamento que não alçavam e de 2) itens lexicais sem ambiente favorável ao alçamento que alçavam (o que a levou a sugerir que este fenômeno pudesse estar relacionado ao item lexical, ou seja, o processo poderia ser por difusão lexical), Viegas (1987, p. 130) concluiu que, na comunidade investigada, o alçamento pretônico de [e] caracteriza “ [...] um processo de harmonização vocálica evidente (como diziam Câmara Jr. (1979), Bisol (1981) e Lemle (1974)) devido à grande influência da vogal alta seguinte”.

- **Estudos de Bortoni-Ricardo et al. (1992)**

Nessa pesquisa, Bortoni-Ricardo *et al.* examinaram o alçamento e o abaixamento em classes gramaticais diversas (p. e., nomes, verbos e advérbios) do/o/ e /ε/pretônicos de PB, no dialeto de Brasília, Para atingir esses objetivos, da mesma maneira que Bisol (1981) e Viegas (1987), Bortoni-Ricardo *et al.*, como é padrão em pesquisas sociolinguísticas, consideraram aspectos estruturais (vogal da sílaba seguinte, ambiente fonológico precedente, ambiente fonológico seguinte e tonicidade subjacente) e não estruturais (sexo, classe social e origem dos pais) em sua análise. Concluíram que o

alçamento pretônico de harmonização vocálica e influência analógica da morfologia derivacional (interpretação neogramática), contudo deixaram explícito que há dados que não são explicados por esse modelo.

- **Estudos de Rodrigues (2005)**

O estudo de Rodrigues (2005) investigou-se o alteamento /o/ > [u] no município de Cametá, Nordeste do Estado do Pará, Brasil, observando-se a estreita relação entre fatores de ordem social (sexo, faixa etária, escolaridade e procedência) e os de natureza lingüística, como natureza da coda, do onset, quantidade de sílabas do vocábulo, monotongação face para não-monotongação, posição no grupo de força, classe gramatical, posição da tônica no vocábulo, função de base que o vocábulo integra no grupo de força, natureza da intensidade. Seguiram-se os pressupostos teóricos da sociolingüística de linha variacionista laboviana. A pesquisa consubstancia-se em um estudo comparativo dessa marca dialetal na fala de cametaenses tanto da zona urbana como rural, além de, atentando-se para a comparação do fenômeno tanto na posição pré-tônica como tônica, com especial ênfase nesta última, verificar o quanto de preconceito lingüístico possa estar impregnado o alteamento, constituindo-se marca maior de identidade local. A pesquisa contou com 4328 dados obtidos da fala de 72 informantes, estratificados socialmente e tabulados a partir do programa estatístico *Varbul*. Verificou-se que a presença de alteamento é muito menor que sua ausência, configurando-se num possível caso de mudança em tempo aparente (favorecido em maior índice pela terceira faixa etária), estigmatizado na tônica, marca maior da zona rural e da fala de analfabetos, sendo desfavorecido pela escolarização e urbanização, além de ser fortemente marcado em sílabas leves, dentre outros fatores de natureza lingüística, como vocábulos de três sílabas e uma, vogal unitária simples, *onset* lateral, coda vazia, posição não-final no grupo de força, classe gramatical dos nomes, vocábulos oxítonos e monossílabos tônicos, natureza de intensidade pré-tônica. Os fatores sexo e função de base que o vocábulo integra no grupo de força não foram considerados pelo programa estatístico.

- **Estudo de Campos (2009)**

Em sua tese de doutorado, Campos (2009) abordou o fenômeno do alçamento das vogais posteriores em posição tônica observado na fala do habitante de Borba –

Amazonas. O estudo da autora foi resguardado teoricamente pelos pressupostos linguísticos e sociolinguísticos, sustentando-se teórico-metodologicamente em estudos fonético-fonológicos anteriores. Realizou-se o método qualitativo e quantitativo dos dados da referida pesquisa. O *corpus* desta tese contou com dados extraídos de vinte e quatro informantes alocados em quatro grupos representativos das localidades compreendidas em todo rio Madeira. Seus resultados apontaram que o fenômeno do alçamento é bastante recorrente na região investigada e se configura em todo rio Madeira. Também apontou que o fenômeno é mais produtivo na fala de informantes idosos, iletrados e do gênero masculino.

3.3.3 O fenômeno Enfraquecimento das fricativas

Ao se investigar o processo de enfraquecimento, é de suma importância apresentar anteriormente a formação das consoantes fricativas. Por isso, esta seção é destinada à formação dessas consoantes, por meio de uma abordagem diacrônica.

Antes do século XX muitos gramáticos já estudavam as fricativas, demonstrando seu comportamento variável. Um exemplo claro disso é a presença da variação fonológica identificada por Fernão de Oliveira, primeiro gramático da língua portuguesa, que fala a respeito de /s/: “quando pronunciamos o s, levantamos a ponta da língua para o céu da boca e o espírito (ar) assobia pelas ilhargas (lados) da língua, (ao passo que a pronúncia do [z] zine entre os dentes cerrados, com ‘a língua chegada a eles e os beiços apertados um do outro)” Oliveira (1975, p.121).

Fernão de Oliveira apresentava em sua obra a preocupação com a pronúncia, chegando a considerar como errôneas as variações nas quais apareciam o apagamento do /s/ ou quando ocorria a pronúncia com a aspirada.

Um outro pesquisador que estudou as fricativas foi Câmara Jr. (1976). Ele ressalta que as consoantes fricativas se enriqueceram e passaram a constituir uma série diferenciada das suas originárias da língua latina. As anteriores /s/ e /z/ coarticulam na zona anterior da língua, abaixada para a arcada dental inferior, com os alvéolos da arcada dentária superior.

No que diz respeito às posteriores /ʃ/ e /ʒ/ correspondem às consoantes articuladas no médio-palato pela zona média da língua, enquanto avança para os dentes superiores.

Assim, no processo de produção dessas fricativas, ocorre um efeito de “chiamento” acústico que se desdobram com a musculatura mole.

O autor diz também que as mudanças ocorridas a partir do século XV transformaram a consoante /g/, fazendo com que esta perdesse a oclusão e adquirisse no romão lusitânico um som chiante até hoje conservado, sendo uma das origens do fonema /ʒ/.

Em um outro trabalho realizado por Câmara Jr. (1976), está documentado que, em posição pós-vocálica, o morfema flexional de plural /s/, se encontra em oposição ao morfema zero /ø/, sendo definido fonologicamente como arquifonema /S/ das quatro fricativas (alveolares /s/ e /z/ e palatais /ʃ/ e /ʒ/).

Câmara Jr (ibidem, p. 93), estudou a estrutura do português falado no Rio de Janeiro e São Paulo, esclarecendo que a representação fonológica do /s/ corresponderia à pronúncia mediante pausa. O linguista afirma que a fala carioca, representativa da maior parte do Brasil e do português europeu, não apresenta o /s/ sibilante ante pausa. Entretanto, no português falado em São Paulo, tem-se o /s/ alveolar, principalmente, perante pausa ou consoante inicial. A chiante surda /ʃ/ é predominante no dialeto do Rio de Janeiro. A consoante /z/ dá-se em frente vogal “quando se dá o fenômeno de ligação diante de vogal inicial” tanto no Rio quanto em São Paulo.

Câmara Jr. (2004), por sua vez, assim descreve como se dá a realização das consoantes fricativas:

A constrição é a aproximação muito grande entre dois órgãos fonadores, como para porto /f/ e /v/, em que a arcada dentária superior e o lábio inferior quase se juntam. A fricção, ou atrito, é a impressão que essa constrição produz em nosso ouvido. O nome de «sibilantes» e o de «chiantes», respectivamente, para /s/ - /z/ e /ʃ/ (x em eixo) - [ʒ] (j em jeito) são também uma classificação auditiva; articulatoriamente costumam ser chamados esses fonemas constritivos alveolares e palatais, respectivamente. (2004, p. 18).

Por fim, foneticamente, uma consoante é considerada fricativa quando, quando produzida, a passagem do ar ocorre com a aproximação dos articuladores passivo e ativo, provocando, assim, uma fricção.

Historicamente, as consoantes fricativas, durante a passagem do latim para o português, fixaram-se simetricamente com suas respectivas homorgânicas, o que até então só acontecia com as oclusivas. Segundo Tarallo (1990, p. 108), o sistema

consonantal do latim teve sua evolução para o português caracterizada por dois processos: tendência à lenição (enfraquecimento) articulatória e à palatalização.

Portanto, após esses esclarecimentos sobre as fricativas, conclui-se que sua realização variável, principalmente do /S/ pós-vocálico, é registrada desde o latim arcaico. Sua manutenção, sua aspiração e seu apagamento são descritos tanto do ponto de vista linguístico quanto social: seja como uma tendência para o enfraquecimento desses fonemas, seja como uma pronúncia “rústica”, realizada por indivíduos de classes sem prestígio social.

Assim, após essas análises registradas historicamente das fricativas, na passagem do latim para o português, segue-se para a descrição do enfraquecimento dessas fricativas, em alguns estudos do português do Brasil para que se tenha um parâmetro ao se analisar o dialeto do falante de São Sebastião do Uatumã, Amazonas.

3.3.3.1 Estudos anteriores referentes ao Enfraquecimento das Fricativas

Nesta subseção serão apresentados alguns dos primeiros trabalhos que registraram o fenômeno do enfraquecimento das fricativas no português do Brasil e alguns estudos realizados no Amazonas. Assim, os tópicos a seguir discorrem acerca dos trabalhos de Aguiar (1937), Alencar (2007) e Rodrigues (2014).

- **Aguiar (1937)**

Este estudo traça a fonética do português do Ceará, faz a descrição da ocorrência do [r] velar, no lugar de [ʒ], como em hente (gente), hiro (giro), hanela (janela), hogar (jogar), e humento (jumento). O [s], no dialeto popular, também passa a [r], antes de d e de consoante nasal, como em: ur-dia (os dias), derde (desde), mermo (mesmo), ur-nome (os nomes). O v também pode transformar-se, no dialeto rústico e no infantil, em r: “estaha”, “ahia” (havia), “hamo” (vamos), “cahalo” (cavalo). O z, por fim, é por ele registrado, na linguagem da criança e do povo, como “fahê” (fazer), “fahia” (fazia), “fahenda” (fazenda). Registra ainda que até mesmo na “fala descuidada de pessoas cultas” é comum ouvir: mah-eu (mas eu), mah-é-isso (mas é isso). Seus resultados concluíram que: os fatores que mais marcaram a realização desse fenômeno foram “os

estilos formal/informal, tenso/distenso, monitorado/nãomonitorado.” (Op. cit.) Em relação aos fatores diatópicos, conclui que esse fenômeno é uma marca do falar cearense, como um todo, visto que ocorre em todos os segmentos sociais analisados. Portanto, a neutralização de /v, z, ʒ, r/ é fonético-fonológica e sócio-dialetal.

- **Alencar (2007)**

Alencar (2007), em um estudo sobre os róticos na fala de Fortaleza, observou a ocorrência da glotal nas fricativas vozeadas, em determinados contextos. Concluiu que o fenômeno envolvia: /v/ em posição inicial e medial, em nomes e verbos, era mais frequente com a vogal /a/, e tinha o maior número de ocorrências com a desinência -ava do imperfeito (como em brinca[h]am) e com as formas verbais de IR (como em [h]amos); /z/ em posição medial, antes de consoante vozeada (como em me[h]mo, de[h]de) e, em posição final, seguida de vogal ou de consoante vozeada (como em fai[h]muita); /ʒ/ em posição inicial, sendo mais frequente com as vogais /a/ e /ẽ/ (como em [h]á e [h]ente).

- **Rodrigues (2014)**

Rodrigues (2004) investigou a ocorrência do fenômeno fonético-fonológico de substituição das demais consoantes fricativas, pela fricativa glotal [h, h̃] na fala manauara. Seus resultados apontaram que: a) linguisticamente, apenas a consoante [f] não foi substituída na fala de nenhum dos informantes, enquanto todas as outras foram substituídas com maior ou menor frequência, sendo [s] e [ʃ] (em posição concorrente) as mais substituídas; b) extralinguisticamente, o fenômeno ocorreu mais na fala dos homens do que na das mulheres, mais na terceira faixa etária do que na primeira e na segunda, respectivamente, e mais entre os informantes do primeiro nível de escolaridade do que nos do segundo. Do mesmo modo, esta pesquisa averiguou as fricativas e sua substituição pelas glotais, bem como o apagamento da fricativa [ʒ] em seus ambientes fonológicos.

O capítulo a seguir versará sobre as análises dos fenômenos da monotongação, alçamento e enfraquecimento e suas respectivas interpretações referentes aos indivíduos investigados no município de São Sebastião do Uatumã.

CAPÍTULO 4: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Neste capítulo pautado, serão abordados os fenômenos fonético-fonológicos encontrados nas variações linguísticas desta pesquisa. Também serão apresentadas as análises e as interpretações que resultaram de processos que foram explicados pela Fonologia Lexical, pelo PCO e pelas análises sociais advindas do Programa Computacional *GoldVarb X*.

4.1 MONOTONGAÇÃO

O fenômeno da monotongação é sem dúvida uma variação que tem ampla ocorrência nos dialetos da língua portuguesa. Não obstante, nesse estudo ele apresenta-se de forma constante. No entanto, é importante ressaltar que o intuito desse estudo não é apenas apresentar essa variação propriamente dita, é também apresentar processos linguísticos que a envolvem.

A monotongação ocorre tanto em ambientes de fronteiras morfológicas, como no interior do morfema (raiz ou morfe), portanto trata-se de uma questão fonológica. No campo da morfologia, esta pesquisa investigou as variações “verbais” que ocorrem nas desinências modo temporal e nas desinências número/pessoa.

4.1.1 Monotongação na morfologia verbal

Antes de apresentar o processo de monotongação na morfologia verbal, neste tópico serão abordados os morfemas de número/pessoa. Essa explicação prévia se faz necessária por dois motivos: primeiro, a pesquisa revela que em São Sebastião de Uatumã há as variáveis com o ditongo e sem o ditongo (monotongação), exemplo, “ele falou/falô”, “ele pulou/pulô”, “eles falaram/faláro”, “eles venderam/vendero” “para eles falarem/falare”, e segundo, porque a exposição dos processos de junção dos morfemas verbais auxilia no entendimento e explicação das três variáveis que a pesquisa encontrou, exemplo “ele falou/falô/falu”.

A morfologia verbal da língua portuguesa, segundo Laroca (2001, p. 61), tem uma estrutura padrão, representada por: (((R+ST) + SMT) + SNP). Sendo respectivamente Raiz, Sufixo Temático, Sufixo Modo-Temporal e Sufixo Número-Pessoal. Como exemplo de análise estrutural, divide-se o vocábulo “falaram” em

fal+a+ra+m, sendo {fal} a raiz, {a} a vogal temática, {ra} o sufixo modo-temporal e {m} o sufixo número-pessoa (3ª pessoa do plural).

Este trabalho se interessa pelos sufixos modo-temporal e o número-pessoal, pois há três variações no falar uatumaense, envolvendo a junção desses dois sufixos, conforme serão apresentados nas seções seguintes.

4.1.2 Monotongação da terceira pessoa do singular

A estrutura morfológica dos verbos no pretérito perfeito do indicativo, para a terceira pessoa do singular, é: R+ST-Ø+u. Portanto, a estrutura desses vocábulos tem uma estrutura composta pelos morfemas: raiz verbal, mais vogal temática, mais modo temporal “Ø” (zero), mais “u” (3ª pessoa do singular). O paradigma abaixo, para os verbos da segunda e terceira conjugação, transparece essa estrutura:

Vender → vend+e+Ø+u = vendeu

Correr → corr+e+Ø+u = correu

Ler → l+e+Ø+u = leu

Partir → part+i+Ø+u = partiu

Falir → fal+i+Ø+u = faliu

Polir → pol+i+Ø+u = poliu

Os verbos da primeira conjugação (ar), conforme apontam Martins *et al* (2017, p. 110), que “Quando a vogal [a] entra em contato com a vogal [u] da desinência número-pessoa da 3ª pessoa do singular, ela é elevada da posição baixa para a posição média [o]”. O processo aqui presente é o de assimilação de traços, onde o traço *labial* da vogal [u] é assimilado pela vogal ‘a’, tornando-a em uma vogal labial ‘o’. O paradigma dos verbos **falar**, **pular** e **remar** abaixo apresenta esse processo de assimilação.

Falar → fal+a+Ø+u > fal+a+u > fal+o+u = falou

Pular → pul+a+Ø+u > pul+a+u > pul+o+u = pulou

Remar → rem+a+Ø+u > rem+a+u > rem+o+u = remou

Uma das variações de Uatumã é a monotongação do ditongo /ou/, existente na morfologia verbal, quando conjugado na 3ª pessoa do singular, no pretérito perfeito do modo indicativo, conforme atestam os dados coletados.

Exemplo (01)

achou	→achô	cumprimentou	→cumprimentô	formou	→formô
administrôu	→administrô	demorou	→demorou	fundou	→fundô
agradou	→agradô	deixou	→dexô	gritou	→gritô
alagou	→alagô	juntou	→juntô	inchou	→inchô
candidatou	→candidatô	levou	→levô	inventou	→inventô
chegou	→chegô	digitou	→digitô	estudou	→istudô
colocou	→colocô	dou	→dô	jurou	→jurô
começou	→começô	entrou	→entrô	pagou	→pagô
comentou	→comentô	estudou	→estudô	passou	→passô
comprou	→comprô	falhou	→falhô	tornou	→torno
contou	→contô	falou	→falô	terminou	→terminô
criou	→criô	ficou	→ficô	mandou	→mandô
melhorou	→melhorô	pegou	→pegô	quebrou	→quebrô
misturou	→misturô	perguntou	→perguntô	sou	→sô
molhou	→molhô	piorou	→piorô	trocou	→trocô
mudou	→mudô	plantou	→planto	virou	→virô
olhou	→olhô	preservou	→presevô	vou	→vô
				voltou	→voltô

A pesquisa atestou que essa monotongação não está restrita a um só segmento social, isto é, independente de gênero, faixa etária e escolaridade, todos usam, em maior ou menor grau de ocorrência.

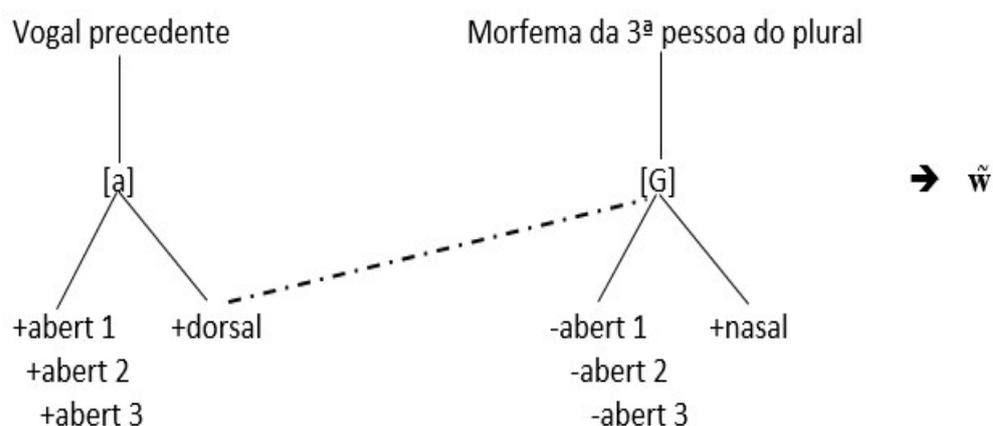
4.1.3 Monotongação da terceira pessoa do plural

A pesquisa revelou também que há monotongação quando o verbo é conjugado na terceira pessoa do plural, no presente do indicativo. Segundo Laroca (2001, p. 62), a estrutura morfológica do verbo, para esse tempo, modo e pessoa é: R+ST-Ø+m. exemplo: falam, pulam, remam, comem.

- Falar** → fal+a+Ø+m>fal+a+m= falam
Pular → pul+a+Ø+m>pul+a+m = pulam
Remar → rem+a+Ø+m>rem+a+m = remam
Comer → com+e+Ø+m> com+e+m = comem

O morfe da 3ª pessoa do plural, que na ortografia é representado pela letra ‘m’, sua representação abstrata, ou fonológica, o Glide¹⁴ nasalizado {G} mais -abertura 1, 2, 3, sem ponto específico de articulação. Ele poderá ser um glide [+coronal] que, neste caso, seria {j} ou [+dorsal], já nesse seria {w̃}. Portanto, se a vogal precedente for /a/ [+dorsal], ele assimila o traço [+dorsal], e, portanto, se realiza como {w̃} (glide [+dorsal]) e se a vogal precedente for /e/ [+coronal], ele se realiza como {j} (glide [+coronal]), pois assimila o traço +coronal da vogal /e/. A figura (01), construída com base no modelo da Geometria dos Traços, apresenta assimilação do traço [+dorsal] que pertence à vogal /a/. A assimilação é representada pela linha pontilhada, pois o glide que não tinha o traço de ponto de articulação, buscou na vogal precedente.

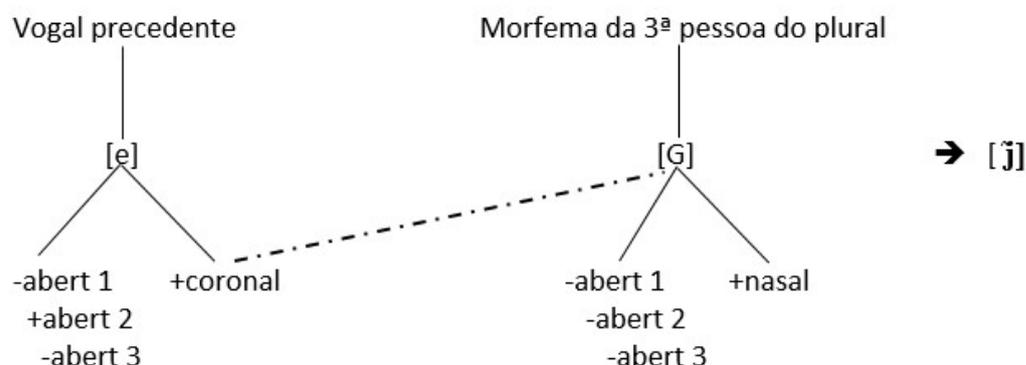
Figura (01): Assimilação do traço [+dorsal] pela glide



Fonte: da própria autora (2019)

Quando o glide é precedido pela vogal /e/, que é uma vogal [+coronal], o glide se realiza como {j}, como se observa na figura (01)

¹⁴ Os glides [j/w] possuem as mesmas características fonéticas das vogais altas [i/u] respectivamente. O que diferencia o glide da vogal é que um glide nunca ocupa o núcleo da sílaba, sempre vai ocorrer na posição ocupada por consoante, ao passo que as vogais ocupam sempre o núcleo da sílaba. No Português os glides estão presentes nos ditongos.

Figura (02): Assimilação do traço [+coronal] pela glide

Fonte: da própria autora (2019)

Esse processo de assimilação faz com que, ora a letra ‘m’ tenha a pronúncia de /*ĩ*/, como em “falam” [*’falãĩ*], “falaram” [*fa’larãĩ*], ora tem a pronúncia de /*j*/, como em “falem” [*falẽj*], “falarem” [*falarẽj*].

Essa abordagem se fundamentou na proposta de Wetzels (1991), a qual estabelece que as vogais do português se dividam em coronais e dorsais, sendo coronais as vogais [*i/e/ɛ*] e dorsais as vogais [*u/o/ɔ/a*]. As coronais têm três níveis de abertura e, as dorsais, quatro níveis. As dorsais dos três primeiros níveis têm também o traço [+labial], conforme apresenta a figura (03).

Figura (03): Vogais coronais e dorsais do português

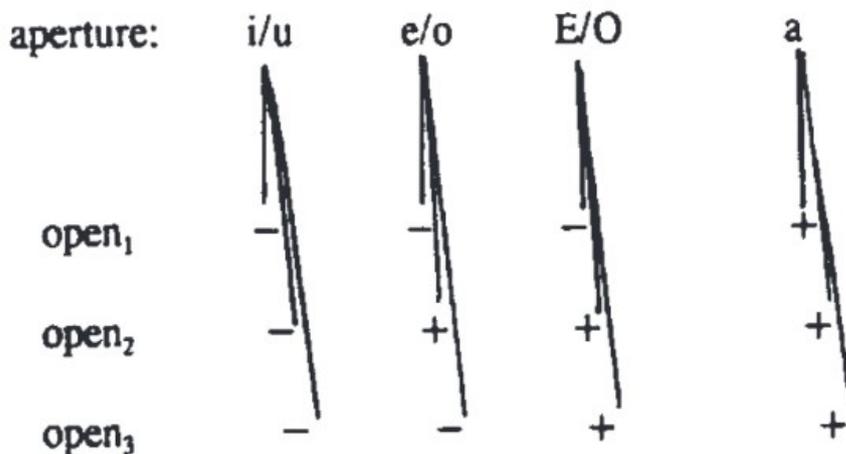
[+coronal]	[+dorsal]	
i	u	} [+labial]
e	o	
ɛ	ɔ	
	a	

Fonte: Wetzels 1991, p. 30).

Esta pesquisa também se fundamentou na proposta geométrica de Wetzels (1992), que estabeleceu a classificação das vogais, considerando o grau de abertura, sendo as fechadas [*i/u*], por exemplo, consideradas como: -abertura 1, -abertura 2 e -abertura 3

(lê-se: menos abertura um, menos abertura dois e menos abertura três). Pode se visualizar essa proposta através da figura (04), extraída de Wetzels (1992, p. 22).

Figura (04): Classificação das vogais do português por abertura



Fonte: Wetzels (1992, p. 22).

Essa proposta de classificação é a mais econômica, pois com três graus de abertura, consegue-se estabelecer quatro níveis, isto é, as vogais fechadas [i/u], por serem as mais fechadas, têm valor negativo para as três aberturas; [e/o], por serem semi-fechadas, têm valor positivo para a abertura 2, e valor negativo para as demais aberturas; [E/O = ε/ɔ], por serem abertas, possui valor positivo para as aberturas dois e três e negativo para a abertura um; [a], por ser a vogal mais aberta da língua portuguesa, tem valor positivo para as três aberturas, portanto, tendo abertura total.

Com a classificação das vogais em **coronais** e **dorsais**, e pelos graus de abertura, consegue-se explicar o porquê do morfema da terceira pessoa do plural ora é {**ũ**}, ora é {**j**}. Isso se dá porque esse morfema tem somente os traços de um glide mais o traço de nasalidade, porém não possui o traço de ponto, isto é, coronal ou dorsal. Ele se completa no momento da articulação, pois busca na vogal precedente o ponto faltante.

Os dados abaixo, coletados na pesquisa de campo com os 24 informantes, apontam a ocorrência da monotongação, na terceira pessoa do plural, nos tempos: presente, pretérito perfeito e imperfeito do indicativo, como também no futuro do subjuntivo ou infinitivo flexionado.

a) Presente do indicativo

Exemplo (02)

Chamam	→chamo
Contam	→conto
Calam	→ calo
Passam	→ passo

b) Pretérito perfeito do indicativo

Exemplo (03)

acabaram	→acabaro	desceram	→descero	Mexeram	→mexero
aceitaram	→aceitaro	deixaram	→dêxaro	mudaram	→mudáro
acostumaram	→costumaro	disseram	→dissero	nasceram	→nascero
aplicaram	→aplicaro	estudaram	→estudáro	pegaram	→pegáro
brigaram	→brigaro	falaram	→faláro	postaram	→postáro
caíram	→caíro	ficaram	→ficáro	subiram	→subiro
casaram	→ casaro	foram	→fôro	surgiram	→surgiro
celebraram	→celebraro	fundaram	→fundáro	tiraram	→tiraro
chegaram	→chegaro	insoparam	→insopáro	tiveram	→tivero
cresceram	→crescero	juntaram	→juntáro	tomaram	→tomaro
deixaram	→deixaro	levaram	→leváro	trabaram	→trabalharo
deram	→dero	melhoraram	→melhoráro	trouxeram	→troxero
				vieram	→viero

c) Pretérito imperfeito do indicativo

Exemplo (04)

Andavam	→andavo	davam	→davo	moravam	→moravo
brincavam	→bricavo	deixavam	→deixavo	olhavam	→olhavo
cantavam	→cantavo	diziam	→dizio	preservam	→presevavo
chamavam	→chamavo	falavam	→falavo	estava	→tavo
compravam	→compravo	matavam	→matavo	tratavam	→tratavo
dançavam	→dançavo				

d) Futuro do subjuntivo ou infinitivo flexionado

Exemplo (05)

Darem	→dare	Estejam	→teje
deixarem	→deixare	terem	→tere
estarem	→estare	tomarem	→ tomare
estiverem	→estivare	valorizarem	→valorizare
serem	→seri	fazem	→faze
subirem	→subire	querem	→quere

Os exemplos em (02), (03), (04) e (05) apresentam as monotongações que ocorrem na fronteira de morfemas, na morfologia verbal do presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo, envolvendo o morfema da 3ª pessoa do plural. Através da tabela (01), apresentam-se os processos morfofonológicos que interagem no interior do vocábulo, apontando as diferentes manifestações do morfema da 3ª pessoa do plural. A tabela também apresenta os processos desencadeadores da monotongação e alçamento.

Tabela (01): As transformações fonológicas do morfema da 3ª pessoa do plural, causadas pela vogal precedente.

	Pres. Subj.	Inf. flexionado	Pres. Ind.	Pret. imp. Ind
Estrutura subjacente (morfologia)	fal - a - e - Ğ	fal - a - r - Ğ	fal - a - Ø - Ğ	fal - a - va - Ğ
Apagamento VT	Fal - e - Ğ			
Apagamento do traço zero			fal - a - Ğ	
Silabificação	fa.leĞ	fa.la.rĞ	fa.laĞ	fa.la.vaĞ
Inserção da vogal epentética (<i>default</i>)		fa.la.reĞ		
Assimilação de ponto de vogal	Fal - e - j	fa.la.rēj	Fal -a - w̃	fal - a - va - w̃
Acento	'fa.lēj	fa.'la.rēj	'fa.lãw̃	fa.'la.vãw̃
Superficialização da variação 1	['fa.lēj]	[fa.'la.rēj]	['fa.lãw̃]	[fa.'la.vãw̃]
Assimilação da labialização			'fa.lũw̃	fa.'la.vũw̃
Apagamento do glide (PCO)	'fa.lē	fa.'la.rē	'fa.lũ	fa.'la.vũ
Superficialização da variação 2	['fa.lē]	[fa.'la.rē]	['fa.lũ]	[fa.'la.vũ]
Apagamento da nasalização	'fa.le	fa.'la.re	'fa.lu	fa.'la.vu
Neutralização	['fa.li]	fa.'la.ri	['fa.lu]	fa.'la.vu
Entrada de superfície (pós-lexical)	['fa.ɫi]	[fa.'la.ri]	['fa.lu]	[fa.'la.vu]
Superficialização da variação 3	['fa.ɫi]	[fa.'la.ri]	['fa.lu]	[fa.'la.vu]

Fonte: da própria autora (2019)

4.1.4 Monotongação e o alçamento da vogal dorsal [o]

Alçamento, num sentido mais tradicional, é um fenômeno caracterizado pela elevação da altura da língua na articulação das vogais médias [ɛ] ~ [e] e [ɔ] ~ [o], em

posição pretônica e postônica, que passam a ocorrer como [i] e [u] respectivamente (CARMO, 2009, p. 11). No entanto, o fenômeno de alçamento encontrado no falar uatumaense não está restrito somente em sílabas pré e pós tônicas, pois ocorre também na sílaba tônica, como em “botou” > “butu” ou “começou” > “cumeçu”

A análise através do *GoldvarbX* apontou que 99% das frases com alçamento [o] para [u], na sílaba tônica, são de pessoas da segunda e da terceira faixas etárias, isto é, de pessoas acima de 36 anos. A primeira faixa etária, que vai de 18 a 35 anos, não faz uso da variação com alçamento na tônica, no *corpus* coletado. Essa faixa etária teve somente uma única palavra como alçamento na sílaba tônica, que foi a palavra “como” - “*cumu*” (como), falada por um jovem de 18 anos, conforme texto abaixo, extraído do *corpus*.

... i::: deixá qui as outras coisas...*cumu*... é boas elas vem, eu acredito assim, qui a mudança primeiramente tem qui partí di mim... i:: é issu. ((risos)) (informante masculino 18 anos)

Exemplos de frases em que aparecem o alçamento na morfologia verbal na fala dos informantes da terceira faixa etária.

- a) “ai eu não senti nada, aí eu sai e vortei, aí a minha mãe *butu* a lamparina, num vão que é cobra!”. [...] (informante masculino, 78 anos)
- b) “daí *cumeçu*, eu fui crescendo, fui, eu casei com treze anos... ((susto)) treze anos não, mana, catoze anos, eu tarra pensando nos treze anos, no é treze anos é catoze anos que eu casei”. [...] (informante feminino, 71 anos)
- c) “quando o Raimundo, o Raimundo *murreu* também a Inácia rá tinha casado, rá tinha o primero marido que ela tinha depôs *dexu*... aí eu num quis mais eu já tinha um bucado de minina, aí fica *difiço* a gente botá padrasto, né?”. [...] (informante feminino, 60 anos)

Os exemplos de monotongação apresentados nos exemplos (01) apontam para a redução do ditongo [ou] > [o] na morfologia verbal, no uso da 3ª pessoa do singular, no pretérito perfeito do indicativo. Essa variação é muito recorrente e não está restrita nem ao gênero, nem a escolaridade dos falantes, conforme apontam os resultados do *GoldvarbX*.

Os exemplos em (06) apresentam uma variação encontrada somente nas faixas etárias mais altas, principalmente acima de 60 anos. Como se atesta pelas transcrições, o

alçamento não ocorre somente nas sílabas átonas, ele ocorre também nas tônicas. Outra observação importante é que esse alçamento tem como *input* não só ditongos [ow], como também a própria vogal [o]. Isso nos leva a fazer a hipótese que o alçamento tem como gatilho a vogal [o] e não o ditongo [ou], portanto o alçamento dessa variação tem como base a variação que reduz o ditongo a uma só vogal, por exemplo: falou→falô→falu.

Exemplo (06)

Botou	→botu
começou	→cumeçu
contou	→contu
conversou	→cunverçu
deixou	→dexu
ficou	→ficu
fumou	→fumu
formou	→furmu
governou	→governu
procurou	→prucuru
quebrou	→quebru
trabalhou	→trabalhu
orou	→uru

Através dessa hipótese, se estabelece a base para cada variação, a variação com ditongo é a base para a monotongação e a monotongação é a base para o alçamento, conforme demonstram os exemplos em (07).

Exemplos (07)

botou	→botô	→butu
começou	→começô	→cumeçu
contou	→contô	→cuntu
conversou	→conversô	→cunverçu
fumou	→fumô	→fumu
formou	→formô	→furmu
governou	→governô	→governu
procurou	→procurô	→prucuru
orou	→orô	→uru

A Fonologia Lexical (FL) nos ajuda a entender essas variações apresentadas, pois ela apresenta os processos envolvendo a fonologia e a morfologia, conforme mostra na

fundamentação teórica (conferir em 3.3). O modelo teórico da Fonologia Lexical trata da interação entre a fonologia e a morfologia.

Seguindo o modelo da FL, pretende-se explicar como essas variações estão interligadas e quais os processos fonológicos naturais estão envolvidos, para permitir que as variações encontradas sejam tratadas cientificamente e não como variações corretas ou variações erradas, descredenciando assim o preconceito linguístico. Tarallo (2003) afirma que a sociolinguística considera a heterogeneidade linguística como produto da variabilidade social, de caráter regular e, por isso, passível de rigor científico (TARALLO, 2011).

Pretende-se agora aplicar os procedimentos da FL através do verbo “falar”, no tempo pretérito perfeito do indicativo, na 3ª pessoa do singular. Esse procedimento permite abordar a monotongação e o alçamento como um processo sequencial e interligado.

Tabela (02): Processos morfofonológicos envolvidos nas variações dos vocábulos “falou”, “falô” e “falu”.

	{R-VT-DMT(Ø)-DNP}
Estrutura subjacente (Morfologia)	fal – a – Ø – w
Apagamento do traço zero	fal – a – w
Silabificação	fa.law
Acento	fa.'law
Assimilação da labialização	fa.'luw
Desassimilação (PCO)	fa.'low
Superficialização da variação 1	[fa.'low]
Monotongação (apagamento do glide) (PCO)	fa.'lo
Superficialização da variação 2	[fa.'lo]
Alçamento da vogal	fa'lu
Superficialização da variação 3	[fa.'lu]

Fonte: A própria autora (2019).

A tabela (02) apresenta duas colunas, sendo que a primeira expõe os processos e a segunda os dados morfológicos e fonológicos. Para um melhor entendimento, a tabela será explicada:

- a) {R-VT-DMT(Ø)-DNP}: Esta sequência corresponde aos morfemas na conjugação do verbo “falar”, no pretérito perfeito do indicativo, na 3ª pessoa do singular, que são respectivamente:

Raiz-Vogal Temática-Desinência/Modo/Temporal(zero)-

Desinência/Número/Pessoa;

- b) Estrutura subjacente (Morfologia): Esta é a entrada de cada morfema que compõe o vocábulo. Na segunda coluna, estão separados os morfemas do vocábulo “fal”- raiz do verbo falar, “-a” vogal temática da primeira conjugação, “-Ø” morfema da desinência/modo/temporal que, nesse caso, é zero, “-w” a desinência/número pessoa da 3ª pessoa do singular;
- c) Apagamento do traço zero: nesse ciclo, como o morfe do pretérito perfeito é zero (não há fone) ele é apagado, ficando somente os morfes compostos por fones;
- d) Silabificação: nessa etapa, os morfes se aglutinam em sílabas bem formadas da língua, assim os três morfemas se aglutinaram em duas sílabas (o ponto mostra a divisão silábica).
- e) Acento: nesse passo, ocorre a inserção do acento tônico, o qual é inserido na última sílaba por essa possuir duas moras.
- f) Assimilação da labialização: nessa etapa, a vogal temática “a” que é uma vogal não labial, assimila os traços do “w”, passando assim a ser a vogal ‘u’;
- g) Desassimilação (PCO): nessa etapa, o (PCO) Princípio do Contorno Obrigatório estabelece que elementos adjacentes idênticos são proibidos (conferir 3.4), como “u” e “w” são idênticos, o “u” se “desidentifica” do “w” se tornando “o”;
- h) Superficialização da variação 1: Esta é a fase pós-lexical em que é superficializado, ou seja, é o vocábulo sendo falado, que nesse caso é “falou” [fa.'low]. Nossa abordagem considera essa fase a entrada para a variação “falô”;
- i) Monotongação (apagamento do glide) (PCO): Essa fase explica o processo de monotongação, correspondente à variação “falô”. A base para essa variação é a entrada [fa.'low], como “o” e “w” são elementos idênticos, pois os dois são “labializados” (arredondamento dos lábios), o Princípio do Contorno Obrigatório apaga o “w”;
- j) Superficialização da variação 2: Esta é a fase pós-lexical em que o vocábulo é superficializado, isto é, falado. Nesse caso é “falô” [fa.'lo]. Nossa abordagem considera essa fase a entrada para a variação “falu”;
- k) Alçamento da vogal: O alçamento é o processo em que a vogal [o] é alçada a um nível mais alto, realizando-se como a vogal [u], fa'lu;

- 1) Superficialização da variação 3: Esta é a fase pós-lexical em que ocorre a superficialização, ou seja, o vocábulo é pronunciado “falu”, que corresponde à variação falada pelos informantes da faixa etária 3.

Através dos procedimentos metodológicos da Fonologia Lexical foi possível apresentar as variações encontradas em São Sebastião do Uatumã num contínuo de processos puramente fonológicos.

4.1.5 Monotongação Nominal

Neste tópico, procurou-se investigar a monotongação também em palavras em outras classes de palavras além dos verbos, como nos substantivos e adjetivos. Dessa forma, procurou-se denominar, para esse estudo, o termo monotongação nominal.

A teoria do Princípio do Contorno Obrigatório também explica a formação da monotongação em formas nominais. Soares; Damulakis (2005) ressalta que ‘há dois tipos de monotongação bastante recorrentes e abrangentes no português do Brasil, resultantes da não realização/ apagamento dos glides anterior e recuado: [ej] >[e] e [ow]>[o]’ (para essa análise, detectou-se nos dados do **exemplo (08)** ‘b’ e ‘c’, apresentados posteriormente).

Para uma compreensão ampla, recorreu-se a princípios explicitados por Soares; Damulakis (2007, p. 243):

1 - A monotongação [ej] > [e] é determinada pela presença de segmentos adjacentes à direita.

2 - Os segmentos que mais favorecem esse tipo de monotongação [ej] > [e] são /s/, /z/ e /t/.

Assim, os traços que ocorrem em [peʃe] – “peixe”, [kezo] – “queijo” e [ʒanero] – “janeiro”, têm em comum com o glide anterior a coronalidade, sendo [-anterior] e [+contínuo], característica dos segmentos (/s/, /z/), fato esse que favorece a redução desses ditongos. Mas é válido salientar que em outros segmentos, como em [pejto] – “peito”, [lejto] – “leito” e [zejto] – “jeito”, apresentados no exemplo **(08)** – ‘b’, a redução do ditongo não ocorre sistematicamente.

No caso do ditongo decrescente [ow] “a redução é categórica, não importando o contexto seguinte” Soares; Damulakis (2007, p. 244). Nos exemplos do item ‘b’, como em [losa] – “lousa”, [poka] – “pouca”, [ropa] – “roupa”, [loza] – “lousa”, a redução ocorreu em ambientes distintos. “o que significa que a supressão do glide não leva em consideração o contexto seguinte”, conforme adverte Soares; Damulakis (2007, p. 245).

No que se diz respeito ao ditongo decrescente [aj] o ambiente seguinte [ʃ] influenciou a redução do glide [j]. Em outros ambientes a redução desse ditongo não ocorreu como na palavra [bajho]–“bairro”. Nos ditongos crescentes [jo] a redução ocorreu pela redução do glide [j] como nos vocábulos [negɔsu]–“negócio”, [dʃifisu] “difícil” e [komɛhsu] – “começou”. Já nos vocábulos [rjo]–“rio” e [sjo] - “cio”, a redução não se apresentou.

A seguir serão apresentados os dados que apresentaram essas reduções e suas invariáveis:

Exemplo (08)

a) Ditongo decrescente [aj]

Variáveis	Baixa	→baxa	caixa	→caxa	Faixa	→faxa
Invariáveis	Bairro					

b) Ditongo decrescente [ei]

Variáveis	[r]	[ʃ]	[ʒ]
balateiro	→balatero	peixe	→peixe
beira	→bera	peixinho	→pexinho
beirada	→berada	peixada	→pexada
bricadeira	→brincadera		
cadeira	→cadera		
cruzeiro	→cruzero		
dinheiro	→dinhero		
festeiro	→festero		
geladeira	→geladera		
enfermeiro	→infermero		
janeiro	→janero		
mangueira	→manguera		
mangueirão	→manguerão		
manteiga	→matega		
Monteiro	→Montero		
parceiro	→parcero		
parteira	→partera		
primeiro	→primero		
robalheira	→robalhera		
roseira	→rosera		
terceiro	→tercero		
Invariáveis	leito	∅	jeito
			∅
			peito
			∅

c) Ditongos crescentes [ow]

Variáveis	doutora →dotôra doutra →dôtra louça →lôça	Lousa →lôsa noutro →nôtro outubro →ôtubro	pouca(o, s) →pôca (o, s) roubo →rôbo roupa →rôpa
Invariáveis	∅	∅	∅

d) Ditongos crescentes [jo]

Variáveis	Difícil →difiçu	Negócio →negóçu	Benefício →benefiçu
Invariáveis			

Na fala uatumaense esse fenômeno ocorreu em todas as faixas etárias, em todos graus escolaridades e não havendo distinção de gênero. Assim pode-se incluir que essa redução é comum nos processos evolutórios da linguagem, que ela respeita regras, hierarquias e estão ligadas por um conjunto de sistemas fonológicos.

4.2 ALÇAMENTO DE VOGAIS POSTERIORES [o] →[u]

No falar do uatumaense, o fenômeno de alçamento ocorre em muitos ambientes distintos, os quais foram listados neste estudo conforme o contexto em que se apresentou. No tópico anterior já fora apresentado esse processo em formas verbais, caracterizando-se como último processo da monotongação.

Neste tópico tem-se a apresentação, em formais nominais, encontrados no *corpus* da pesquisa e seu processo de formação e derivação dessas palavras que será explicado por meio da Fonologia Lexical.

Exemplo (09)

a) Derivações de palavras:

Canoa →canua	Novo →nuvu	motor →mutu
canoinha →canuinha	nova →nuva	motorzinho →mutuzinho
	novinho →nuvinho	
	novinha →nuvinha	

A tabela a seguir apresenta os processos que ocorrem nos ciclos da fonologia lexical e que vão dar suporte para que se compreenda todo o fenômeno do alçamento no

interior de palavras. Notou-se que esse fenômeno ocorre após a superficialização da variação 2. É nesse ciclo que, em geral, ocorrem as variações de uma língua.

Tabela (03): Processos do alçamento no interior das palavras: “boca”, “boto” e “doce”

Estrutura subjacente	boca	boto	doce
{Raiz + VT}N (morfologia)	boc-a	bot-o	doc-e
Silabificação	bo.ca	bo.to	do.ce
Acento	'bo.ca	'bo.to	'do.ce
Superficialização da variação 1	['bo.ka]	[bo.to]	['do.se]
Superficialização da variação 2	['bo.ka]	[bo.to]	['do.se]
Alçamento da vogal	'bu.ca	'bu.tu	'du.ce
Superficialização da variação 3	['bu.ka]	['bu.tu]	['du.si]

Fonte: da própria autora (2019)

Ao se observar o alçamento através da Fonologia Lexical, deve-se considerar vários fatores que antecedem o processo de saída da variação. Entende-se que essa teoria auxilia na apresentação dos ciclos envolvidos dentro da normalização de um processo cíclico onde há uma definição coerente de cada etapa.

4.3 ENFRAQUECIMENTO DAS FRICATIVAS

O enfraquecimento das fricativas é outro fenômeno linguístico que se investigou no falar uatumaense. Observou-se que essa variação é comum nos dialetos de muitas regiões brasileiras, o que faz dela uma variação social descartando assim a ideia de que ela seja uma variação geográfica (regional). Ao que se refere aos aspectos fonológicos envolvidos na realização desta variação, o Princípio do Contorno Obrigatório (PCO) forneceu os subsídios teóricos para explicar essa variante e seu contexto de ocorrência.

Um outro processo linguístico que sucede ao enfraquecimento é o Apagamento. Essa variante é considerada “o último e derradeiro resultado do enfraquecimento” (HOCH, p.80). Nos tópicos a seguir serão apresentadas as ocorrências desses fenômenos.

4.3.1 Fricativa alveolar surda que vai para glotal surda

Exemplo (10)

castigo	→[kah'tʃigu]	paludismo	→[palu'dʒihmo]
postinho	→[poh'tʃĩnu]	desde	→['dehde]
Sebastião	→[Sebah'tʃiaw]		
Justino	→[ʒuh'tʃĩnu]		

O ambiente fonológico em que ocorreas fricativas [s] vai influenciar a ocorrência desse fenômeno. Nesse caso, evidenciou-se que diante de fricativas [tʃ] e [ʒ] a fricativa [s] tende a enfraquecer com maior expressividade. Isso ocorre pelo fato de que “Elementos adjacentes idênticos são proibidos” (Bisol, 2014, p.66), fundamento elementar da teoria do PCO.

Nas palavras mês - [meh] e mesmo - [mehmo] em que ambas ocorrem em coda silábica ocorrem também se apresentou essa variação. Porém, fez-se necessário investigar individualmente o contexto de frase.

Tomemos os exemplos a seguir:

Exemplo (11)

“mês de janeiro”

- (a) [mɛʃ.dʒi.za.ne.ro]
- (b) [meh.dʒi.za.ne.ro]

Nota-se que em **(a)** tem-se claramente duas fricativas em ambientes adjacentes, gerando, nesse ambiente silábico, uma significativa alteração de traços semelhantes. Como se sabe, a língua obedece a regras internas e não permitiria tal excesso. A teoria do PCO legitima que esse fato propiciará o enfraquecimento da consoante fricativa anterior, o que ocorre em **(b)**.

Ao investigar a palavra mesmo - [mehmo] não se pode considerar o mesmo processo de **(a)**, pois a consoante seguinte dessa palavra é a consoante nasal [m]. Também não pode se considerar determinante para o enfraquecimento da fricativa [ʃ] tendo ela o ambiente de coda silábica em que ocorre o enfraquecimento. Portanto, nessa palavra e em suas derivações [mehmo] e [mehma] não se aplica o PCO.

Exemplo (12)

- (c) [mesmu]
- (d) [meʃmu]
- (e) [mehmu]
- (f) [memu]

Como hipótese para essa variação, o vocábulo em questão é muito habitual no falar de muitas regiões. Por ser contínuo e relativamente comum, acredita-se que há um processo de redução da palavra, como se vê nos exemplos supracitados anteriormente. Isso leva a considerar que a fricativa [s] tende a enfraquecer de acordo com seu uso.

4.3.2 Fricativa labiodental surda → glotal surda [v] → [h]:

Outra forma de apresentação do enfraquecimento da fricativa ocorre nas formas verbais do pretérito imperfeito [ava] que enfraquece e vai para [aha], ou seja, corresponde a representação ortográfica [arra]. O exemplo a seguir demonstra essas ocorrências.

Exemplo (13)

acordava	→acordarra	Dançava	→dançarra	pagava	→pagarra
ajudava	→ajudarra	dava	→darra	pegava	→pegarra
andava	→andarra	estudava	→istudarra	plantava	→plantarra
apanhava	→apanharra	ficava	→ficarra	pulava	→pularra
aprontava	→aprontarra	ganhava	→ganharra	respeitava	→respeitarra
aumentava	→aumentarra	gostava	→gostarra	salgava	→salgarra
brigava	→brigarra	encontrava	→incontrarra	secava	→secarra
botava	→butarra	estudava	→istudarra	estava	→tarra
cantava	→cantarra	lembrava	→lembrarra	tirava	→tirarra
chamava	→chamarra	levantava	→levantarra	tomava	→tomarra
chegava	→chegarra	mandava	→mandarra	trabalhava	→trabalharra
comprava	→comprarra	morava	→morarra	trocava	→trocarra
contava	→contarra	namorava	→namurarra	voltava	→voltarra

No processo de transcrição notou-se que essa variação ocorre com frequência no dialeto uatumaense. Os informantes com baixa escolaridade são os que apresentaram

maior registro dessa variação, porém há ocorrências dessa variação em outros níveis de escolaridade.

A seguir tem-se a exposição da ocorrência desse fenômeno na fala desses informantes.

“condu’ a mãe da gente *mandarra* tmá banho, ficava prá lá, i:: *incontrarra* cuns pacêro né”. [...] (Informante masculino, 53)
 “é... *darra* muito time mermu *chegarra* mutô nesse beradão aí tudinhu”. [...] (Informante masculino, 50)
 “papai era assim, pescadu de tambaqui... mar’si ele visse um pirarucu, cumu eu te disse, pirarucu de filhu, ele *andarra* preparadu, *andarra* cum a ártia deli”. [...] (Informante masculino, 60)
 “assim:: eu num *gostarra* antes de quando tava aquelas onda de rôbo que acontecero, que *tarra* sem polícia aqui e:: eu não *morarra* com minha avó nessa época, eu tinha medo”. [...] (Informante masculino, 20 anos).
 “eu *morarra* em Santana, ixé Maria! conta muita coisa! Daí, eu tinha, nós tínhamos aquele lugar ali que é do Fernando, o Fernando aquele que já morreu ali na boca do furo no Maripá”. [...] (Informante masculino, 78)
 “ele *contarra*, parece que ele *tarra*... qui eli *tarra* vendo essa história sabe”. [...] (Informante feminino, 42)
 “de primero só *istudarra* até o no, que é a oitava séri né, que agora rá é o nono ano, né, agora rá, rá melhorô”. [...] (Informante feminino, 52)
 “lavá lôça na praia, *pegarra* aquela areia isfregava na nas nas panelas prá ficá brilhando”. [...] (Neth Moraes, 55)
 “*pegarra* uma canua bem grandona e *darra*, *butarra* os minino e travessava era o pessoal do seu Antonio Padre”. [...] (Informante feminino, 60)
 “Mas quando inti *comprarra*! Quando u pai da genti *comprarra* vinha aquelis paninhu finiiinhu comprarrum prá genti fazia aquelis virtidinho tudu de, franzidu tinha era franzidu de manguinha, *ficarra* nada já alegre”. [...] (Informante feminino, 62)

4.3.3 Fricativa pós-alveolar sonora que vai para glotal surda

Exemplo (14)

Já	→rá
gente	→rente

“mas aí a *rente* a *rente* cum meia horas depois, né, de descanso, toma um banho *rá*, *rá* dá prá dá, curtir o filhinho, curtir o marido”. [...] (Informante feminino, 34)
 “É fazê maluquice na rua assim((risos)) bagunçando... a *rente..* ou a gente joga bola assim, em quadra, essas brincaderas assim”. [...] (Informante feminino, 19)
 “a minha mãe é muito branca e o meu pai *rá* era muito moreno, meu pai *rá* era branco, bem branco aí do do tio Arino”. [...] (Informante feminino, 42)
 “primera parti foi da minha família, di’eu querê, depois qui’eu *rá* tinha um conhecimento do que era aquilo”. [...] (Informante Masculino, 18)

“Então a *rente* pede o melhor pra eles, aquilo qui eu num pude fazer, aquilo qui’as oportunidades anteriormenti num tevi”. [...] (**Informante Masculino,32**)

4.3.4 Apagamento [h] e [ʒ]

Exemplo (15)

a) [h] → [∅]

[ar]		[er]		[or]	
aconselhar	→aconselhá	adoecer	→aduecê	agriculto	→agricutô
boiar	→boiá	depende	→dependê	doutor	→dotô
castigar	→cartigá	fazer	→fazê	morador	→moradô
prestar	→prestá	morrer	→murrê	professor	→professô
voltar	→voltá	querer	→querê	pescador	→pescadô

b) [ʒ] → [∅]

Gente →ente

“Ente brincava a vontadi”.(Ecirene, 62)
 “Ah! Eu gosto de educação física porqu’entepratica bastante” (Informante feminino, 18 anos).
 “uma vila q’ ente, que a ente chamava”. (Informante feminino, 60 anos).

Com base nos procedimentos adotados pela fonologia lexical, elaborou-se a **tabela (03)**, tomando como exemplo as palavras ‘castigo’- [cahtigo], ‘gente’- [hente] e ‘falava’ - [falaha]. Esse modelo de análise explica todo processo aplicado às fricativas enfraquecidas ou apagadas nos exemplos apresentados anteriormente.

Tabela (03): Processo de Alçamento em palavras “castigo”, “gente” e “falava”

	Fricativa alveolar surda	Fricativa pós-alveolar sonora	Fricativa labiodental surda
Estrutura subjacente (morfologia)	Castig-o	Gent-e	fal - a - v -a
Silabificação	Cas.ti.go	Gen.te	fa.la.va
Acento	Cas.'ti.go	'Gen.te	fa.'la.va
Superficialização da variação 1	[kaʃ.'tʃi.go]	['ʒẽ.tʃe]	[fa.'la.va]
Enfraquecimento da fricativa (PCO)	[kah.'tʃi.go]		
Superficialização da variação 2	[kah.'tʃi.go]	['hẽ.tʃe]	[fa.'la.ha]
Neutralização	[kah.'tʃi.gu]	['hẽ.tʃi]	
Entrada de superfície (pós-lexical)	[kah.'tʃi.gu]	['hẽ.tʃi]	[fa.'la.ha]
Apagamento da glotal		['ẽ.tʃi]	
Superficialização da variação 3	[kah.'tʃi.gu]	['ẽ.tʃi]	[fa.'la.ha]

Fonte: da própria autora (2019)

Como vimos, o capítulo 4 apresenta os fenômenos da monotongação, alçamento e enfraquecimento sob a análise da fonologia lexical e as inferências do PCO. Os resultados finais desta pesquisa respondem às indagações iniciais deste estudo: a monotongação ocorre em formas verbais e nominais; o alçamento, em casos de verbos, é processo que ocorre posteriormente à monotongação; quanto às fricativas [v],[s],[ʃ] e [ʒ] enfraquecem para [h], e em alguns casos elas apagam completamente.

Tendo como objetivo principal realizar a descrição das variações fonético-fonológicas e explicá-las com base em uma teoria que desse o verdadeiro respaldo à ocorrência desses fenômenos, acredita-se que a proposta base deste estudo fora alcançada. Deixando aberta a possibilidade de outros estudos, outros olhares diante dessa vasta diversidade linguística, dessa região, até então, pouco estudada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, descrevemos e analisamos aspectos fonéticos e fonológicos encontrados nas variações do falar dos habitantes de São Sebastião do Uatumã, um município do estado do Amazonas. Após as transcrições dos dados, já nas primeiras análises, percebeu-se que as variações mais proeminentes ao estudo estavam envolvendo ditongos e mudanças de sons fricativos. Por esse motivo, concentrou-se a análise nos fenômenos da monotongação, alçamento e enfraquecimento das fricativas. Para analisar esses fenômenos, buscou-se teorias da Sociolinguística como amparo metodológico, da Fonologia Lexical e do PCO (Princípio do Contorno Obrigatório) para explicar tanto pelo viés linguístico, quanto extralinguístico.

A metodologia adotada permitiu a obtenção de dados concretos e seguros. Com a coleta dos dados realizada através de entrevistas abertas, que posteriormente foram transcritas fonologicamente e rodadas num programa computacional (*GoldVarb X*), retirou-se registros que deram a confirmação de que o falar uatumaense possui características que pressupõem estudos profícuos.

Os resultados finais deste estudo apontam que monotongação é comum a todos os falantes uatumaenses, sem distinção de classe ou grupo social. Para que se pudesse afirmar este fato, fez-se as análises interpretativas do fenômeno com o auxílio da Fonologia Lexical e do PCO. Elaborou-se para tanto, a divisão do fenômeno da seguinte maneira: ‘Monotongação verbal’ – que abarcou os níveis morfológicos de análise dos morfemas formadores dessa variação, assim foi possível averiguar a redução do ditongo em processos cíclicos da Fonologia Lexical (FN); ‘Monotongação nominal’ – que observa a redução através de ambientes fonéticos que favorecem essa redução.

Numa análise mais complexa da monotongação, observou-se que o alçamento da vogal dorsal [o] é o estágio que advém posteriormente à monotongação verbal e essa variação não está restrita somente a sílabas pré ou pós-tônica, no falar uatumaense ele ocorre em sílabas tônicas. O *Goldvarb X* apontou em suas análises que 99% das frases com alçamento [o] para [u], na sílaba tônica, são de pessoas da segunda e da terceira faixas etárias, isto é, de pessoas acima de 36 anos. A primeira faixa etária, que vai de 18 a 35 anos, não faz uso da variação com alçamento na tônica, no *corpus* coletado (exceto

por uma única palavra como alçamento na sílaba tônica que foi a palavra “cumu” (como), falada por um jovem de 18 anos).

Quanto ao enfraquecimento das fricativas [v], [s], [ʃ], [ʒ], as análises apontaram que essa variação está consideravelmente relacionada ao fator escolaridade, ou seja, sua ocorrência se apresentou relevante dentro do grupo de informantes não escolarizados (Ensino Fundamental-EF). Entretanto, no grupo dos informantes escolarizados essa variação apresentou-se presente em momentos de fala não monitorada, considerando-se assim ajustável ao nível de formalidade ou informalidade que está inserida.

A Teoria do Enfraquecimento explicou que essa variação passa pelo processo de ‘lenição’, que dentro de um sentido mais amplo, é considerado o fenômeno da língua preguiçosa Hoch (1986). Essas fricativas perdem força e passam a ser produzidas na glote, realizando nesse sentido a consoante glotal [h]. Em alguns casos específicos a consoante glotal apaga, como no caso da palavra ‘gente’ → ‘rente’ → ‘ente, esse exemplo explica claramente o processo pelo qual se enfraquece ou apaga algumas fricativas.

Com o intuito de alcançar esses objetivos de pesquisa, empregou-se modelos fonológicos de teorias que comprovaram as hipóteses iniciais levantadas diante das análises realizadas. Todos esses dados, só confirmam as diversidades linguísticas que há em São Sebastião do Uatumã, destacando outras possibilidades de estudos futuros e fecundos no ramo da sociolinguística e da fonologia nessa região amazônica.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE-GNERRE, M. B. **Processos fonológicos segmentais como índices de padrões diversos nos estilos formal e casual do português do Brasil.** Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas, n.2, p. 23-45, 1981.
- ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. Rio de Janeiro: Copyright, 2002
- AGUIAR, Martins de (1937): **Fonética do português do Ceará**, Revista do Instituto do Ceará 51, 271-307.
- ALKMIM, Tânia Maria. **Sociolinguística.** In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras.* 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- ARAGÃO, M. do S. S. **Ditongação e Monotongação no Falar de Fortaleza.** Graphos, João Pessoa, v. 5, n. 1, p. 109-122, 2000.
- ARAGÃO, Maria do Socorro (2009): **“A Neutralização dos fonemas /v, z, ʒ/ no falar de Fortaleza”**, em Silvana Ribeiro / Sônia Bastos Borba Costa / Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (eds), *Dos sons às palavras. Nas trilhas da língua portuguesa.* Salvador: EDUFBA, 187-200.
- ARAGÃO, Maria do Socorro / Maria Elias Soares (1996): **Variação diatópica e diastrática nos falares do Nordeste do Brasil.** Material inédito.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** – São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BATTISTI, Elisa. **A nasalização no português brasileiro e a redução dos ditongos nasais átonos: Uma abordagem baseada em restrições.** 1997. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- BATTISTI, Elisa. **A Redução Variável dos Ditongos Nasais Átonos.** In: BISOL, L; BRESCANCINI, C. (Org.). **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

BISOL, L. Fonologia da nasalização. In: ABAURRE, M. B. (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. VII – A Construção Fonológica da Palavra. São Paulo: Contexto, 2013. p. 113-140.

BISOL, L. **Harmonização vocálica: uma regra variável**. 1981. 332 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 1. Ed. Edpucrs: 2005.

BRANDÃO, Sílvia F. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

CABREIRA, Sílvio Henrique. **A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: PUCRS, 1996.

CAGLIARI, Luiz C. **A descrição fonética na gramática da linguagem portuguesa (1536) de Fernão de Oliveira**. Alfa: Revista de Linguística, São Paulo, v. 52, p. 565-577, 2008.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Elementos de fonética do português brasileiro**. 1. Ed. Paulistana, 2007.

CAGLIARI, Gladis M.; Luiz Carlos. Fonética. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. Vol. 1. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

CALLOU, D. e LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia**. -7ed.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. (tradução Marcos Marcionilo). São Paulo: Parábola, 2002.

CÂMARA JR., J. Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

CÂMARA JR., J. Mattoso. **História da língua portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro, padrão 1976.

CAMPOS, Maria Sandra. Aspectos **fonológicos e lexicais do português falado em Borba**. 2005, 247f. Dissertação (Mestrado em Letras), Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

CANO, Ignacio. **Nas trincheiras do método: o ensino da metodologia das ciências sociais no Brasil**. Porto Alegre, ano 14, n. 31, set./ dez. 2012. p. 94-119. Disponível em: Acesso em: 10 set. 2017.

CANOVAS, M. I. F. **Variação fônica de /S/ pós-vocálico e de /v, z, ʒ/ cabeças de sílaba, na fala de Salvador**. Salvador, 1991. 168f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 1991.

CARDOSO, Suzana Alice. Dialectologia. In: **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. Organizadores: MOLLICA, Maria Cecília., JÚNIOR, Celso Ferrarezi. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

CARVALHO, R. S. de. **Variação do /S/ pós-vocálico na fala de Belém**. Belém, 2000. 122f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará, Belém-PA, 2000.

CAVALCANTE, Hidelvídia de O. Corrêa. **O falar do caboclo amazonense: aspectos fonéticos-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves**. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1980.

CLEMENTS, G.N. **The geometry of phonological features**. *Phonology Yearbook*, n.2, 1985. p. 225-252.

CLEMENTS, G.N.; HUME, E.V. **The internal organization of speech sounds**. In: GOLDSMITH, John A. (Ed.). **The handbook of phonological theory**. Oxford: Blackwell, 1995.

COELHO, I. H, et. al. **Para conhecer sociolinguística**. – São Paulo: Contexto, 2015. – (Coleção para conhecer linguística).

COLLISCHONN, Gisela. A sílaba em português. In BISOL, Leda (org). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 91 – 124.

COSTA, Cristine Ferreira. **Fonologia lexical e controvérsia neogramática: análise das regras de monotongação de /ow/ e vocalização de /l/ no PB**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

CRISTOFOLINI, C. **Estudo da monotongação de [ow] no falar Florianopolitano: perspectiva acústica e sociolinguística**. Revista da ABRALIN, v. 10, n. 1, p. 205-229, 2011.

DAMULAKIS, G. N. **Fenômenos Variáveis sob uma Óptica Formal**. 2005. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

_____. **Variação interlingüística no tronco Macro-Jê: o Kaingáng e Parkatêjê**. In: RODRIGUES, A. D. (Org.). Revista Estudos da Língua(gem). Vitória da Conquista, UESB, 2006.

DUARTE, Maria Eugênia, PAIVA Maria da Conceição. **A variação linguística e o papel dos fatores linguísticos**. (Artigo científico). © Revista da ABRALIN, v. Eletrônico, n. Especial, p. 91-120. 1ª parte 2011.

FARIA, Karina Rodrigues de., PESSOA, Maria do Socorro. **Sociolinguística e Dialetoлогия : uma educação linguística para valorizar o outro**. Revista

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à lingüística II: princípios de análise**. 3 ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

FIORIN, José Luiz (Org.). **Novos Caminhos da Linguística**. 1. Ed. São Paulo: Contexto, 2017.

FREITAS, B.F.C. **Estudos da monotongação de ditongos orais decrescentes na Fala Uberabense**. Dissertação (Mestrado) UNESP -2017.

GOLDSMITH, J. **Autosegmental phonology**. MIT dissertation, 1976. [Published, New York, Garland, 1979.]

GOLDSMITH, J.; RIGGLE, J.; YU, A.C.L. **The Handbook of Phonological Theory**. 2. ed. Malden/Oxford: Wiley-Blackwell, 2011. p. 533-570.

HORA, Dermeval da. **A monotongação na produção escrita: reflexo da fala**. In: X Simposio Internacional em Comunicación Social, 2007, Santiago de Cuba. Santiago de Cuba: Centro de Linguística Aplicada, v. I. p. 127- 131, 2007.

HORA, Dermeval da. **Processo de palatalização das fricativas na Língua Portuguesa**. Revista do GELNE (UFC), Fortaleza, ano 1, n.2, p. 34-36, 1999.

HORA, Dermeval da; RIBEIRO, Sílvia Renata. **Monotongação de ditongos orais decrescente: fala versus grafia**. In GORSKY, E. C. & COELHO, I. Sociolinguística e ensino: contribuições para o professor de língua. Florianópolis: Ed. UFSC, 2006. p. 209 – 226.

KIPARSKY, P. **Some consequences of Lexical Phonology**. Phonology Yearbook 2. p. 85-138, 1985.

LEBEN, W. R. **Suprasegmental phonology**. MIT dissertation, 1973. [Published, New York, Garland, 1980].

LEE, S. H. **Fonologia Lexical do Português**. Em: Cadernos de Estudos Lingüísticos 23, Campinas: Unicamp - IEL, 1992.

_____. **Morfologia e Fonologia Lexical do Português do Brasil**. Tese de Doutorado Unicamp - IEL Campinas, 1995

LABOV, Willian. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5.ed.São Paulo: Atlas, 2001.

LUCENA, Rubens M., et. al. Organizador: Dermeval da Hora, Carmem Lúcia Matzenauer. **Fonologia, fonologias**– São Paulo: Contexto, 2017.

MACAMBIRA, José R. **Fonologia do Português**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1987.

MARCUSCHI, Luíz Antônio. **Análise da Conversação**, 1986, Ed. Ática.

MENDES, Ronald Beline. A terceira onda da sociolinguística. In: Fiorin, José Luiz. **Novos caminhos da linguística**. 1. Ed. São Paulo: Contexto, 2017.

MOLLICA, Maria Cecília e BRAGA, Maria Luiza. **Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Cristina. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Contexto, 2006.

NARO, A. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M.L. (Orgs.). **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2008.

PAIVA, Ma da Conceição. A variável gênero/sexo. IN: MOLLICA, M.C., BRAGA, M. L.(org). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento variacionista**. São Paulo: Contexto, 2008.

PEREIRA, Gerusa. **Monotongação dos ditongos [aj], [ej], [ow] no português falado em Tubarão (SC): estudo de casos**. Dissertação (Mestrado) Unisul. Tubarão, 2004

PRETI, Dino (org). **Análise de Textos Oraís**. São Paulo: FFLCH, 1993.

PRETI, Dino. **Sociolingüística: os níveis de fala**. São Paulo: Edusp, 1982.

RONCARATI, C. N.; UCHOA, J. A. C. **Enfraquecimento das fricativas sonoras**. In: _____; ALMEIDA, M. R.; ARAÚJO, M. F. Projeto Dialetos Sociais Cearenses. Fortaleza: UFC, 1988.

RODRIGUES, Dorielson do Socorro. **Da zona urbana à rural/entre a tônica e pré-tônica: o alçamento de [o]>[u] no português falado no município de Cametá/Ne paraense – uma abordagem variacionista**. Dissertação (Mestrado em Letras), Centro de Letras e Artes, Universidade do Pará, Belém, 2005.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini et al. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

SEARA, Izabel Christine. **Fonética e Fonologia do Português Brasileiro**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2008.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. **Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul**. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SILVA, Fabiana de Souza. **O processo de monotongação em João Pessoa**. In: HORA, Dermeval da. *Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa: CNPq/ILAPEC/VALB, 2004. p.29 – 44.

SILVA, Giselle Machiline. Coleta de dados. In: MOLLICA, Maria Cecília; Maria L. Braga. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2008.

SILVA, Thaís Critófaro. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SOUZA, Paulo Chagas de. *Fonologia de laboratório*. In: Fiorin, José Luiz. **Novos caminhos da linguística**. 1. Ed. São Paulo: Contexto, 2017.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

VIEGAS, M. C. **O Alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais**. 2001. 281 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

VIEGAS, M. do C. **O alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística**. 1987. 222f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. [1968]. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

WETZELS, Leo (Org.). **Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

WETZELS, W. L. **Harmonização Vocálica, Truncamento, Abaixamento e Neutralização no Sistema Verbal do Português: uma análise auto-segmental.** Caderno de Estudos Linguísticos, número 21: p. 25-58. Campinas, SP. 1991

OBRAS CONSULTADAS

ARAGÃO, Maria do Socorro. **A Neutralização dos fonemas /v, z, ʒ/ no falar de Fortaleza**, em Silvana Ribeiro / Sônia Bastos Borba Costa / Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (eds), *Dos sons às palavras. Nas trilhas da língua portuguesa.* Salvador: EDUFBA, 187-200.

ARAGÃO, Maria do Socorro / Maria Elias Soares (1996): **Variação diatópica e diastrática nos falares do Nordeste do Brasil.** Material inédito.

BATTISTI, Elisa. **A redução variável dos ditongos nasais átonos no português do sul do Brasil.** Letras de hoje, n. 35, mar; 2000.

BORTONI-RICARDO, Estella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula.** – São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CANOVAS, Maria I. F. **Variação fônica de /S/ pós-vocálico e de /v, z, ʒ/ cabeças de sílaba, na fala de Salvador.** Salvador, 1991. 168f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 1991.

CARVALHO, Rosana S. de. **Variação do /S/ pós-vocálico na fala de Belém.** Belém, 2000. 122f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Mestrado em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém-PA, 2000.

CARVALHO, Solange Carlos de. **Estudo variável do apagamento dos ditongos decrescentes orais na fala de Recife.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco. 2007.

MARTINS, Flávia S. **A pronúncia do [S] pós-vocálico nos municípios de Itacoatiara, Manacapuru, Parintins, Tefé, Barcelos e Benjamin Constant.** CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFAM, 16., 2007, Manaus

MENDONÇA, A.M.S; DIAS, C.S; OLIVEIRA, A.J. **Monotongação de ditongos nasais finais átonos em Maceió/AL.** Revista Digital do Programa de Pós-graduação em Letras da PUCRS, Porto Alegre, 2017.

NASCIMENTO, Jerfeson Silva do. **O apagamento do rótico /r/ em coda silábica no dialeto Mamanguapense: Um estudo Sociolinguístico.** Monografia de conclusão de curso, Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

PEREIRA, Gerusa. **Monotongação dos ditongos [aj], [ej], [ow] no português falado em Tubarão (SC): estudo de casos.** Dissertação (Mestrado) Unisul. Tubarão, 2004.

TOLEDO, Eduardo Elisalde. **A Monotongação do ditongo oral decrescente [ej] em Porto Alegre.** III Colóquio do PPG-Letras UFRGS. *Cadernos do IL.* Porto Alegre, junho de 2010.

APÊNDICE 1

QUADRO GERAL DOS INFORMANTES

GRUPO	LISTA DE INFORMANTES	
	HOMENS	MULHERES
1 -(18-35)	(19)	(18)
	(18)	(20)
	(21)	(19)
	(32)	(34)
2 – (36-55)	(52)	(42)
	(53)	(42)
	(50)	(55)
	(55)	(52)
3 – (+56)	(60)	(60)
	(68)	(61)
	(78)	(62)
	(79)	(71)

APÊNDICE 2

TRANSCRIÇÕES INDIVIDUAIS

INFORMANTES – SEXO FEMININO – GRUPO 1 (18 a 35 ANOS)

19 ANOS, ESTUDANTE – NÍVEL MÉDIO COMPLETO.			
Filha de agricultores (ambos com nível fundamental incompleto).			
MONOTANGAÇÃO	ALÇAMENTO	ENFRAQUECIMENTO	APAGAMENTO
Vô sô ôtras no [não] Dêxe negóço [u] Fóclore pêxe Robalhera Chamo [chamam]	[Ø]	carra [casa] mermo [u] tarra dançarra aportila Sebartião	ente [i] falá deixá juntá estudá robá postá enviá

18 ANOS, ESTUDANTE – NÍVEL FUNDAMENTAL INCOMPLETO.			
Pai – agricultor – nível fundamental incompleto.			
Mãe – funcionária pública (serviços gerais) – nível fundamental incompleto.			
MONOTANGAÇÃO	ALÇAMENTO	ENFRAQUECIMENTO	APAGAMENTO
Vô sô pôco hôve passo[u] coloco [u] quere [i] difiço [u] falaro [falaram] começô falô comento digitô	[Ø]	mermo [u] derde cartigo Sebartião Ficarra Istudarra	ente [i] istudá formá falá lavá passá passseá

20 ANOS, ESTUDANTE – NÍVEL MÉDIO COMPLETO.			
Mãe: Dona de casa – nível médio completo.			
Pai: mecânico – nível fundamental incompleto.			
MONOTANGAÇÃO	ALÇAMENTO	ENFRAQUECIMENTO	APAGAMENTO
Vô sô dô ôtro Pôco Falô	[Ø]	mermo [u] derde cartigô Sebartião Virtido jurtiça	ente [i] formá falá dançá desfilá istudá

Dançô Quere [i] Rôpa Estávo Piorô Melhorô Cartigô			viajá prestá arrumá
---	--	--	---------------------------

34 ANOS, ASS. ADMINISTRATIVO – NÍVEL SUPERIOR COMPLETO.

Mãe: dona de casa – nível fundamental incompleto.

Pai: pescador - nível fundamental incompleto.

MONOTANGAÇÃO	ALÇAMENTO	ENFRAQUECIMENTO	APAGAMENTO
Dô Sô lête Rôpa falhô dinhêro administrô valorizare [i] quere [i] estare [i] távo [estavam] primêro canto [cantam]	[Ø]	Mermo [u] Cartigo Sebartião Derde Aportila Jurtiça Rá [já] Tarra Darra Virtiu [vestiu]	ente [i] almoçá falá casá votá cuidá

INFORMANTES – SEXO FEMININO – GRUPO 2 (36 a 55 anos)

42 ANOS – DONA DE CASA – NÍVEL MÉDIO COMPLETO.

Mãe: tec. de enfermagem aposentada – Nível médio completo.

Pai: agricultor – Nível fundamental incompleto.

MONOTANGAÇÃO	ALÇAMENTO	ENFRAQUECIMENTO	APAGAMENTO
Contô Molhô Falô Misturô Ficô Estudô Pôquinho Difiço [u] Negóço [u] Jóve [i] quere [i] têre [i] fôro [foram] Nascero [u] Éro [eram]	Sumu Cuntú Fumu [fomos] Cumu Guvernu	Mermo [u] Rá [já] Tarra [h] Contarra [h] Darra [h] Mertiço [h] Aquelar [h] Derde Cartigo Sebartião Virtidinho Cirmou [cismou] Estudarra ixirtiu	ente [i] matá juntá trabalhá custá custurá nadá boiá prestá

42 ANOS – DONA DE CASA – NÍVEL FUNDAMENTAL INCOMPLETO.			
Mãe: agricultora - nível fundamental incompleto.			
Pai: agricultor - nível fundamental incompleto.			
MONOTANGAÇÃO	ALÇAMENTO	ENFRAQUECIMENTO	APAGAMENTO
Vô sô vô dô ôtra rôpa ôtros casi [quase] falaro dissero quere [i] estivére melhorô	Trusse Mutú [motor]	mermo [u] Rá [já] Darra Tarra cantarra Sebartião Cartigo Batirmo Derde Portinho ixirtia	ente [i] orá aconselhá falá cortá lavá

55 ANOS, AGRICULTORA - NÍVEL FUNDAMENTAL INCOMPLETO.			
Mãe: agricultora - nível fundamental incompleto.			
Pai: agricultor - nível fundamental incompleto.			
MONOTANGAÇÃO	ALÇAMENTO	ENFRAQUECIMENTO	APAGAMENTO
Baxinha rôpa lôça lête pêxe bêra bêrada pôcas ôtras manguera madera primero infermero melhorô quere [i] têre [e] Jóve [i] fôro [u] vinho [vinham] éro [eram] fôro[foram] tinho [tinham] cimitéro [u]	Cumu fûmus sumus nuva muça mutú butú cumeçei trusse huje gubernu	Jurtino Sebartião mermo [u] Derde portinho Pegarra [h] Istudarra Darra tarra Rá [já] Mer [mês] Cantarra Pularra	ente [i] rezá juntá amigá [amigar] lavá passeá curá faltá falá

52 ANOS - DONA DE CASA - NÍVEL FUNDAMENTAL INCOMPLETO.			
Mãe: agricultora - nível fundamental incompleto.			
Pai: agricultor - nível fundamental incompleto.			
MONOTANGAÇÃO	ALÇAMENTO	ENFRAQUECIMENTO	APAGAMENTO
Primêro	Cumu	Catecirno	ente [i]
Melhorô	Pessua	Batirmo	falá
Piorô	Furmú	mermu	juntá
Sô	Canua	Rá [já]	remá
Vô	Trusse [i]	tarra [estava]	namorá
Dô	Nuvinhu	Carra [casa]	cartigá
Lête	Muça	Estudarra	acunselhá
Pêxada		Sebartião [h]	istudá
Janêro		Rente [h]	reclamá
Dinhêro		Carra [causa]	jurá
Falaro		Cartigu	prestá
Ficaro			
Juntaro			
estudaro			
Jóve [i]			
Vinho [jovem]			
Poquinho			
Poço			
Lôsa			
Postaro [u]			

INFORMANTES – SEXO FEMININO – GRUPO 3 (mais de 56 anos)

60 ANOS – AGRICULTORA – NÍVEL FUNDAMENTAL INCOMPLETO.			
Mãe: agricultora - nível fundamental incompleto.			
Pai: agricultor - nível fundamental incompleto.			
MONOTANGAÇÃO	ALÇAMENTO	ENFRAQUECIMENTO	APAGAMENTO
Kandu	Cunfusão	Rente [h]	Ente
Jurô	Murreu	Sebartião	Juntá
Crescero [u]	Dêxu	Mermu	Falá
Insopáro [u]	Mura [mora]	Rá [já]	Rezá
Brigaro [u]	Demurandu	Mar [mas]	Apanhá
Ficaro [u]	Puxa [poxa]	Tarra [estava]	Acunselhá
Acostumaro [u]	Duis	Lerrava [levava]	Prestá
Difiçu [u]	Macunha	Tomarra	Assá
Trocô	Muça	Derde [desde]	Remá
Dare [i]	Canua	Corra [coisa]	Pescá
Pêxe	Huje		tratá
Parô	Fumu [fomos]		
Ôtro	Cunveçú		
Alagô	Prucurú		
Inventô			
Melhorô			

61 ANOS – PROFESSORA – NÍVEL SUPERIOR COMPLETO.			
Mãe: agricultora - nível fundamental incompleto.			
Pai: agricultor - nível fundamental incompleto.			
MONOTANGAÇÃO	ALÇAMENTO	ENFRAQUECIMENTO	APAGAMENTO
Motêro	Murava	Sebartião	Ente [i]
Morávo [u]	Munterada	Virtidinho	Juntá
Dêxaro [u]	Cumeçei	Virtido	Falá
Levaro[u]	Canua	Aportila	Apanhá
Primêro	Cuntadu	Portinho	Jurá
Têcero	Cumu	Mer [mês]	Dança
Negoçu	Fumu [fomos]	Darra	disfilá
Nôtro		Tarra	Rezá
Falô		Botarra	Apanhá
Mandô		Istudarra	Acunselhá
Hôve		Morarra [morava]	Prestá
Rôpa		Gostarrra	Assá
Dexô		Derde	Remá
Jurô		Rente	Pescá
Sabío [u]		Ixirtia	Tratá
Intêro			

AGRICULTORA – NÍVEL FUNDAMENTAL INCOMPLETO.			
Mãe: agricultora - nível fundamental incompleto.			
Pai: agricultor - nível fundamental incompleto.			
MONOTANGAÇÃO	ALÇAMENTO	ENFRAQUECIMENTO	APAGAMENTO
Trabalharo [u]	Nuva	Carra [casa]	Ente
Difiçu	Canua	Carra [causa]	Decorá
negóçu	Dificutusu	Chamarra	Arrumá
Lôsa	Huje	Istudarra	Casá
Brincadêra	Puesia	Andarra	Amigá [amigar]
Primêro	Sú [sou]	Mermu	Juntá
Pêxe	Fulha	Corra [coisa]	Falá
Lête	Butarra	Butarra	Rezá
Éro [eram]	Cunversandu	Darra	Apanhá
Montêro	Mucidade	Comprarra	Acunselhá
Ôtra	Nussus	Virtidinho	Prestá
Teje [i]	Muça	Virtido	Votá
Candu		Apanharra	Assá
Quére [i]		Cartigo	Remá
Cumpravo		Derde	Pescá
Trabalho [trabalham]		Gostarrra	Tratá
Agradô		Tomarra	Deitá
Levô		Aprontarra	Cuidá
Dizio [diziam]		Ficarrra	Negá
Ficaro		Portinho	
Criô			

71 ANOS – ACS APOSENTADA – NÍVEL FUNDAMENTAL COMPLETO.			
Mãe: agricultora - nível fundamental incompleto.			
Pai: agricultor - nível fundamental incompleto.			
MONOTANGAÇÃO	ALÇAMENTO	ENFRAQUECIMENTO	APAGAMENTO
Tecêro	Cumeçú	Sebartião	Ente
Depôs	Fumu [fomos]	Jurtino	Furnicá
Primêro	Canua	Portinho	Amigá
Dotôra	Canuinha	Tarra	Istudá
Cumprimento	Ulha [olha]	darra	Decorá
Candidatô	Rusana	Istudarra	Caçá
Melhurô	Butú [botou]	Trabalharra	Juntá
Tivêro	Cunvite	Rá [já]	Falá
Fôro [u]	Cumeçaru	Cirmei [cisme]	Rezá
	Apusentei		Apanhá
	Huje		Acunselhá
	Ficú [ficou]		Prestá
	Cunselhu		Assá
	Prucurú		Remá
	Furmadu		Pescá
	Furú		Tratá

INFORMANTES - SEXO MASCULINO – GRUPO 1 (18 a 35 anos)

18 ANOS – ESTUDANTE – NÍVEL MÉDIO INCOMPLETO.			
Mãe: professora – Nível superior incompleto.			
Pai: funcionário público – Nível superior completo.			
MONOTANGAÇÃO	ALÇAMENTO	ENFRAQUECIMENTO	APAGAMENTO
Sô	Cumu [como]	Sebartião	Esperá
Vô		Aportila	Deixá
Primêro		Invertido [investido]	Pecebê
Ôtras		Cartigado	Confiá
Sêri [serem]		Rente [h]	Fazê
Têri [terem]			Acordá
Falô			Querê
Estudô			Ente [i]
Começô			
Janêro			

19 ANOS – ESTUDANTE – NÍVEL MÉDIO COMPLETO.			
Mãe: dona de casa – Nível fundamental incompleto.			
MONOTANGAÇÃO	ALÇAMENTO	ENFRAQUECIMENTO	APAGAMENTO
Vô [vou]	Fumu [fomos]	Sebartião	Ente [i]
Dô [dou]	Sumu [somos]	Aportila	Cursá
Bricavo[am]		Morarra	Istudá

Acontecero [am] Chamo [am]		Mermo	trabalhá Tentá Mudá Pensá Ajudá Fazê Ajeitá
-------------------------------	--	-------	---

21 ANOS – MECÂNICO – NÍVEL FUNDAMENTAL COMPLETO

Mãe: Dona de casa - nível fundamental incompleto.

Pai: agricultor - nível fundamental incompleto.

MONOTANGAÇÃO	ALÇAMENTO	ENFRAQUECIMENTO	APAGAMENTO
Chamo [am] Sô [sou] Vô [vou] Falo [am] Calo [am]	[Ø]	Tarra Terre [teve] Rente Sebartião Jurtiça Rá [já] Mermo	Ente [i] Ispécializá Montá Pensá Ajeitá Tocá Limpá trabalhá

32 ANOS – AÇOUGUEIRO – NÍVEL FUNDAMENTAL INCOMPLETO.

Mãe: dona de casa - nível fundamental completo.

Pai: agricultor - nível fundamental incompleto.

MONOTANGAÇÃO	ALÇAMENTO	ENFRAQUECIMENTO	APAGAMENTO
Sô [sou] Dificis Benefiçu Mudáro [u] Surgiro [u] Viéro [u] Melhoráro [am] Posso [am] Primêro Dinhêro	Dificutusu Cumú [como] Fumú [fomos] Huje	Mermo Aportila Harte [hastes]	Ente [i] Pristigiá Buscá Ralhá Focá Falá Orá Trazê Dizê

INFORMANTES - SEXO MASCULINO – GRUPO 2 (36 a 55 anos)

CARPINTEIRO - NÍVEL FUNDAMENTAL INCOMPLETO.

Mãe: agricultora - nível fundamental incompleto.

Pai: agricultor - nível fundamental incompleto.

MONOTANGAÇÃO	ALÇAMENTO	ENFRAQUECIMENTO	APAGAMENTO
candu cruzero difiçu	Nu (não) Uvia (ouvia) Canua	Jurtino Mermu ficarra	Tê Fazê Ajudá

janero negóçu ôtras pexe poças manguerão deixávo [deixavam] falávo [falavam] faze [fazem] brincadera parcero ovia [ouvia] dinhêro rôbu [roubo]	Cum Cumu Pessua Cunjuntu cumeçei pulícia Bulu Bua Cuisa Cumandadu Depus Fusse trussi Huji Jugu Pessua Prucurá Turneio	mandarra pegarra Sebartião Tarra Darra trocarra Morarra Incontrarra Derde Pegarra Pegarra Voltarra Corra [coisa] ajudarra Rá –já brigarra	buscá Falá Comprá Atrapalhá Brincá dançá Ente Ti – [gente] Trabalhá Istudá
---	--	--	---

50 ANOS – COMERCIANTE – NÍVEL FUNDAMENTAL COMPLETO.**Mãe: agricultora - nível fundamental incompleto.****Pai: agricultor - nível fundamental incompleto.**

MONOTANGAÇÃO	ALÇAMENTO	ENFRAQUECIMENTO	APAGAMENTO
Dinhêro rôpa primêro kondu [quando] dôtro vô geladêra janêro chamávo [am] melhorô infernêro fôru [foram] mando aplicaro [am] partêra ígol [igual] plantô dávo [davam] tratavo [am] aceitáro deixáro [am] presevavo [am] parô déro [deram] difiçu lête	Nuvu Cumu Canua Mutô Butava Pudê [poder] Subesse Namurá Namurarra Butava purrada murreu cunhecia gustava cunselhu	Pegarra Rá [já] Morarra Mermo Chegarra Rente Sebartião Darra Tarra [tava] Terre [teve] Trabalharra namurarra pegarra cartigo levantarra butarra ganharra respeitarra Ramos [vamos] Virtido	Imprestá Capiná Trabalhá Ente [gente] Te [gente] Dançá Falá Tê [ter] Contá Maió Melhó Tocá Fedô Namurá Té [Até] perguntá agricutô cumê melhorá pegá inganá professô mexê intregá robá

pôca matêga chamávo [am] falô pego			
--	--	--	--

52 ANOS – COMERCIANTE – NÍVEL FUNDAMENTAL COMPLETO.**Mãe: agricultora - nível fundamental incompleto.**

MONOTANGAÇÃO	ALÇAMENTO	ENFRAQUECIMENTO	APAGAMENTO
Tornô Formô mudô Éro [eram] Chegáro [am] Caíro [am] Fôro [am] Acabaro [am] Fundô Negóçu Trussero [am] Pêxe	Murreru Muntêru Huje Butaru Culucávu Trusseru Trusse governanti	Sebartião Mermo terre rente brigarra cartigo	Morado Tê [ter] Pescá Voltá ente [gente]

55 ANOS – PROFESSOR – NÍVEL SUPERIOR COMPLETO.**Mãe: agricultora - nível fundamental incompleto.****Pai: agricultor - nível fundamental incompleto.**

MONOTANGAÇÃO	ALÇAMENTO	ENFRAQUECIMENTO	APAGAMENTO
Balatêro Janêro Primêro Fundáro [am] Fôro [am] Primêro atumã Andávo [am] Pegáro [am] Subiro [am] Fizéro [am] Celebraro [am] Ôtros Viéro [am] Ficô entrô Ficaro [am] Contum [am] Chegaro [am] Descero [am] Pexêro Subire [em]	Cumeçarú Canua Furum cumu trabalu cunsiuiu	Jurtino Sebartião Ficarra Morarra Prertis Fertival Lembrarra	Trabalhá Té [até] Pescá Apedrá Militá Ente Té [até] Falá Empenhá Prepará

Presevô Tomáro [am] Difiçu Pôca Falô			
--	--	--	--

INFORMANTES - SEXO MASCULINO – GRUPO 3 (mais de 56 anos)

60 ANOS – VIGIA APOSEN. – NÍVEL FUNDAMENTAL INCOMPLETO.			
Mãe: agricultora - nível fundamental incompleto.			
Pai: agricultor - nível fundamental incompleto.			
MONOTANGAÇÃO	ALÇAMENTO	ENFRAQUECIMENTO	APAGAMENTO
Primêra Janêro Negór [negócio] Madêra Pêxe difiçu terminô kandu bêra gritô nôtro levô olhô pêxinhu perguntô inchô quebrô ôtro achô passô brincadêra	Trussessi Jugu Mutú Cunjuntu Pus é Canua Ruçadu culhendu prudutu nua fumu dezuitu nuite subrinhu cunheci casamu	Sebartião Mar [mas] Lotarro Prertis Plantarra merma rá [já] tarra darra gostarrra tirarra pegarra andarrra acordarra pagarra mer [mês] derdo [desde o] aumentarra merma reumatirmo carra lerrá gertante ixirtia	Ente [gente] Pescado Té [até] Começá Comprá Roçá Plantá Puxá Aduecê Dotô Mandá Olhá

68 ANOS – AGRICULTOR – NÍVEL FUNDAMENTAL INCOMPLETO.			
Mãe: agricultora - nível fundamental incompleto.			
Pai: agricultor - nível fundamental incompleto.			
MONOTANGAÇÃO	ALÇAMENTO	ENFRAQUECIMENTO	APAGAMENTO
Dinhêro Criô Pôco Istudô Dexô Passô Janêro	Butarra Muntêru cumeçei unzi [onze] murei cunheci murreu	Sebartião Derde Morarra trabalharrra mermo salgarrra secarra	Ente [gente] Mantê Trabalhá Dizê Gravado Cumê Tê [ter]

Chamavo [am] Primêra Comprô Mudô Pioro Dôtra	curunel cumerciante mudú nuvu jugava [julgava]	carra [causa] ixirtia carra [casa]	aconselhá
---	--	--	-----------

79 ANOS – AGRICULTOR – NÍVEL FUNDAMENTAL COMPLETO.**Mãe: agricultora - nível fundamental incompleto.****Pai: agricultor - nível fundamental incompleto.**

MONOTANGAÇÃO	ALÇAMENTO	ENFRAQUECIMENTO	APAGAMENTO
Pacêro Chego Primêro Fundo Casáro [am] Morávo [am] Tivêro [am] Mexero [am] Tiraro [am] Cadêra Quebrô Levô pagô demorô Ôtra otubru Pôco Pêxe Virô Passô voltô parô Olhávo [am] Hospitalêra Matávo [am] Cantávo [am] Dançavo [am] Difiçu Berada Vinho [am] Festêro Janêro	Fumu Cumeçei Uitu Puxa [poxa] A tua [toa] Cumeçu Cunhecia butáru Utru Prufessura Murria namurei Nume quebrú Tumei Nuite Cumú Mutú Canua Cumérciu	Sebartião Cartigu Jurtino Mermo Paludirmo ixirtia darra tarra contarra carra [casa] carra [causa] rente [gente]	Istudá Errá Cumê Disligá Pescadô Vendê Namorado Casá Ficá Cumpra Dexá Murrê Tirá Andá Organizá Ente [gente]

78 ANOS – APOSENTADO – NÍVEL FUNDAMENTAL INCOMPLETO.			
Mãe: agricultora - nível fundamental incompleto.			
MONOTANGAÇÃO	ALÇAMENTO	ENFRAQUECIMENTO	APAGAMENTO
Kandu	Muvimentadu	Sebartião	Trabalhá
Agarrô	cumprei	Rá [já]	Metê
Comprô	tumandu	Pararra	Decorá
Vô	cunta	Tarra	Respeitá
Passô	murreu	Istudarra	
Inchô	cumeçei	Ficarra	
Indireitô	mudeu	Corra [coisa]	
Mandô	nuvu	mermo	
Criô	mutú		
	cunselhu		

APÊNDICE 3

Monotongação

Grupo 1		Grupo 2		Grupo 3	
MULHERES	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES	HOMENS
administrô	Acontecero	Baxinha	Acabaro [am]	Acostumaro	achô
canto [am]	[am]	bêra	Aceitáro [am]	[am]	bêra
Chamo [am]	Benefiçu	bêrada	Andávo [am]	Agradô	Berada
colocô	Bricavo[am]	casi [quase]	aplicaro [am]	Alagô	brincadêra
começô	Calo [am]	Contô	atumã	Brigarô [am]	Cadêra
comentô	Chamo [am]	Difiço [u]	Balatêro	Brincadêra	candu
Dêxe	Começô	Dinhêro	brincadera	Candidatô	Cantávo [am]
difiço [u]	Dificis	Dissero [am]	Caíro [am]	Candu	Casáro [am]
digitô	Dinhêro	dô	candu	Crescero [am]	Chamavo [am]
dinhêro	Dô [dou]	Éro [am]	Celebraro [am]	Criô	Chegô
Dô	Estudô	estivére [em]	chamávo [am]	Cumpravo	Comprô
estare [em]	Falô [ou]	estudáro [am]	Chegáro [am]	[am]	Criô
falaro [am]	Falo [am]	Estudô	Conto [am]	Cumprimentô	Dançavo [am]
falhô	Janêro	Faláro [am]	cruzero	Dare [em]	demorô
falô	Melhoráro	Falô	dávo [davam]	Depôs	Dexô
Fóclore	[am]	Ficaro	deixáro [am]	Dêxaro [am]	Difiçu
hôve	Mudáro [u]	Ficô	deixávo [am]	Dexô	Dinhêro
lête	Ôtras	fôro [am]	déro [deram]	Difiçu	Dôtra
negóço [u]	Posso [am]	infermero	Descero [am]	Dizio [am]	Festêro
no [não]	Primêro	Janêro	Difiçu	Dotôra	Fundô
ôtras	Sêri [em]	Jóve [em]	Dinhêro	Éro [am]	gritô
passô	Sô	Juntaro [am]	dôtro	Falô	Hospitalêra
pêxe	Surgiro [u]	Lête	entrô	Ficaro [am]	inchô
pôco	Têri [em]	lôça	Éro [eram]	Fôro [am]	Istudô
primêro	Viéro [u]	Lôsa	falávo	Hôve	Janêro
quere [em]	Vô	madera	[falavam]	Insopáro [am]	levô
Robalhera		manguera	Falô	Intêro	Madêra
Rôpa		Melhorô	faze [fazem]	Inventô	Matávo [am]
Sô		Misturô	Ficáro [am]	Jurô	Mexero [am]
távo [am]		Molhô	Ficô	Lête	Morávo [am]
valorizare [em]		Nascero [am]	Fizéro [am]	Levaro[am]	Mudô
Vô		Negóço [u]	Formô	Levô	Negór [cio]
		Ôtra (o, s)	Fôro [am]	Lôsa	nôtro
		Pêxada	Fundáro [am]	Mandô	Olhávo [am]
		pêxe	Fundô	Melhorô	olhô
		Piorô	geladêra	Montêro	Ôtra
		pôca	infirmêro	Morávo [am]	ôtro
		pôco	Janêro	Motêro	Ôtubru
		Pôquinho	kondu	Negoçu	Pacêro
		Postáro [u]	[quando]	Nôtro	pagô
		Primêro	lête	Ôtra	parô
		quére [i]	mandô	Ôtro	Passô
		rôpa	manguerão	Parô	perguntô
			matêga	Pêxe	Pêxe

		Sô têre [em] tinho [am] Vinho [am] Vô	melhorô mudô Negóçu ôtras Ôtros ovia [ouvia] parcero parô partêra Pegáro [am] pegô pêxe Pexêro plantô pôca presevavo [am] Presevô Primêro rôbu [roubo] rôpa Subire [em] Subiro [am] Tomáro [am] Tornô tratavo [am] Trussero [am] Viéro [am] vô	Primêro Quére [em] Rôpa Sabío [am] Tecêro Teje [em] Tivéro Trabalharo [am] Trabalho [am] Trocô	pêxínu Pioro Pôco Primêra Primêro Quebrô terminô Tiraro [am] Tivéro [am] Vinho [am] Virô voltô
--	--	---	--	--	---

Alçamento de vogais posteriores [o] –: [u]

Grupo 1		Grupo 2		Grupo 3	
MULHERES	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES	HOMENS
[Ø]	Cumu Dificutusu Fumu Huje Sumu	butú Canua cumeçei Cumú Cuntú Fumu Furmú Guvernú gubernu huje Muça mutú nuva Nuvínu Pessua	Bua Bulu Butaru Butava Canua Cuisa Culucávu Cum Cumandadu Cumeçaru cumeçei Cumú cunhecia Cunjuntu cunselhu	Apusentei Butarra Butú [botou] Canua Canuinha Cumeçaru Cumeçei Cumeçú Cumú Cunfusão Cunselhu Cuntadu Cunveçú Cunversandu Cunvite	A tua [toa] butarra butáru Canua casamu culhendu Cumeçei Cumeçu cumerciante Cumérciu cumprei Cumú cunheci cunheci Cunhecia

		Sumu sumus Truxe	cunsguiu Depus Furum Fusse gustava governanti Huje Jugu Muntêru Murreru murreu Mutú Namurá Namurarra Nu (não) Nuvu Pessua Prucurá Pudê [poder] pulicia purrada Subesse trabalhu Truxe Truxêru Turneio Uvia (ouvia)	Demurandu Dêxu Dificutusu Duis Ficú [ficou] Fulha Fumu [fomos] Furmadu Furú Huje Macunha Muça Mucidade Munterada Mura [mora] Murava Murreu Nussus Nuva Prucurú Puesia Puxa [poxa] Rusana Sú [sou] Ulha [olha]	Cunjuntu cunselhu cunta curunel dezuitu fumu jugava [julgava] Jugu mudeu mudú Muntêru murei murreu Murria Mutú Muvimentadu namurei Nuite Nume nuva nuvu prudutu Prufessura Pus é Puxa [poxa] quebrú Ruçadu subrinhu Truxessi tumandu Tumei Uitu unzi [onze] útru
--	--	------------------------	--	---	---

Enfraquecimento de fricativas [v], [h], [ʒ] – [h]

Grupo 1		Grupo 2		Grupo 3	
MULHERES	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES	HOMENS
Aportila	Aportila	Aquelar [h]	Ajudarra	Andarra	acordarra
Carra [casa]	Cartigado	Batirmo	Brigarra	Apanharra	andarra
Cartigo	Harte [hastes]	Cantarra	Butarra	Aportila	aumentarra
Cartigô [ou]	Invertido	Cartigo	Cartigo	Aprontarra	carra [casa]
Dançarra	[investido]	Catecirmo	Chegarra	Botarra	carra [causa]
Darra	Jurtiça	Cirmou [s]	Corra [coisa]	Butarra	Cartigu
Derde	Mermo	Contarra [v]	Darra	Carra [casa]	Contarra
Ficarra	Morarra	Darra [v]	Derde	Carra [causa]	Corra [coisa]
Istudarra	Rá [já]	Derde [s]	Fertival	Cartigo	Darra
Jurtiça	Sebartião	Estudarra	Ficarra	Chamarra	Derde

Mermo [u] Rá [já] Sebartião Tarra Virtido Virtiu [vestiu]	Tarra Terre [teve]	ixirtia ixirtiu Jurtino Mer [mês] Mermo [u] Mertiço [h] Pegarra [h] Portinho Pularra Rá [já] Rente [h] Sebartião [h] Tarra [h] Virtidinho	Ganharra Incontrarra Jurtino Lembrarra Levantarra Mandarra Mermo Morarra Namurarra Pegarra Prertis Rá [já] Ramos [v] Rente Respeitarra Sebartião Tarra Terre Trabalharra Trocarra Virtido Voltarra	Cirmei [cisme] Comprarra Corra [coisa] Darra Derde [s] Ficarra Gostarra Istudarra Ixirtia Jurtino Lerrava [levava] Mar [mas] Mer [mês] Mermu Morarra [morava] Portinho Rá [já] Rente [h] Sebartião Tarra [estava] Tomarra Trabalharra Virtidinho Virtido	Derdo [desde o] Ficarra Gertante Gostarra Istudarra Ixirtia Jurtino Lerrá [levá] Lotarro Mar [mas] mer [mês] merma Mermo Morarra Pagarra Paludirno Pararra Pegarra Plantarra Prertis Rá [já] Rente [gente] Reumatirno Salgarra Sebartião Secarra Tarra Tirarra Trabalharra
--	-----------------------	--	---	--	--

Apagamento de fricativas [h], [ʒ]

Grupo 1		Grupo 2		Grupo 3	
MULHERES	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES	HOMENS
Almoça	Acordá	aconselhá	Agricutô	Acunselhá	Aconselhá
arrumá	Ajeitá	amigá	Ajudá	Amigá	Aduecê
casá	Ajudá	[amigar]	Apedrá	Apanhá	Andá
cuidá	Buscá	boiá	Atrapalhá	Arrumá	Casá
dança	Confiá	cartigá	Brincá	Assá	Começa
deixá	Cursá	cortá	buscá	Caça	Comprá
desfilá	Deixá	curá	Capiná	Casá	Cumê
ente [i]	Dizê	custá	Comprá	Cuidá	Cumprá
enviá	Ente [i]	custurá	Contá	Dança	Decorá
estudá	Esperá	ente [i]	cumê	Decorá	Dexá
falá	Falá	falá	dança	Deitá	Disligá
formá	Fazê	faltá	Empenhá	Disfilá	Dizê
istudá	Focá	istudá	Ente	Ente [i]	Dotô
juntá	Ispecializá	juntá	Falá	Falá	Ente [gente]
lavá	Istudá	jurá	Fazê	Furnicá	Errá

passá passeá postá prestá robá viajá votá	Limpá Montá Mudá Orá Pecebê Pensá Pristigiá Querê Ralhá Tentá Tocá trabalhá Trazê	lavá matá nadá namorá orá passeá prestá reclamá remá rezá trabalhá	Fedô Imprestá inganá intregá Istudá Maió Melhó melhorá mexê Militá Morado Namurá pegá perguntá Pescá Pescá Prepará professô robá Té [até] Tê [ter] Ti – [gente] Tocá Trabalhá Voltá	Istudá Juntá Jurá Pescá Prestá Remá Rezá Tratá Votá	Ficá Gravadô Istudá Mandá Mantê Metê Murrê Namoradô Olhá Organizá Pescadô Plantá Puxá Respeitá Roçá Té [até] Tê [ter] Tirá Trabalhá Vendê
---	---	--	---	---	--

APÊNDICE 4

QUADRO DE MONONTOGAÇÃO

[ai]	[ou]	[ei]	[io]	[ua]	[ei]
baxinha caxa	Dotôra Dôtra dôtro Fóclore hôve lôça Lôsa nôtro Ôtra (o, s) Ôtubru ovia [ouvia] poca (o, s) Pôquinho rôbu [roubo] rôpa	Balatêro bêra bêrada brincadera Cadêra cruzero Dêxe dinhêro Festêro geladêra Hospitalêra infermero Janêro lête Madêra manguera manguerão matêga Montêro Parcêro partêra Pêxada pêxe pexêro pêxihu primêra primêro robalhera rosera tercêro	benefiçu difiço negóço	Candu Condo casi	jove

3ª p.p - [am] presente do indicativo	3ª p.p - [vam] pretérito imperfeito – modo indicativo.	3ª p.p - [ram] pretérito perfeito – modo indicativo.	3ª p.s - [ou] pretérito perfeito – modo indicativo	3ª p.p [em]- (futuro do subjuntivo ou infinitivo pessoal)
Cálo Chamo Conto Fálo Páso faze quere	Andávo bricavo cantávo chamavo Cumpravo Dançavo dávo deixávo Dizio Éro falávo Matávo Morávo Olhávo presevavo Sabío távo tinho tratavo	Acabaro Aceitáro acontecero Acostumaro aplicaro brigaro caíro casáro celebraro Chegáro Crescero deixáro Descero déro Dêxaro Dissero estudáro Faláro Ficaro Fundáro Insopáro Juntaro Levaro melhoráro mudáro nascero Pegáro Fôro Mexero Postáro Subiro surgiro Tiraro Tivéro Tomáro Trabalharo Trozero Viéro	achô administrô agradô alagô candidatô chegô colocô começô comentô comprô contô criô cumprimentô demorô dexô digitô dô entrô estudô Estudô falhô falô Ficô formô fundô gritô inchô inventô Istudô Juro juntô levô Mandô melhorô misturô molhô mudô olhô pagô passô pegô perguntô piorô plantô presevô quebrô	Dare (inf. Pessoal) Deixare (inf. Pessoal) estare (inf. Pessoal) estivére (fut.) Sêri (inf. Pessoal) Subire (inf. Pessoal) Teje (esteja – presente do sub.) Têre (inf. Pessoal) valorizare (fut.) tomare (inf. Pessoal)

			sô terminô Tornô Trocô Virô vô voltô	
--	--	--	--	--

EXEMPLODE MONOTONGAÇÃO EM ORAÇÕES

[io]

“e::: *negóço debrincadera*, nossa *brincadera* era depulá nágua, fugí de casa [...]”
(Ernane, 56)

“então eu gostava muito desse *negóço* de matemática” [...] (Pedro, 78)

“agora trabalhá já é outra coisa, já é mar *difiço*” [...] (Thayane, 18)

“aí eu num quis mais, eu já tinha um bucadu de minina, aí fica *difiçu* a gente botá padrastu, né? [...]” (Célia Neves, 60)

“num come olho, só *negóçu* de fruta” [...] (Célia Neves, 60)

[ei]

“vinte de *janero*, festa di São Sebartião, né?” [...] (Inácio, 60)

“Tinha muito *pêxe*, intão é isso aí é saudade disso” [...] (José Carlos Moraes, 52).

“aí final de semana eu *vô::* ah eu *vô* tomá banho por aí na *bêra*, de rio, tomá banho”.
[...] (Thayane, 18)

“antigamente, é, o homem é::: era ele que trazia o *dinhero*, trazia a comida prá dentro de casa” [...] (Helena Soares, 34)

“di *primêro* era assim as nossas o fardamento era de lá da do governo” [...] (Rosevana, 42)

[ou]

“pé dela *inchô*, o rostu dela *inchô* assim era água no sangue” [...] (Inácio, 60)

“as vezi eu também gosto de:: um *poquinho* assim de arrumá a casa, assim um *poco*” [...] (Yan Silva, 18)

“de lá *chegô* o Valdemar se *juntô* com a minha filha essa Rosilene”. (Pedro, 78)

“*vô* fazê cumida, ajudo lavá *rôpa*, vasilha, essas coisas, aí”. (Thayane, 18)

“eu purquê chuveu aí *molhô* meu meu meus documentos que era:: tipo assim original”. [...] (Rosevana, 42)

[am]

“aí tinha um grupo aqui, né, “grupo velho” que *chamavo*”. [...] (José Carlos Monteiro, 50)

“*fôro* lá cum ele” [...] (José Carlos Monteiro, 50)

“quanto também nos ensinamento que as oportunidade elas *surgiro*” (Orlando, 32)
aqueles moradores antigo também *fôru, fôru* morrendo se *acabaro* né? (José Carlos Moraes, 52).

“as pessoa *falo* qui a mulhé num tem muito valor, né? [...] (Rejane, 42)

[em]

“Sim! Num respeito não, *pásso* direto parece que num *quére* nem sabê quem tá na frente” [...] (Thayane, 18)

“num vai demorá tanto não prá prá eles *valorizare* a mulhé, né?” [...] (Helena Soares, 34)

“purquê agora num *quére* mais atendê os conselho dos mais velho né?” [...] (Neth, 55)

“podem rá *dareum* empurrão nos velho ((risos))” [...] (Célia Neves, 60)

“vãum nu postu procurá um remédiu prá vocês tomare qui tem” [...] (Ecirene, 62)

[ua]

“eu tinha tinha:: *candu* eu comecei a trabalhá eu tinha seti anos”[...] (José Carlos Monteiro, 50)

“as festa que tem as *vêzi*, as *vêzi candu* o prefeito faz” [...] (Yan Silva, 18)

“que *casi* num num sei muitas coisas que eu vejo” [...] (Rejane, 42)

“ah mana na minha época *cando* eu mora, quando eu era nuva” [...] (Ecirene, 62)

“*candu* ela comprava um virtidinho di chita pra mim era maió alegria mana” [...] (Maria Inês, 61)

[ai]

“tinha as praia na frente cum avroris cum aquelas avroris bem bem *baxinhas*” [...] (Neth, 55)

“aquela *caxa* água prá conservá água piquena” [...] (Neth, 55)

PRINCÍPIO DO CONTORNO OBRIGATÓRIO (PCO)

[ʃ] → [tʃ] → [h]

Aportila

Batirmo

Cartigado

Cartigo

Cartigô [ou]

Catecirmo

Fertival

Harte

Invertido [investido]

Ixirtia

ixirtio

Jurtiça

Jurtino

Paludirmo

Portinho

Prertis

Sebartião

Virtido

Virtiu

Exemplos em orações:

“a época que eu me lembre, São *Sebartião* acho que eu tarra cum sese:::is anas prá frente eu me lembru”[...] (Ernane, 53)

“tu ia ficá di *cartigu* até tu aprendê.. té tu aprendê” [...] (José Carlos Monteiro, 52 anos)

“os moradores que *exirtio*, que chegaro no município na época, moradô mais velho” [...] (José Carlos Moraes, 50 anos)

“Quandu u pai da gente comprarra vinha aqueles paninho finiiinhu comprarrum prá gente fazia aqueles *virtidinho*”. [...] (Ecirene, 62)

“A dona Loca ela era enfermera da::: qui trabalhava no *portinho* né, di saúde” [...] (Neth, 55)

“candu ela comprava um *virtidinho* di chita pra mim era maió alegria mana, porque num num tinha condiçõis, né?” [...] (Maria Inês, 61)